



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

TrAbAlHo e QuImErAS:
dilema vivido pelo jovem operário

Cristiane A. Fernandes da Silva

São Paulo/SP, 2003



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

TrAbAlHo e QuImErAS:
dilema vivido pelo jovem operário

ed. revisada

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa
de Sociologia no Deptº de
Sociologia da FFLCH-USP,
como requisito parcial para
obtenção do título de mestre.

Orientadora: M^a Helena O. Augusto

Cristiane A. Fernandes da Silva

São Paulo/SP, 2003

Ficha Catalográfica

Silva, Cristiane A. Fernandes da.

Trabalho e Quimeras: dilema vivido pelo jovem operário / Cristiane A. Fernandes da Silva. -- São Paulo: USP, 2002.

225 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade de São Paulo, 2002.

1. Significado do trabalho – Trabalho. 2. Jovem. 3. Trabalhador – Operário. 4. Trajetória Ocupacional. 5. Qualificação. 6. Profissão – Ocupação. 7. Educação. 8. Família. 9. (In)satisfação no Trabalho – Sonho Operário. 10. Subjetividade. 11. Identidade. I. Título.

À memória de Joana, minha vizinha imortal

“Os seres humanos não se tornam coisas. Isto só sucede na escravidão [...] e na prostituição [...] O trabalho humano, com suas determinações complexas não é completamente apreendido por esta forma [mercadoria] e não lhe torna imanente como um conteúdo adequado” (Lefebvre, 1966: 71).

“[A] cotidianidade [da classe operária] se compõe sobretudo de pressões e comporta um mínimo de apropriações [...] A apropriação pelo ser humano do seu desejo acha-se, no mundo moderno, suspensa a meio caminho entre o real e o possível, na transição entre a ação prática e o imaginário” (Lefebvre, 1991: 94 e 101).

Agradecimentos

Como tudo que é fruto do social dispõe de uma natureza cujo traço é o coletivo, esta dissertação também resulta de relações sociais nas quais se desençaram sentidos acadêmicos, de amizades, familiares e econômicos. A viabilidade desta pesquisa só foi possível com o esforço conjunto de instituições e de várias pessoas que estiveram ao meu redor, e é a elas que dedico esse momento tão emocionante.

Inicio agradecendo à Maria Helena, minha preciosa e inestimável orientadora, que graças às suas sugestões e sua leitura extremamente minuciosa e primorosa, botando os pingos nos *is* em cada parágrafo de todas as versões deste texto, conseguiu, pela formatação melhorada, um sentido mais claro das idéias. Agradeço também à pessoa da Maria Helena que, além de orientadora, sempre se colocou à disposição para ouvir os meus problemas extra-acadêmicos e que, com palavras de consolo, me deu ânimo e incentivo.

Meus agradecimentos especiais à Heloísa Martins, que me inseriu no mundo da pesquisa quando aceitou orientar-me na iniciação científica, em 1997. Foi ali que os meus horizontes na academia se abriram e eu pude acreditar que poderia seguir adiante. Devo muito a ela, uma pessoa bastante especial para mim, que sempre esteve preocupada tanto com o meu desempenho acadêmico quanto com o meu sustento material. Também sou muito grata pelas indicações metodológicas que a Heloísa me forneceu para esse trabalho e, sobretudo, por sua predisposição, nos momentos de impasse e desespero que vivi na pesquisa de campo, em me tranquilizar com a sua experiência e apoio amigo.

Sou muito grata também à Leny, que me ajudou, com as preciosas informações transmitidas, em seu curso sobre trabalho e subjetividade, a encaminhar esta dissertação para uma abordagem teórica com a qual estabeleci maior identidade e sem as quais, eu não teria condições de propor a continuidade da pesquisa, mais adiante.

Não posso deixar de expressar minha gratidão à Régia, pelas discussões que tivemos durante esses últimos anos a respeito de nossas pesquisas sobre juventude. Mas, agradeço principalmente a amiga que ela me tem sido, além de fonte permanente de estímulo e um exemplo que segui ao poder contar sempre com suas experiências recentes em pesquisa.

Agradeço também à Lourdes, que soube ouvir-me nos momentos difíceis da realização deste trabalho e que me indicou alguns jovens para serem pesquisados.

À Nilza, por sua pronta disposição em levar-me até às casas de alguns jovens, lugares a que eu jamais teria chegado sem a sua companhia.

À Aline, jovem que, paciente e amavelmente, não só me levou até alguns jovens como me acompanhou durante algumas entrevistas.

À Tereza, que também trouxe alguns jovens para participarem desta pesquisa e que, solícitamente, me sediou em sua casa por duas vezes, na qual pude realizar parte da pesquisa de campo.

Agradeço imensamente ao Basilio e ao Luiz, companheiro e amigo, que pacientemente me acompanharam em todas as entrevistas, durante três meses, por recantos desconhecidos, até então, por nós, e que sempre me deram força e me fizeram acreditar que esse momento seria possível.

Aos meus familiares, em especial à minha mãe, que souberam me esperar quando tive de abandoná-los pelos livros, descuidando-me da vida familiar, agradeço toda compreensão que tiveram comigo.

Todavia, fazer emergir nomes e contribuições de todas essas pessoas não implica torná-las participantes dos tropeços e eventuais falhas que esta dissertação possa apresentar.

Gostaria de agradecer o apoio financeiro concedido pelo CNPq durante dois anos, com o qual pude contar com relativa tranquilidade para o desenvolvimento da pesquisa.

Quero agradecer ainda a ajuda de custo que me foi dada pelo Departamento de Sociologia, na pessoa do professor Sedi Hirano, para subsidiar parcela dos gastos com a pesquisa de campo.

Agradeço, em particular, aos jovens entrevistados que cederam seu tempo de lazer nos finais de semana, tornando-se disponíveis às indagações do trabalho de campo, dando substância e sentido real a esta pesquisa. Sou muito agradecida também aos seus familiares, que foram extremamente receptivos e generosos quando nos receberam em seus lares.

Finalmente, meus agradecimentos a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram nesta pesquisa e que, mesmo sem saber, me ajudaram a dar sentido e tornar realidade este acontecimento tão importante da minha vida.

Resumo

A inserção prematura do jovem trabalhador no mundo do trabalho visa o complemento da renda familiar, a afirmação de sua autonomia e a efetivação do valor simbólico que confere ao trabalho. Contudo, a pertença a um estrato de classe de baixa renda, sua pouca qualificação educacional, sobremaneira profissional, e as escassas oportunidades que lhes são oferecidas pelo mercado de trabalho, constituem obstáculos para que esse jovem ocupe um ofício que o satisfaça subjetivamente. A abordagem desta pesquisa consiste em perquirir os dilemas por que passa o jovem operário dividido entre as aspirações subjetivas, em relação a uma profissão desejada, e as condições objetivas de sua ocupação. Trata-se, portanto, de focar e esquadrihar o conflito entre trabalho real e anseio subjetivo e as estratégias que os jovens operários utilizam para sobrepujá-lo, à medida que procuram delinear suas identidades de trabalhadores.

Abstract

The premature insertion of the worker young in the labour's world aims to fill in the familiar income, the affirmation of his autonomy and the execution of the symbolic value that he awards for the labour. However, the fact that he belongs a class stratum whose income is low, his little educational qualification, above all the professional, and the scarce opportunities offered him by the labour market, constitute obstacles for this worker young to occupy a craft that satisfy him subjectively. The approach of this research consists of investigating the dilemmas by that lives the worker young divided among the subjective aspirations, in regard to a dreamed profession, and the objective conditions of his occupation. Thus, the purpose here is to focus and to examine the conflict between real work and subjective aspiration and also the strategies used by the worker youths to overcome it, at the same time that they search to outline their workers' identities.

SUMÁRIO

Introdução

1 Introduzindo o tema	12
2 Justificativa da pesquisa	15
3 Problema de investigação	21
4 Objetivo	22
5 Hipóteses levantadas	23
6 Apresentação da dissertação	25

Parte I Abordagem Teórica e Metodológica

Capítulo 1 Considerações sociológicas acerca do trabalho e do jovem

Introdução	27
1.1 O jovem e o sentido do trabalho	28
1.2 Qualificação e identidade profissional	36
1.3 Família e valor cultural do trabalho	42
1.4 Anseio profissional <i>versus</i> projeto profissional	46
1.5 Subjetividade do trabalhador	48
1.6 Instrumentalização da sociedade moderna	50
1.7 A simbologia do trabalho	53
1.8 Apropriação do sentido do trabalho	57

Capítulo 2 Percurso de campo e percalços do caminho

Introdução	63
2.1 Metodologia	64
2.2 Técnicas de campo	67
2.2.1 Escolha e perfil dos jovens	68
2.2.2 O contato indireto com os jovens	71
2.2.3 Entrevistas nos domicílios	73
2.2.4 Diário de campo	75
2.3 Fases do desenvolvimento da pesquisa	76
2.4 Mapeamento das redes e malhas	78
2.5 Relacionamento entre pesquisados e pesquisador	80
2.6 Intervenção do jovem no direcionamento das entrevistas	85
2.7 Transcrição das entrevistas	90
2.8 Análise dos dados	93

Parte II Significados do Trabalho para o Jovem Operário

Introdução	97
------------------	----

Capítulo 3 Trabalho e Sociabilidade

3.1 A origem familiar	98
3.2 Perfil socioeconômico dos jovens	101
3.3 Circunscrevendo o lazer	104
3.4 A amizade no entorno da casa	109
3.5 Escola e valor moral	111
3.6 Escola como espaço de lazer	115
3.7 Atual arranjo escolar dos jovens	118
3.8 A relação com o sagrado	121
3.9 O casamento da religião com o trabalho	124

Capítulo 4 Trabalho e Valores

4.1 O hábito de trabalhar	130
4.2 Cenário do labor	134
4.3 Personalizando o trabalho	140
4.4 Estratégias para burlar as doenças do trabalho	148
4.5 Uso do ócio no trabalho	153
4.6 Situações em que parar de trabalhar é permitido	155
4.7 A satisfação de trabalhar	162
4.8 A efemeridade da ocupação exercida	171

Capítulo 5 Trabalho e Quimeras

Introdução	182
5.1 Quimera profissional	184
5.2 Desejos profissionais	188
5.3 Sonho profissional forjado	194
5.4 Duplicidade profissional quimérica	197

Conclusão	205
-----------------	-----

Referências Bibliográficas

Bibliografia citada	216
Bibliografia consultada	223

Anexo	225
-------------	-----

Introdução

1 *Introduzindo o tema*

As possibilidades de efetivação das aspirações subjetivas do trabalhador vêm sendo tolhidas pelo desenvolvimento tecno-organizacional da sociedade moderna, no seu ambiente de trabalho. Contudo, o trabalho humano é constituído tanto pela dimensão quantitativa quanto pela qualitativa.

O modo mais fecundo de debater o valor do trabalho, atualmente, consiste em não o restringir unicamente ao seu *estatuto de mercadoria* (Schwartz, 1996), portanto, ao seu caráter quantitativo¹. Logo, para investigar o trabalho humano, as duas esferas, qualitativa e quantitativa, devem ser levadas em consideração.

A significação do trabalho é enfatizada, na acepção de Frigotto, por “sua historicidade, como relação social fundamental que não se reduz à ocupação, tarefa, emprego, mas [...] não os exclui, e que abarca o conjunto de relações produtivas, culturais, lúdicas, etc.” (1995: 24). Por decorrência, a análise sociológica considera as relações sociais por meio das múltiplas dimensões vividas pelos indivíduos.

Ao interferirem no seu cotidiano, os desejos dos indivíduos moldam, de certa forma, as relações sociais que estabeleceram, na medida em que transformam tais desejos em ações exercidas sobre os outros indivíduos². Essa interferência sobre as relações sociais, via ações individuais, chama a atenção para a importância da análise

¹ - Schwartz salienta que o trabalho “acumula a herança de seus sucessivos nascimentos [...] nunca compreenderemos inteiramente esta realidade que articula inextricavelmente o antropológico, o histórico, heranças imemoriais e relações sociais extremamente carregadas de sentido” (1996: 151).

² - Analisando a relação entre indivíduo e sociedade, Marx destaca que: “O homem – por mais que seja um indivíduo *particular*, e justamente é sua particularidade que faz dele um indivíduo e um ser social *individual* efetivo – é, na mesma medida, a *totalidade*, a totalidade ideal, o modo de existência subjetivo da sociedade pensada e sentida para si, do mesmo modo que também na efetividade ele existe tanto como intuição e gozo efetivo do modo de existência social, quanto como uma totalidade de exteriorização de vida humana” (Marx, 1974: 16).

da satisfação dos trabalhadores em seu ambiente de trabalho, a existência ou não de *astúcias* individuais, para superarem possíveis ocupações profissionais indesejadas, e a interferência dessa situação na sociabilidade do trabalhador.

Visando investigar de que forma o trabalhador se situa, se percebe e se resolve na relação conflituosa entre o trabalho exercido e aquele que almeja, aqui se elege o jovem como objeto de estudo.

A importância de ter o jovem como objeto de pesquisa para analisar o “grau” de satisfação ou insatisfação no trabalho é, de certa forma, confirmada por Vollmer e Kinney, ao constatarem, em sua pesquisa sobre trabalhadores de fábricas de armamento militar dos Estados Unidos, que a insatisfação no trabalho aumenta até os trinta anos de idade, a partir da qual vai declinando (Vollmer e Kinney *apud* Keil et alii, 1968).

O escopo desta dissertação é o exame dos impasses vividos pelo jovem trabalhador no campo profissional e em sua subjetividade³, em virtude da importância e significado que atribui ao trabalho. Para tal, levam-se em consideração influências do estrato de classe social, da família e da educação, por sua vez dispostas enquanto meios de socialização e tributárias de valores culturais desse jovem.

Compartilha-se neste estudo da concepção de que não há uma faixa etária rígida por onde comece e termine a juventude, dado que ser jovem implica um significado cultural, resultando de uma construção social (Chiesi e Martinelli, 1997). Devido a isso, na literatura consultada, não há um consenso sobre tal delimitação.

³ - Chauí considera a *subjetividade* como “uma estrutura de experiências significativas e significantes que não começam nem terminam na consciência de si de um sujeito, uma teia de sentidos tecida na relação intercorporal e no diálogo com o outro [...] A subjetividade é um nó de ações corporais e simbólicas originalmente intercorporais e intersubjetivas, das quais a consciência de si enquanto sujeito é um aspecto e não uma definição” (1997: 19). Dispondo dessa noção de subjetividade como referência, cabe ressaltar que o termo subjetividade aludido nesta pesquisa está sendo tomado apenas como um aspecto da própria subjetividade. Considerando que, em si, a natureza do termo subjetividade implica a inexistência de uma definição hermética e acabada (caso contrário ele deixaria de ser subjetivo), será, assim, analisada somente uma de suas características, qual seja, a da consciência e crítica que o jovem operário tem de si e do lugar que ocupa no mundo do trabalho.

Entretanto, visto que o trabalho de campo será composto por entrevistas realizadas com jovens, por uma necessidade metodológica, é necessário definir a faixa etária que será observada na pesquisa. Optou-se, então, pelo intervalo etário entre 18 e 24 anos. Inicia-se nos 18, por se tratar da idade legal mínima para o ingresso no mercado de trabalho, estabelecida atualmente pela Constituição Brasileira⁴. Termina-se nos 24, por ser esse o corte que tanto a OIT (Organização Internacional do Trabalho) quanto o Ano Internacional da Juventude estabeleceram para o término da classificação ser jovem (Martins, H., 1997 e Madeira, 1989).

Em entrevistas já efetuadas na região de Osasco⁵, o jovem operário demonstrou-se constituir uma categoria significativa na busca dos seus anseios profissionais, daí o interesse em comparar o modo como ele lida no seu cotidiano com a oposição que se coloca entre trabalho exercido e sonhado. Esse jovem apresenta uma considerável mudança de emprego⁶, tanto horizontal quanto verticalmente⁷, o que desperta a atenção para inquirir as causas dessa variação.

⁴ - Título II Dos direitos e garantias fundamentais, capítulo II Dos direitos sociais, art. 6, inciso XXXIII, p. 15.

⁵ - Essas entrevistas foram efetuadas pela Dr^a. Heloísa H. T. de S. Martins, minha orientadora de iniciação científica, e por mim, entre agosto de 1997 e julho de 1999, em oito indústrias metalúrgicas de Osasco – onde entrevistamos jovens trabalhadores metalúrgicos com idade entre 18-25 anos – para serem utilizadas na pesquisa sobre “O Jovem no Mercado de Trabalho”, coordenada pela referida professora.

⁶ - Discorrendo a respeito das dificuldades de ingresso do jovem no mercado de trabalho, Heloísa Martins certifica: há uma “significativa mobilidade ocupacional dos jovens, com a circulação por diversas situações seja de trabalho (formação, aprendizagem, precário, temporário, em tempo parcial, etc.), seja de emprego (desemprego, inatividade, emprego)” (1997: 100). Cf. também Carvalho (1994) que faz menção às altas taxas de rotatividade da mão-de-obra na indústria de transformação brasileira dada a falta de política de estabilização de trabalhadores por parte da empresa, a ausência de perspectiva de carreira e a forte relação hierárquica entre gerência e trabalhadores.

⁷ - *Mudança horizontal* é mudar de emprego e permanecer na mesma ocupação, enquanto que *mudança vertical* é mudar de ocupação (Ferretti, 1988b: 159).

2 Justificativa da pesquisa

A categoria *juventude* vem sendo largamente estudada pelos vários campos de conhecimentos, inclusive pela Sociologia. Os artigos e as obras referentes a essa categoria versam majoritariamente sobre drogas, sexo, violência, lazer, escola, cultura⁸. Contudo, nota-se certa exigüidade nas discussões que tematizam o trabalho do jovem⁹ de baixa renda, na atualidade, sobretudo as contradições que vive, na condição de trabalhador, pela interferência das mudanças objetivas no mundo do trabalho sobre sua subjetividade.

Na sociologia do trabalho pode-se observar a carência de estudos que abordem o tema subjetividade do trabalhador; é justamente esse tema que se propõe aqui investigar. Hirata, referindo-se a essa escassez em estudos sociológicos, ressalta:

O conjunto de questões levantado sobre os novos requisitos de qualificação [...] aponta para um problema incontornável, mas raramente levado em conta pelos economistas e sociólogos do trabalho que estudam a questão dos novos modelos produtivos: o do sujeito da subjetividade e das relações intersubjetivas [...] (1994: 137).

Embora Hirata, ao aludir à literatura sociológica sobre subjetividade no trabalho, esteja remetendo indistintamente aos trabalhadores em geral, nesta pesquisa ater-se-á especificamente na categoria “jovem operário”.

O que atribui relevância à investigação do *eu* do operário, vivido das

⁸ - Ver Keil et alii, 1968: 112 e Rousselet, 1974: 11.

⁹ - Cf. Sposito, afirmando que no decorrer dos últimos 25 anos as Ciências Sociais não desenvolveram "um campo sólido nos estudos sobre a juventude" (1997: 50). Cf. também Heloísa Martins (1997), abordando a escassez de estudos sobre o jovem trabalhador, especialmente na fase etária entre 18 e 25 anos. Cf. ainda Abramo, ao acentuar que são poucas as investigações acadêmicas que enfocam “o modo como os próprios jovens vivem e elaboram” (1997: 25) as instituições familiares e escolares e que apenas recentemente vêm tomando corpo estudos dirigidos à “consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação” (idem).

contradições travadas entre sua pessoa¹⁰ e seu papel de trabalhador, são as constantes transformações que, atualmente, assolam o mundo do trabalho com o acelerado desenvolvimento técnico e organizacional, acarretando mudanças na vida cotidiana do trabalhador com possíveis implicações em sua subjetividade.

Os inventos industriais têm trazido exigências de maior qualificação para os trabalhadores, porém não apresentam soluções¹¹ de preparo para a formação profissional daqueles provindos de grupos sociais desfavorecidos economicamente. As escolas profissionalizantes não atendem às novas exigências do mercado de trabalho que, em tese, requisitam trabalhador com conhecimento abrangente para a multifuncionalização no trabalho. Já o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) fornece cursos de (re)qualificação que buscam acompanhar as mudanças do mercado. Porém, em ambas as instituições o trabalhador encontra a problemática da falta de recursos, seja econômico seja de tempo¹².

Entre os poucos trabalhadores que fazem os cursos do SENAI também se verificam impasses. Um dos jovens metalúrgicos, entrevistado na região de Osasco, ao

¹⁰ - Classicamente, pessoa está ligada à *persona*, que em latim significa máscara de antepassado, ritual, trágica. Foram os romanos e os latinos que estabeleceram parcialmente a noção de pessoa – mantendo sua nomenclatura igual à do latim –, além de um fato de organização, um nome, uma máscara, pessoa passa a ser “um fato de organização” (Mauss, 1974: 227). À noção de pessoa foi atribuída a dimensão moral, pelos estóicos (séc. II a.C. ao IV d.C.); dessa forma, ao sentido jurídico é acrescentado o moral, que também confere à pessoa o sentido de ser consciente, independente, livre e responsável.

¹¹ - Leite, ao abordar uma pesquisa do PIAM (Pesquisa Industrial por Amostragem) feita pelo SENAI-SP, entre os anos 90 e 92, sinaliza o fato de que, mesmo havendo “treinamento” dos funcionários, dentre 632 estabelecimentos industriais pesquisados da Grande São Paulo, a mão-de-obra continua apresentando carências de capacitação em metade dessas indústrias: “50% apontam demandas para trabalhadores semiqualeificados, 53% para qualificados, 32% para os técnicos de nível médio e 24% para a mão-de-obra em geral” (1995:164-165).

¹² - Portanto, “uma maior qualidade dos instrumentos e uma maior qualificação das funções não significa, necessariamente, maior qualificação do indivíduo. [...] Este patamar de relacionamento com as novas tecnologias, embora elementar, exige posse de educação básica e treinamentos específicos e práticos” (Machado, 1994: 184 e 185).

ser indagado sobre quais os problemas que existem em seu trabalho, respondeu: “O salário. Com o curso de Ajustagem pensei que eles fossem dar valor logo no início. Vou ter que esperar. Eu acho que vou perder a prática, para o que eu faço é só operar máquina”. Toda essa arena conturbada sugere conflito na relação do trabalhador com o seu trabalho, já que o setor secundário – caso proposto a ser aqui estudado – se constitui, em grande medida, de mão-de-obra semiqualficada e não-qualificada¹³.

Conforme Chiesi e Martinelli, os jovens dos anos de 1990 “aprenderam a servir-se do mercado de trabalho para explorar uma realidade ocupacional muito mais variada do que no passado” (1997: 119), quando o trabalho era constituído pela atividade em posto de trabalho contínuo, seguro e fixo. Atualmente, o que se vislumbra é um trabalho mais flexível e móvel, acarretando a crescente mobilidade ocupacional vivida pelos jovens.

Pode-se constatar nas entrevistas com os jovens metalúrgicos de Osasco que eles consideram transitória sua condição operária¹⁴, principalmente a ocupação que

¹³ - A baixa quantidade de mão-de-obra qualificada na indústria pode ser ilustrada pelos dados estatísticos do artigo de Heloísa Martins, obtidos da já mencionada pesquisa com jovens metalúrgicos de Osasco. Os 97 entrevistados eram constituídos por 37% de operadores de máquinas, 28,9% de auxiliares de produção, 18,6% de montadores e somente 10,3% de operários qualificados (1998: 8). Confirmando esses dados, a autora conclui mais adiante: no “trabalho do jovem trabalhador metalúrgico de Osasco [...] as empresas não exigem muita qualificação deles ao contratá-los, preferindo realizar um treinamento *on-the-job*^{*}, mas com muito pouco investimento na qualificação de seus profissionais” (1998: 15). Cf. Carvalho, que reitera enfaticamente: “A maior parcela da força de trabalho industrial [no Brasil] é composta de trabalhadores semiqualficados ou não-qualificados, com baixo grau de escolarização formal e cujas experiências de treinamento são de curta duração. Os salários [...] estão entre os mais baixos do mundo, enquanto que a taxa de rotatividade no emprego, mesmo excluindo a construção civil, está entre as mais altas. Além disso, as empresas brasileiras investem pouco em treinamento e formação, quando comparadas com padrões internacionais” (1994: 108-109).

* Ver a definição do termo *on the job* na nota 10 da página 37.

¹⁴ - Os jovens “que [nos anos de 1990] entram no mundo do trabalho concebem o primeiro posto simplesmente como uma ocasião temporária, à espera de encontrar melhores condições, tendo por base a experiência amadurecida e a aquisição de capacidades profissionais *on the job*” (Chiesi e Martinelli, 1997: 119).

exercem. Sua aspiração profissional correntemente está fora do seu fazer. Alguns falam indignados das roupas sujas que têm de vestir. O desejo de mudar de vida, alcançando uma ocupação de maior remuneração e *status*, onde possam realizar o seu gostar, parece ser sua situação ideal.

Para ilustrar essa afirmação, convém destacar os seguintes depoimentos dos jovens entrevistados:

A profissão que eu exerço não está adequada [...] não é aquilo que eu espero. Eu pretendo subir na vida, conseguir emprego melhor, com salário melhor. Pretendo continuar os estudos. Estou indeciso entre Veterinária e Arquitetura.

Vou tentar fazer faculdade. Se der, pretendo fazer algum curso. Engenharia.

Se tiver oportunidade, pretendo fazer faculdade: Análise de Sistemas.

[Gostaria de me] formar em Computação, apesar de não ser na área da metalurgia.

Não obstante, a condição de baixa renda, à qual pertence esse jovem trabalhador, e a pouca qualificação que possui colocam-se como empecilhos para que realize suas aspirações subjetivas na ocupação de trabalho desejada¹⁵. Sua precoce entrada no mercado de trabalho, para complementar a renda familiar (Madeira, 1989), alcançar autonomia econômica, maturidade, respeito (Abramo, 1994) e efetivar o valor simbólico que atribui ao trabalho (Martins, H., 1997 e Lindemberg, 1993), comumente o impede de continuar na escola, o que vem delinear suas trilhas ocupacionais.

Fazendo alusão aos argumentos dos orientadores educacionais de fins da década de 1970, Ferretti (1988ab) salienta que os jovens provenientes das “classes

¹⁵ - Chiesi e Martinelli (1997) sinalizam para a existência de uma relação inversamente proporcional entre instrução e insatisfação, de forma que quanto menos instruído mais insatisfeito é o jovem.

subalternas”¹⁶ não escolhem sua ocupação no mercado; antes, é o mercado que a escolhe para esses trabalhadores.

Desse modo, a trajetória ocupacional dos jovens operários é traçada na prática, no vivido, no seu cotidiano construído a partir das configurações assumidas pelo desenvolvimento tecno-organizacional, sem haver assim projeção do vir a ser desses jovens elaborada por eles mesmos.

Esse trágico cenário social no qual a força da mercadoria traça a trajetória ocupacional dos jovens oriundos de grupos de baixa renda, traz à tona a necessidade de elucidar a problemática da insatisfação no trabalho – que merece investigação sociológica e que tem sido insuficientemente estudada – para que seja possível compreender os dilemas subjetivos que atingem o trabalhador em consequência das mudanças tecno-organizacionais ocorridas no mundo do trabalho.

Embora a contradição entre trabalho exercido e aspirado seja generalizada nas diferentes faixas etárias, sem se restringir aos jovens, essa contradição é mais acentuada nessa fase da vida. A situação de transição entre a adolescência e a fase adulta – período de indecisão, busca de experiência profissional, mudança constante de ocupação, constituição de identidade e valores¹⁷ – torna o jovem uma categoria bastante ilustrativa para a análise dos conflitos entre o trabalho real e o sonhado.

Esse conflito ocupacional também não se apresenta como exclusividade da profissão de metalúrgico; entretantes, tendo de decidir por um universo empírico,

¹⁶ - Para Ferretti (1988b) classe subalterna é a População Economicamente Ativa (PEA) que recebe de 1 a 3 salários mínimos.

¹⁷ - A esse respeito, consultar Abramo expondo as similitudes entre os diferentes quadros teóricos acerca do tema juventude, podendo ser sintetizadas em: condição de transitoriedade; ambigüidade na delimitação de seu início e término; não disposição de "valores e hábitos cristalizados" (1994: 12); processo de independência para com a família; crise de auto-estima e mal-estar contra a sociedade, normas e instituições.

para a realização da pesquisa de campo, optou-se por atribuir ênfase ao jovem metalúrgico dando prosseguimento à pesquisa encetada no período de iniciação científica. Mas, acima de tudo, em virtude de a profissão metalúrgica estar em vias de extinção¹⁸, dado que, por exemplo, o desenvolvimento tecnológico vem inserindo novas máquinas que comumente substituem muitas especializações da metalurgia por outras que exigem menos trabalhadores, colocando o trabalhador metalúrgico numa situação profissional bastante instável.

Trabalhar em uma ocupação que não oferece perspectivas de continuidade no porvir causa mal-estar nos trabalhadores, tornando-os mais fragilizados e sensibilizados a, naturalmente, questionar sobre o que o trabalho representa para si e para a vida, pois a instabilidade no seu ambiente de trabalho alimenta essa reflexão. Essa circunstância, portanto, faz com que o trabalhador do setor da metalurgia constitua um objeto de pesquisa especial para a análise do significado do trabalho.

¹⁸ - Muitas das ocupações do setor metalúrgico foram extintas no Brasil. Diga-se de passagem que, em média, apenas 10% da mão-de-obra metalúrgica ocupa funções qualificadas como consta da nota 13, da página 17. Essa situação parece ser generalizada também em outros países; na Alemanha, por exemplo, durante os anos de 1970 e 1980, com a reforma do regime de treinamento, o setor metalúrgico que tradicionalmente dispunha de 48 ocupações de aprendiz passou a dispor de apenas 6 (Streck, 1996).

3 Problema de investigação

A reduzida qualificação do jovem operário no mercado de trabalho contribui para levá-lo a uma situação de conflito, dado que o trabalho exercido não satisfaz as aspirações profissionais, ou seja, as expectativas profissionais desse trabalhador não se concretizam na ocupação à qual se dedica no seu cotidiano¹⁹. Então, como se configura a subjetividade desse trabalhador, na esfera profissional? Como ele se encontra em seu trabalho e em sua sociabilidade?

Buscando compreender as implicações dessas indagações, o propósito desta pesquisa é estudar o desencontro entre o trabalho vivido e o trabalho quimérico do jovem operário. Se, por um lado, o seu querer ser profissional pauta-se na subjetividade do jovem e nos valores familiares, por outro, o desenvolvimento tecno-organizacional, ao ditar modelos para o ser trabalhador, pode não vir ao encontro do sonho desse trabalhador, forçando-o a reelaborar a sua própria quimera.

Para apontar a dissonância entre o sujeito do trabalho e o seu trabalho imbuído de ditames da lógica mercantil, relacionar-se-á o trabalho do jovem operário com a educação que recebeu, pretendendo com isso buscar as reminiscências desse jovem sobre suas experiências educacionais formais e informais que, ao longo de sua vida, contribuíram para o seu anseio por uma ocupação, porém a cumprir uma outra, motivada em grande medida pela insuficiência educacional e pertença a um estrato social de baixa renda.

Assim, o problema sociológico em questão é o de deslindar o modo como, no seu cotidiano, o jovem operário lida com as possíveis contradições existentes entre o que ele gostaria de ser e o que ele realmente acaba sendo no seu fazer.

¹⁹ - “[...] o mercado de trabalho é freqüentemente o lugar da decepção e do desencanto, após o espaço protegido da escolaridade. *A maior parte dos jovens experimentam um fosso entre suas aspirações e a realidade concreta do mercado de trabalho.* [...] À exceção dos jovens que dispõem de meios para concretizar um projeto de auto-realização no campo profissional, a maioria não encontra mais num emprego assalariado um modo satisfatório de auto-realização” (Bajoit e Franssen, 1997: 94, grifo nosso).

4 Objetivo

É o intuito desta pesquisa investigar e analisar a relação existente entre o papel do jovem operário no seu ambiente de trabalho e a percepção que ele tem da ocupação e do significado do trabalho para sua vida.

Utilizando as entrevistas de Osasco como um prelúdio empírico deste estudo, objetiva-se mostrar que *a fala utilizada pelo jovem operário ao expressar seu desejo em alcançar uma profissão de que goste, ou seja, na qual sua subjetividade possa se realizar, é uma forma de criticar a sua inserção operária no mercado de trabalho*²⁰. Essa inserção coloca-se de modo indesejado pelo próprio trabalhador, já que não foi ele que elaborou a condição operária como ideal (apesar de ter sido na *praxis* um resultado da própria condição operária familiar), esta sendo definida pelo próprio mercado.

O jovem operário vive uma dicotomia contraditória constituída de imbricações conciliatórias e conflituosas entre o trabalho que executa e o que aspira, sendo seu trabalho, em grande medida, excludente e até inviabilizador da realização de sua aspiração. Essa dicotomia sinaliza a existência e a permanência do conflito entre capital e trabalho²¹, porém remetido a um âmbito mais miúdo, a saber, aos embates individuais dos trabalhadores diante das mudanças no mundo do trabalho.

²⁰ - Bajoit e Franssen constataram entre seus jovens entrevistados belgas uma recusa do “trabalho assalariado na fábrica [...] Muitos jovens manifestam [...] sua rejeição a uma carreira operária normal tal como a que foi vivida por seus pais” (1997: 83). Essa mesma recusa pode ser visualizada nas falas dos entrevistados de Osasco, que foram citadas na justificativa desta pesquisa, ao afirmarem que a ocupação de operário não condiz com o que eles esperavam para si.

²¹ - Vide Antunes, 1995: 92 e 93.

5 Hipóteses levantadas

A primeira hipótese apontada aqui é a existência do desencontro cotidiano entre o trabalho exercido pelo jovem trabalhador operário e o trabalho com que sonha, cuja ocorrência estaria remetida à sua insuficiente qualificação profissional diante das novas exigências de maior formação profissional/educacional por parte do mercado de trabalho.

Dentre os motivos que indicam haver um divórcio entre o fazer e o querer profissional do jovem trabalhador operário estar-se-á atento à sua condição de estrato de classe, família e educação. Com isso, será possível figurar o contexto social preparatório das condições objetivas (o trabalho que exerce em função das oportunidades de trabalho que o mercado lhe oferece) e as subjetivas (o trabalho desejado) desse trabalhador.

O fato de o jovem operário viver uma contradição entre trabalho exercido e quimérico não significa que ele tenha "alergia ao trabalho" enquanto uma atividade genérica, na qual o ser humano se ocupa para produzir objetos ao mundo. Esse jovem vivencia uma ambigüidade em que, por um lado, está descontente com relação ao emprego específico que desempenha, ou seja, vive a insatisfação remetida exclusivamente à ocupação de operário e, por outro lado, o deleite de estar realizando um trabalho e, com isso, podendo alcançar o apreço dos seus pares. Nesse sentido, poder-se-ia questionar e objetar a idéia, atualmente difundida, de que o trabalho deixou de representar um meio significativo para pensar as identidades dos indivíduos, já que, pelo que se percebe, o trabalho continua sendo uma referência expressiva por meio da qual os indivíduos se diferenciam e atribuem significado à sua vida.

Na segunda e última hipótese supõe-se que por mais que o trabalhador esteja "dividido", em consequência da divisão social do trabalho, quando trabalha, ele não consegue apenas executar seu trabalho. Ao trabalhar, o trabalhador também pensa e sente; assim, mesmo enquanto trabalha tem sua quimera, esta podendo estar manifesta ou latente em suas atitudes. Contudo, muitas vezes, o jovem operário, sentindo e pensando, não elogia sua ocupação, mas talvez se revolte contra ela. Essa revolta pode ser notória quando o querer é divergente e negador do fazer, ou, ainda, quando o jovem, mesmo tendo um emprego, deseja exercer outra ocupação, totalmente diversa daquela que realiza, mais dotada de sentido para si próprio.

6 Apresentação da dissertação

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos temáticos. No primeiro é exposto o arcabouço teórico da pesquisa, que se assenta, fundamentalmente, nos autores: Bajoit & Franssen e Chiesi & Martinelli, discutindo o significado do trabalho para os jovens e suas estratégias para buscar um trabalho qualitativamente satisfatório; Macedo e Dauster, debatendo o valor moral do trabalho para famílias de baixa renda; Marx, esquadrinhando a contradição entre personalidade do operário e seu trabalho; Lefebvre, focalizando a necessidade da apropriação a seus desejos pelos indivíduos; Guimarães, Agier e Lautier & Pereira, examinando a identidade social do trabalhador e Certeau, analisando o uso da crítica pelos indivíduos, nas práticas cotidianas.

A metodologia e as técnicas de campo utilizadas na pesquisa são tratadas no segundo capítulo, no qual também é esclarecida a relação que foi estabelecida entre pesquisadora e pesquisado e o modo como as informações colhidas em campo foram organizadas e analisadas.

O perfil dos jovens, relações familiares, amizade, escola, religião, enfim, sua sociabilidade, com vínculos voltados para a dimensão trabalho, são apresentados no terceiro capítulo, a partir do qual já são feitas análises das entrevistas.

O quarto capítulo, discute o valor cultural e simbólico do trabalho para os jovens, sua inserção na vida ativa, os usos cotidianos que fazem do seu lugar no mundo do trabalho e as relações com a ocupação que exercem.

Finalmente, o último capítulo enfoca, mais detidamente, o tema que faz parte do cerne desta dissertação, as quimeras profissionais dos jovens. Classificadas sob quatro características diferentes, as quimeras são analisadas de acordo com as condições sociais e as percepções dos jovens.

Parte I

ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

Capítulo 1 Considerações sociológicas acerca do trabalho e do jovem

Para os proletários [...] a condição de sua existência, o trabalho, e com ela todas as condições de existência que governam a sociedade moderna, tornaram-se algo accidental, algo que eles, como indivíduos isolados, não controlam e sobre o qual nenhuma organização social pode dar-lhes o controle. A contradição entre [...] a personalidade de cada proletário isolado e a condição de vida a ele imposta, o trabalho, torna-se evidente para ele mesmo, pois ele é sacrificado desde a juventude e porque, no interior de sua própria classe, não tem chance de alcançar as condições que o coloquem na outra classe (Marx, 1977: 121, grifo nosso).

A realização de aspectos da subjetividade do trabalhador vem, crescentemente, sendo desconsiderada no fazer operário. Na medida em que o desenvolvimento tecno-organizacional se processa, o trabalhador faz cada vez menos parte da elaboração do seu trabalho, restringindo-se apenas a executá-lo. A imagem, a personalidade, o querer das pessoas estão cada vez mais estilhaçados em seus fazeres.

Embora o processo de trabalho seja o meio de os trabalhadores praticarem aspirações, desejos e possibilidades, "a partir do significado que o trabalho [...] adquire em suas vidas" (Tittoni, 1994: 24), a organização do trabalho "nem sempre possibilita o exercício desses elementos subjetivos" (idem), o que acarreta uma experiência marcada por conflitos e busca de *estratégias* que possibilitem a manipulação da *representação de si*.

Para discutir a problemática dos conflitos subjetivos do ser operário, torna-se premente destacar os debates desenvolvidos acerca do trabalho do jovem operário contemporâneo, sua identidade com as tarefas que executa e o contexto social no qual está inserido: os efeitos da reestruturação produtiva¹ (e, por decorrência, das mudanças

¹ - Com a reestruturação produtiva, iniciada no começo dos anos de 1990, "as empresas passaram a investir mais intensamente nas técnicas japonesas de gestão e organização, com ênfase na flexibilização do trabalho e no maior envolvimento do trabalhador com a qualidade e a produtividade" (Leite *apud* Martins, H., 1998: 1). Mais adiante, Heloisa Martins, resgatando Zibas acerca da idéia de a reestruturação produtiva requisitar um trabalhador com iniciativa, criativo, solucionador de problemas, que trabalhe em equipe, que saiba trabalhar com êxito com as novas tecnologias, que disponha de alta capacidade de abstração e esteja disposto à aprendizagem, conclui que tal idéia é apenas um *discurso da reestruturação produtiva*, uma vez que esse perfil não é levado em conta pela formação técnica, mas muito mais pelos princípios educacionais humanistas (Martins, H., 1998: 3).

tecnológicas, organizacionais e de gestão de trabalho) sobre seu trabalho, a qualificação profissional e a importância da família. Ademais, no norte teórico que será empregado, discute-se a conceituação da categoria trabalho, por sua vez não resumida a um meio mercadológico, utilitarista, mas também imersa em significações simbólicas que perfazem o âmbito das percepções do indivíduo².

1.1 O jovem e o sentido do trabalho

O significado do trabalho tem um caráter ao mesmo tempo simbólico e instrumental; este é relativo ao valor monetário, quantitativo e aquele ao seu valor moral, qualitativo, subjetivo. Bajoit e Franssen (1997) classificam o significado instrumental como um meio de ganhar a vida e o simbólico ou expressivo como meio de realização social e pessoal do indivíduo. Portanto, o último é fornecedor de identidade aos indivíduos.

Esse caráter duplo do trabalho é mencionado por Nakano ao analisar os jovens que pesquisou:

a construção de uma identidade de trabalhador não se configura para a juventude, pois exercer um ofício se insere no conjunto das ações que possibilita a obtenção de um objeto de consumo, que faz parte de seu universo de desejos. O trabalho ganha um sentido, meramente, instrumental: deseja-se exercê-lo para conseguir algo que está fora dele e não em função de

² - De acordo com a concepção marxiana “a apropriação *sensível* pelo homem e para o homem da essência e da vida humanas, do homem objetivo, das *obras* humanas, não deve ser concebida só no sentido do *gozo imediato*, exclusivo, no sentido da *posse*, do ter. O homem apropria-se do seu ser global de forma global, isto é, como homem total. Cada uma de suas relações *humanas* com o mundo – ver, ouvir, cheirar, saborear, sentir, pensar, observar, perceber, querer, atuar, amar –, em resumo, todos os órgãos de sua individualidade, como os órgãos que são imediatamente coletivos em sua forma, são, em seu comportamento *objetivo*, em seu *comportamento para com o objeto*, a apropriação deste. A apropriação da efetividade *humana*, seu comportamento frente ao objeto, é a *manifestação da efetividade humana, eficácia humana [...]*” (Marx, 1974: 16-17).

valores fundados na gratificação e na importância advindas do exercício do próprio ofício [...] O trabalho tem, também para alguns jovens do Oratório ^[3] um sentido simbólico, o de delimitar fronteiras estabelecendo diferenças entre trabalhador e marginal (1995: 139-140).

A pesquisa de Evelyn revela esse mesmo caráter duplo no significado do trabalho para os operários que entrevistou. De acordo com a autora, esses operários, apesar de pertencerem a indústrias em plena reestruturação produtiva, ainda salvaguardam a concepção tradicional de trabalho, conferindo-lhe, “além de sua habitual função como meio de sustento, uma fonte de satisfação, respeito, valorização e ascensão social” (1998: 164-5).

Tendo como parâmetro o caráter instrumental e simbólico que o trabalho tem para os jovens, a presente pesquisa busca circunscrever o modo como essa dicotomia se revela no âmbito das ocupações operárias, especialmente a metalúrgica.

Não obstante a constatação dessas duas dimensões do trabalho, desde os idos de 1970, a literatura vem abordando a recusa e "alergia" dos jovens ao trabalho e, portanto, a perda do seu sentido simbólico. A tese da "alergia ao trabalho" é sintetizada por Pais, ao criticá-la, como resultando das “dificuldades de adaptação dos jovens [...] a um novo modo de vida regulado pela disciplina do trabalho, pela rigidez de horários, pela ausência da convivialidade com amigos” (1993: 248-249). Com efeito, tendo de inserir-se nesse novo mundo, os jovens

rejeitariam ou desvalorizariam a ética tradicional ou [...] adotariam em relação ao trabalho uma posição meramente “instrumental” afastando-se do mito da realização profissional e manifestando [...] indiferença ou resignação às escolhas profissionais (idem).

Considerado o marco do desenvolvimento da tese da "alergia ao trabalho"

³ - Jardim Oratório é uma favela pertencente ao município de Mauá, na região do ABC-SP.

verificada, principalmente, entre os jovens, Rousselet (1974) salienta que a juventude moderna contesta o valor tradicional do trabalho. Apoiando-se em pesquisas, sobretudo francesas⁴, o autor considera que tal "alergia" se constata pelo: aumento do absenteísmo, redução de responsabilidades, desenvolvimento de *hobbies*, diminuição de mobilização sindical, mudança de profissão, recusa em inserir-se na vida ativa logo após a formação profissional, "atitudes anticarreiristas", sucesso de *slogans* como: *boulot, métro, dodo*⁵.

Rousselet faz menção a essas novas atitudes dos jovens da modernidade, sem qualquer ressalva sobre as particularidades das experiências de cada tipo de inserção juvenil no mundo do trabalho. Embora o autor sublinhe que é sobretudo o jovem operário que vem crescentemente se desinteressando por toda atividade laboral – dada, especialmente, sua convivência com pais que falam cada vez menos sobre seu trabalho ou que falam pouco e de modo depreciativo; suas experiências decepcionantes de trabalho – ele estende esse desinteresse aos jovens advindos de todos os meios sociais, considerando-o um fenômeno de geração.

A generalização cometida por Rousselet não se sustenta, uma vez sabido que ser jovem é uma construção social, portanto, variando de acordo com o meio social ao qual cada jovem pertence. Entrementes, paradoxalmente, de certa forma, o autor reconhece essa fluidez da categoria juvenil quando alerta que a juventude é um fato de cultura e não de natureza.

A tese da "alergia ao trabalho" é questionada por Clot (1982), ao citar autores, como Mauger e Fossè-Poliak, críticos do próprio termo "alergia" como sendo uma definição médica que naturaliza o significado de juventude, cuja característica, na

⁴ - Inquéritos do CERCET (Centro de Estudos e de Pesquisas da Condição de Trabalho e Emprego de Jovens) e do CEE (Centro de Estudos de Emprego).

⁵ - A expressão "*boulot, métro, dodo*" ("trampo, metrô e nanar") significa que a vida dos franceses se restringe a executar um trabalho qualquer, andar de metrô e dormir.

realidade, é determinada socialmente.

Na esteira da crítica a essa tese, Merie defende a idéia de que não se deve conceder a um fenômeno de geração algo que se refere apenas às mudanças das "condições de escolarização e de funcionamento do mercado de trabalho" (Merie *apud* Clot, 1982: 4).

Na percepção de Clot (1982), as transformações das atitudes dos jovens com relação ao trabalho não remetem à simples modificação de "valores" e nem ao resultado de uma "alergia cultural", mas, antes, são *respostas* a uma circunstância nova. Circunstância essa que, na França, condena um jovem em cada dois pelo signo "menos" no salário, nos direitos e na garantia do emprego (Tartakowsky *apud* Clot), resultando na marginalização e exclusão juvenil no mundo do trabalho.

A partir da idéia da recusa ao trabalho, Rousselet infere que é preciso "dissociar a noção de afirmação [...] da personalidade, da de obrigação de trabalhar", e que isso só será possível "dessacralizando a noção de trabalho" (1974: 293). Com isso, o autor pressupõe a privação da dimensão moral⁶ do significado do trabalho.

Heloísa Martins salienta que, nos termos da tese da "alergia" dos jovens ao trabalho, a conseqüência seria a de que "os jovens não constituiriam sua identidade a partir do trabalho, recusando a possibilidade de uma realização pessoal e profissional através dele" (1997: 101). Contudo, divergindo de tal tese, a autora destaca que, "na sociedade brasileira, o trabalho ainda se afirma como um *valor cultural e simbólico*" (idem, p. 104), logo, portador de sentido moral para os indivíduos.

No bojo dessa discussão, é fundamental enfatizar a necessidade, realçada por Pais, de não fazer generalizações em relação às atitudes entre os jovens. Com isso,

⁶ - Conforme dados fornecidos por Rousselet, para 98% dos jovens, a atividade laboriosa perdeu o sentido de obrigação moral, enquanto que, entre os adultos, tal fato se repete para 95% (1974: 74-75).

fazendo frente à tese dos jovens rejeitarem o trabalho, o autor propõe uma nova tese: a “*das reações diferenciadas dos jovens em relação ao trabalho, ao emprego e ao desemprego*” (1993: 249). Pois, ser jovem não implica uma categoria una e homogênea, mas marcada por diferenciais de classe, educação, cultura; daí a importância de, quando se falar de jovem, especificar a que jovem se está referindo.

Na perspectiva desta investigação, a "alergia ao trabalho" só tem procedência (se é que tem) se se considerar que os jovens realizam um trabalho que não planejaram fazer, no qual não projetam aspectos de sua subjetividade e não são tratados como sujeitos, mas quase extensões de máquinas. Portanto, se há alguma repulsa ao trabalho, ela não estaria endereçada ao trabalho no seu sentido mais genérico, mas à ocupação presentemente exercida pelo jovem.

Essa conjectura pode ser vislumbrada em alguns depoimentos contidos nas entrevistas realizadas em Osasco. Um jovem entrevistado, ao ser indagado se desejaria parar de trabalhar, asseverou: “Sim. Aqui na empresa. Não [no geral]”. Outro entrevistado, após ser questionado se gostava ou não de trabalhar, expressou que “quando a profissão agrada, eu gosto. [Mas, neste trabalho] não. Não agrada, se opõe. [Porém,] preciso [trabalhar], não tenho escolha”. A partir desses testemunhos, é preciso ter cautela nas próximas entrevistas, pois é fundamental que sejam discernidas as duas situações: do trabalho em geral e do trabalho específico que o jovem executa.

Contudo, nessa primeira leva de entrevistas, pôde-se perceber que os jovens responderam pensando num conceito mais generalizado de trabalho, no qual esteve acentuadamente manifesto o conceito simbólico de trabalho, como é retratado nos trechos de entrevistas subseqüentes:

Não consigo ficar parado. É ruim demais [...] Quando tiro férias não consigo ficar em casa parado. Não tenho paciência.
É gostoso trabalhar. O trabalho significa tudo.

Não tem sentido a vida sem o trabalho. Fica até chato quando tenho dois dias de folgas no trabalho, sinto até falta.

Não tem como. Não conseguiria viver sem trabalhar. Só se ficasse doente, louco da cabeça.

Eu acho que uma pessoa que não trabalha é inválida. É ruim viver parado. A gente precisa ter alguma coisa para fazer, se não fica sem sentido.

Ficar em casa é ruim demais, ficar em casa sem fazer nada. É gostoso trabalhar, levantar cedo.

Não agüentaria [ficar sem trabalhar]. Eu sou muito ativo, quero sempre mexer em algum lugar. É minha terapia.

[Gosto de trabalhar] para movimentar o corpo, não ficar acomodado, [é] quase como um exercício.

Posteriormente, um entrevistado reportou gostar de trabalhar porque “Ganha experiência e uma profissão e desenvolve a mente, você vai criando, a mente vai desenvolvendo. Ele [o trabalho] pode se tornar uma diversão”. Em contrapartida, outro entrevistado invocou a necessidade de que houvesse “uma coisa que ajudasse a gente a romper a nossa rotina que é tudo a mesma coisa. O que perturba é a nossa rotina. A empresa deveria ter uma psicologia para ajudar a enfrentar a empresa. Precisa ter um espírito forte”. Destarte, trata-se de duas concepções divergentes de trabalho, a primeira referindo-se à esfera lúdica do trabalho e a segunda, ao sofrimento e à rotina; resta saber se ambos os entrevistados falam de um mesmo trabalho ou o primeiro está pensando no trabalho em seu sentido amplo, abstrato e o segundo no trabalho que executa cotidianamente, trabalho específico e concreto, sua ocupação.

Por outro lado, também foi possível registrar o conceito de trabalho instrumental na fala de alguns jovens entrevistados:

Trabalho significa liberdade. Eu prefiro trabalhar a estar em casa parado. Liberdade para eu fazer o que eu quero, comprar o que eu quero, não tudo porque o salário não dá.

[Gosto de trabalhar] para ter o meu dinheiro. Conseguir algum patrimônio. Ser alguém na vida.

Diante desses depoimentos, fica patente que, para o jovem trabalhador, tanto o significado instrumental quanto o simbólico do trabalho se fazem presentes. Trata-se, portanto, de um conceito de trabalho contraditório e ambíguo, dada a sua própria dimensão social.

Retomando o debate a respeito da "alergia ao trabalho", Bajoit e Franssen em sua pesquisa qualitativa com jovens belgas também minimizam a existência dessa "alergia":

[...] não se trata tanto de uma rejeição do trabalho, mas sim da reivindicação de um trabalho que tenha sentido para o próprio indivíduo e/ou que lhe deixe tempo para uma vida própria. [...] o trabalho continua sendo importante, mas diferentemente. Enquanto antes ele [*trabalho*] era importante em si, pela participação que assegurava ao projeto coletivo da sociedade industrial, agora ele *se torna importante para o próprio indivíduo*, na medida que [*sic*] pode contribuir *para o seu projeto singular*. O valor do trabalho *tende a não ser* mais sacralizado, mas *autoreferido* [...] a ser *submetido às aspirações e à crítica do indivíduo*. Não é mais o indivíduo que é referido ao trabalho, o trabalho é referido ao indivíduo (1997: 83, grifo nosso).

É exatamente nessa direção, caracterizada por Bajoit e Franssen, que se pretende conduzir esta pesquisa, no intento de mostrar que o significado atribuído ao trabalho pelos jovens operários brasileiros, assim como para os europeus, não implica uma "alergia" em trabalhar, muito menos a negação do trabalho, dado que cerca de 90,5%⁷ dos jovens entrevistados de Osasco afirmaram gostar de trabalhar. Tal tese é reforçada quando esses mesmos jovens metalúrgicos aludem à vontade de mudar de ocupação, portanto não de deixar de trabalhar. Por conseguinte, os jovens operários

⁷ - Cf. Martins, H., 1998: 6.

não recusam o trabalho enquanto valor, mas sim rejeitam o trabalho operário que exercem, por não atender às perspectivas subjetivas⁸ em relação à ocupação.

Seguindo essa mesma vereda do significado do trabalho para o jovem, Chiesi e Martinelli, a partir de um *survey* que desenvolveram com jovens italianos, concluem:

não [nos] encontramos perante o declínio da importância do trabalho, mas assistimos à transformação de sua concepção. [...] as opiniões dos jovens se dividem entre uma concepção tradicional do trabalho, que assume sua valência instrumental, e considera portanto o rendimento como o aspecto mais importante, e uma concepção realizadora, colocada mais alto na escala da evolução das necessidades. Com os anos 90, o crescimento dos níveis de instrução e a evolução das condições de trabalho juvenil conduziram ao predomínio da concepção realizadora sobre a instrumental [...] (1997: 122-123).

Caberia, talvez, indagar se há entre os jovens operários, no Brasil, o predomínio da concepção realizadora ou instrumental do trabalho. Porém, antes, é necessário elucidar que a abordagem dos autores referidos acima está compreendida aqui como menção a uma concepção do trabalho enquanto categoria genérica e não específica ou ocupação. Nestes termos, entende-se que, no caso do jovem brasileiro, ao recusar seu fazer, ele não nega o trabalho, mas o tipo de ocupação que exerce, já que o fazer contido no emprego está divorciado do querer do jovem, com relação ao trabalho.

Embora Gorz (1982) tenha constatado que atualmente o termo trabalho e emprego se tornaram equivalentes no uso corrente da fala, por consequência deixando de ser algo que “se faz” e passando a ser algo que “se tem”, na presente pesquisa é crucial estabelecer a diferenciação teórica entre os dois termos. Pais (1993), citando Purcel, destaca que o *conceito de emprego* deve ser diferenciado do *conceito de*

⁸ - Perspectivas/expectativas subjetivas relativas à ocupação, na interpretação ora sugerida, têm um sentido semelhante ao de *carreira subjetiva* que consiste no ponto de vista que os indivíduos dispõem acerca de suas próprias trajetórias profissionais (Stebbins *apud* Pais, 1993: 195, nota 3). Trata-se de trajetórias de trabalho elaboradas como ideal pelas expectativas dos indivíduos acerca do que eles desejam para si mesmos, portanto são trajetórias esperadas.

trabalho: enquanto emprego implica uma relação contratual entre empregador e empregado, trabalho se coloca como uma atividade produtiva.

O emprego é considerado, nesta pesquisa, como um meio jurídico que propicia a existência da ocupação formal⁹, enquanto o trabalho permite ao indivíduo um lugar na esfera produtiva, portanto uma identidade e um sonho de trabalhador. Há que se ter em vista essa distinção para compreender que o jovem trabalhador tem posturas distintas quando menciona o significado que atribui à sua ocupação e ao seu trabalho.

Desse modo, um mesmo indivíduo pode ter tanto a concepção instrumental quanto a realizadora, com sentido simbólico de trabalho. Assim, dada a escassa qualificação profissional do jovem operário brasileiro, proveniente do seu *background* familiar, ele assume duas atitudes divergentes e contraditórias: uma frente à ocupação e outra, ao trabalho.

1.2 Qualificação e identidade profissional

Para que o trabalho e a ocupação obtenham um único sentido para o trabalhador é condição *sine qua non* que haja ações por parte desse trabalhador que objetivem tornar a sua ocupação a mais próxima possível de sua concepção de trabalho. Contudo, para isso, é preciso que esse trabalhador disponha da qualificação profissional necessária para tentar se inserir no emprego pretendido.

Certamente, discutir qualificação profissional requer abordar algumas mudanças correntes que atingem os postos de trabalho fabril. Atualmente, novas exigências delineiam o novo operário que vem deixando de ser um especialista para se

⁹ - Entretanto, se ter um emprego significa necessariamente dispor de uma ocupação, ter uma ocupação não necessariamente remete a dispor de um emprego.

tornar polivalente (Leite, 1994 e Martins, H., 1997).

Aparentemente, a polivalência pode significar a realização de sonhos românticos, como é crível para Saviani (1994). Contudo, o que se constata é mais uma maneira de o capital colocar um mesmo trabalhador para executar diferentes trabalhos, sem a remuneração correspondente a cada função realizada (Leite, 1994).

Na prática, a polivalência implica a redução dos custos da empresa, atingida com a extinção de funções qualificadas, demissões e diminuição salarial, decorrente da existência de trabalhador sem qualificação fazendo trabalho qualificado após ver seu parceiro qualificado trabalhar¹⁰.

Pode-se considerar que a polivalência no trabalho acarreta muito mais uma mudança de atitude do que de qualificação, uma vez que ela requer, sobretudo, que o trabalhador tenha *disposição de espírito* para aprender e não tanto que tenha *habilidades* profissionais formais prévias.

No ambiente de trabalho onde se exigem trabalhadores polivalentes, os conhecimentos relativos a uma profissão não são relevantes, assegura Evelyn, passando a ser priorizadas a “participação, disposição para dar sugestões, organização e companheirismo [...] cumprimento de obrigações [...], força de vontade para aprender” (1998: 177). Tal cenário remete a um sinistro resultado apontado pela autora: “O trabalho passa de um modo de ser a um modo de ganhar a vida” (idem, p. 186). Com isso, o trabalhador não teria mais sua identidade vinculada ao trabalho que

¹⁰ - Existem duas técnicas de treinamento para a aprendizagem de trabalho que são distinguidas por Ferretti do seguinte modo: 1) *training-on-the-job*: “aprender uma tarefa enquanto se executa uma outra” (1988b: 132), por exemplo, aprender um trabalho teoricamente, pensando, estudando, simulando e 2) *on-the-job-training*: “aprender a executar uma tarefa trabalhando sobre ela” (idem), aprender trabalhando, fazendo o trabalho. É a última que Ferretti afirma ter encontrado entre seus entrevistados. Cf. Leite (1995) retomando as críticas de pesquisadores e educadores (dentre eles os do SENAI) sobre os treinamentos que as empresas concedem aos seus funcionários, treinamentos esses considerados banalizados, na medida em que se trata de uma “formação” profissional apressada e realizada no interior da empresa, caracterizando-se como *on-the-job-training* e

executa, utilizando-o apenas como um meio de produção e reprodução da espécie.

Assim, se ser especialista é algo que perde sentido no mundo do trabalho, isto traz implicações adicionais para a qualificação profissional, logo para a educação profissionalizante. Dizendo de outro modo, as transformações sofridas pelo mundo do trabalho provocam efeitos no mundo educacional, ou, ainda, a (in)formação profissional adquirida na escola perde o sentido perante a multifuncionalização exigida no trabalho. Já não é mais possível adquirir a preparação para o trabalho apenas na escola técnica devido à diversidade de funções que um mesmo trabalhador tem de exercer.

A educação teria um papel mais relevante, do ponto de vista apontado neste estudo, inclusive compartilhando as idéias de Ferretti, se tivesse como meta primordial a compreensão das relações e organizações do trabalho, por parte do estudante, além do conhecimento técnico¹¹.

Convém apreciar, conquanto, que o querer do jovem trabalhador operário é, em parte, fruto de seu conhecimento sobre as técnicas de execução do trabalho; por isso, a escola técnica ainda continua sendo fundamental para (in)formar sobre o que é e como se faz cada trabalho em cada curso, a partir do qual o jovem se referenciará para construir o seu querer. Não somente as escolas técnicas, mas também as de cursos não-profissionalizantes, participam na construção do desejo profissional do jovem, ao valorizarem certas profissões em detrimento de outras. Entretanto, enfatizando a

acarretando a degradação do trabalho ao se tornar similar à formação taylorizada.

¹¹ - O pressuposto de Ferretti é o de que “as escolas – públicas que podem ter serviço de Orientação Educacional, onde integrantes da classe trabalhadora freqüentam –, por intermédio de sua organização curricular ou, eventualmente, da Orientação Profissional, promovessem entre os alunos uma visão mais realista e crítica a respeito do trabalho e da utilização da mão-de-obra no modo de produção capitalista na cidade de São Paulo, poderiam contribuir para que esses alunos elaborassem, quando na condição de trabalhadores, uma concepção mais articulada e orgânica de suas próprias experiências profissionais, que podem ser entendidas como expressão das relações sociais determinantes de suas vidas (ao mesmo tempo em que são por elas determinadas), sob o

postura desta investigação, é essencial a contribuição da escola na compreensão das relações e organizações do trabalho por meio de uma visão crítica¹², para que o trabalhador perceba o seu trabalho em sua inteireza e não em migalhas.

Não obstante o jovem operário aspire uma ocupação diferente da exercida, há dificuldades para a realização desse intuito, dada sua precária qualificação decorrente de uma precoce inserção no mercado de trabalho, para contribuir com a renda familiar e/ou pela valoração simbólica que confere ao trabalho.

Nesta pesquisa, a qualificação profissional não tem mais importância do que a dimensão subjetiva do ser operário. Na sociedade moderna, em que o desenvolvimento tecno-organizacional acarreta constantemente a necessidade de o operário estar se requalificando para adequar-se às novas tecnologias de produção e aos novos modelos de gestão de trabalho, a qualificação constitui um aspecto bastante problemático.

Essa necessidade crescente de qualificação aponta para o que Rosa chama do *dever ser operário*, que constitui o modo de ser moral que o sistema econômico define para o operário, por intermédio da reorganização e divisão do trabalho capitalista que tenta "dirigir, regular e controlar os elementos morais e políticos, não-técnicos" (1996: 1) do trabalhador, impondo-lhe novas responsabilidades. Trata-se, assim, de um conflito entre o "uso de si por outrem" e o "uso de si por si mesmo" (idem, p. 12).

O problema de estudo que ora se examina dialoga com esse *dever ser moral*, no entanto debruçando-se mais especificamente sobre um aspecto da subjetividade do operário: do quão este se encontra e se realiza em seu trabalho. Enfim, como ele vivencia a possível distância que separa o trabalho concreto – que, por sua vez, é ou busca o *dever ser*, imposto pelas mudanças tecno-organizacionais via necessidade da

modo de produção capitalista" (1988b: 7).

¹² - Visão crítica no sentido de permitir ao trabalhador a compreensão dos interesses econômicos nas mudanças da organização do trabalho e de suas conseqüências para os trabalhadores, para que estes possam se organizar e se defender.

qualificação do trabalho – do seu querer ser – espiritual, almejado, sonhado.

Esse distanciamento interessa em seu aspecto motivador de insatisfação na identificação do trabalhador com o seu trabalho. Para considerar essa problemática, a investigação desse desencontro far-se-á por meio da discussão das desilusões do trabalhador com sua ocupação no agora e as influências de suas experiências pretéritas, tecidas por meio de sonhos e *estratégias* para um trabalho futuro, na busca da redução do divórcio estabelecido entre o trabalho exercido e o trabalho quimérico.

Investigando os comportamentos e trajetórias ocupacionais de duas categorias de trabalhadores não-qualificados, na América Latina, quais sejam, as empregadas domésticas e os operários da construção civil, Lautier e Pereira atêm-se às suas representações e *estratégias* acerca do trabalho. Para os autores, trata-se de duas categorias marcadas pela estigmatização, por exercerem um trabalho considerado marginal na sociedade. Por conseqüência, os próprios trabalhadores assumem uma "representação desvalorizada de si" mesmos, que vem "acompanhada [...] da afirmação do caráter transitório da situação em que encontram" (1994: 137), fato observado principalmente entre os jovens.

Na ótica desses autores, essas duas categorias recusam "sua identidade de trabalhador"¹³ (1994: 137) fora do ambiente de trabalho e tal "denegação de si mesmo" pode significar a busca por um "projeto" de mobilidade ocupacional ou "apenas o único jeito de suportar sua condição 'objetiva', a esquizofrenia constituindo-se em uma verdadeira *estratégia de sobrevivência*" (idem, grifo nosso). Desse modo, "as representações de si cohabitam com representações da atividade de trabalho" (idem), ou seja, ainda que pelo não reconhecimento de sua identidade na ocupação que exerce, o

¹³ - Embora Lautier e Pereira afirmem que os trabalhadores por eles analisados neguem "sua identidade de trabalhador", a leitura da análise em questão tende a discordar desse ponto de vista, já que a recusa que se verifica, na prática, em geral, está referida tão-somente ao tipo de *ocupação* executada.

trabalhador continua dispondo do trabalho como referencial de representação de si.

A negação da identidade de um trabalhador desvalorizado, ao definir seu trabalho como transitório, implica a recomposição da própria identidade pessoal, buscada a partir do provisório. Assim, concluem Lautier e Pereira, "a identidade não pode se reconstruir de outra forma que pela negação e pela recusa do que [eles são] [...] no presente" (1994: 145).

A gestão de si do trabalhador não-qualificado repousa, portanto, sobre a não aceitação de um estatuto em desacordo com a imagem que tem de si. Desse modo, não aceitar a imagem de si conferida por circunstâncias externas surge como uma *estratégia de sobrevivência*, uma *astúcia da fala*¹⁴ que garante a existência simbólica do trabalhador. O trabalhador só consegue continuar exercendo uma ocupação que estranha porque acredita não se tratar de uma situação definitiva, pois ele ainda é capaz de sonhar¹⁵.

É no seu trabalho que o jovem sente se está ou não exercendo a profissão almejada, demonstrada pela existência ou não da satisfação nas atividades que executa. Essa aspiração é construída durante todo seu ciclo de vida ao lado de familiares, vizinhos, amigos e sua trajetória educacional. Em outros termos, a representação da profissão almejada resulta da convivência com a família, a educação, a mídia, o ambiente de trabalho e o estrato social de classe a que pertence. Por essa razão é que família e educação, associadas ao estrato social, serão instâncias desta investigação para a compreensão do construto da experiência e sonho profissional do jovem.

¹⁴ - Ver mais detalhes sobre a *astúcia da fala* na página 60.

¹⁵ - Cf. Morice em sua afirmação: "a quimera da profissionalização [...] [atenua] os efeitos destrutivos da precariedade cotidiana, e [...] permite [...] ao trabalho no canteiro prosseguir" (Morice *apud* Lautier, 1994: 149, nota 30).

1.3 Família e valor cultural do trabalho

A inserção prematura do jovem no mundo do trabalho é motivada não somente pelas condições econômicas, constata Dauster, mas também por ser "uma estratégia do sistema de socialização das camadas populares". Entre essas famílias, o trabalho coloca-se como obrigação por se assentar em uma "prática cotidiana e coletiva", portanto, cultural (1992: 33).

Antes de prosseguir, porém, a discussão sobre a importância da família na constituição do valor do trabalho aos jovens, faz-se necessário destacar a concepção que se dispõe aqui acerca do termo *socialização*. Apóia-se nas acepções de Dubar e Piaget, que concebem a socialização como um *processo de interação* em que o indivíduo não apenas deve aprender a se fazer reconhecido pelos outros, reproduzindo sua cultura, como também tem de buscar alcançar melhores *performances* para si mesmo.

De acordo com Dubar, foi Mead quem primeiro descreveu de maneira minuciosa "a socialização como construção de uma identidade social" (2000: 95, tradução nossa) na e pela interação com os outros, logo, como "construção progressiva da comunicação do Eu como membro de uma comunidade, participando ativamente de sua existência e, portanto, de sua mudança" (Dubar, p. 96). Tal participação consiste não apenas na reprodução de papéis extradeterminados, como também na seleção personalizada desses papéis realizada pelos indivíduos.

A principal contribuição de Mead para o conceito de socialização, segundo Dubar, é a de que ao se socializar o indivíduo tanto reproduz a "comunidade" como cria a "sociedade". Trata-se, por conseguinte, de um processo dialético entre indivíduo e sociedade.

Nessa pesquisa o conceito de socialização destoa, portanto, da clássica concepção cultural-funcionalista que a considera como sendo um *esquema de condicionamento*, assimilado inconsciente e mecanicamente pela criança por meio de atitudes culturais (maneira de ser, de pensar e de agir). Ao invés disso, compartilha-se da visão de Piaget que a tem como um *processo de interação* "autônomo de desenvolvimento das estruturas cognitivas" (*apud* Boudon & Borricaud, 1993: 518) que, ao lado do ambiente social em que a criança está inserida, irá formar seus julgamentos.

No mesmo caminho de Piaget, Dubar critica a abordagem que reduz a socialização a mero condicionamento de interiorização de valores e normas de um grupo. Assim, como descrito no início, a socialização implica em uma dupla exigência: o reconhecimento de si mesmo pelos outros e o auto-aprimoramento, realizado por meio de escolhas e opções que o indivíduo faz ao longo de sua vida, re-significando-se constantemente.

Concebendo a socialização como um processo de interação dos indivíduos no interior das relações sociais, a convivência familiar consiste, portanto, no seu fator primordial, uma vez que é nessa esfera que a criança tem seu primeiro contato com outrem.

No processo de socialização desenvolvido no seio da família, o preparar-se para o trabalho é um dos componentes fundamentais. Em sua pesquisa a respeito da identidade profissional em que analisa o operário-padrão, Colbari apresenta a família como um universo moral que age de forma persuasiva sobre os valores dos indivíduos. Nessa perspectiva, a família contribui para a consolidação "de uma atitude favorável ao trabalho e estimula a moral do esforço e do êxito" (1995: 116). Dessa maneira, percebe a família como uma motivação moral para a entrada dos indivíduos no mundo do trabalho, sob a justificativa de o trabalho ser o meio de prover a família e conferir

dignidade àqueles que trabalham (Colbari, 1995).

Assim como o valor da família, o valor do trabalho, tem um significado moral para os componentes das famílias de baixa renda, não fundamentalmente por seu significado econômico (Sarti, 1994), mas sobretudo por constituir um meio de integração familiar, reforçando seus valores morais, principalmente o de diferenciar o trabalhador do “bandido” (Zaluar, 1985).

Entrevê-se aí uma outra dimensão importante de a família incentivar os jovens para o universo do trabalho: motiva-os a uma inclusão social e, por conseguinte, constitui "um elemento essencial de sua identidade" (Bajoit e Franssen, 1997: 90), a partir do trabalho.

Donde se afigura que o trabalho é percebido pelos indivíduos não somente como um meio de ganhar a vida, mas também “como valor moral formador da personalidade e das identidades pública e privada”, acentua Evelyn (1998: 11).

Seguindo as trilhas sugeridas por Macedo (1979), a família se configura como mediação entre indivíduos e sociedade na ordenação da experiência cotidiana, sendo a situação de classe anunciada por via de práticas familiares. Ainda segundo Macedo, a renda das famílias operárias é obtida individualmente, mas vivenciada familiarmente. Desse modo, para a autora, o significado da família está na aplicação (o que e como aplicar) coletiva do resultado do trabalho que foi alcançado individualmente. A família está sendo concebida aqui não só enquanto gerenciadora de rendimentos, mas também como difusora de valores morais, daí o objetivo de trabalhar para e pela família.

A mediação familiar também é retomada por Gomes (1996), quando indica que o cerne do processo de socialização é a família, propiciando a trajetória individual pelo capital cultural que fornece aos seus membros. Dessa forma, a família é relevante especialmente para os pobres, dado o esforço de seus membros para a sobrevivência.

Pelo prisma de Macedo (1979), a consciência crítica dos operários está em atuarem em família na sociedade e realizarem seus "projetos de vida"; sendo assim, é por intermédio da família que os indivíduos criticam sua condição operária e buscam ascensão econômica.

Contudo, dezessete anos depois dessa discussão, portanto, em uma conjuntura social brasileira diferente, sobretudo marcada pelo desemprego, Gomes (1996), destoando da percepção de Macedo – embora sem fazer referência direta a ela –, afirma que o aumento dos excluídos (do trabalho, escola, etc.) leva os jovens a “perderem” o espaço familiar como construtor de sua identidade. Isso resulta, provavelmente, na tensão de identidade do jovem, como se já não bastasse a situação de desemprego e a falta de condições para concretização das expectativas familiares no mercado de trabalho.

Sem deixar de considerar a importância de investigações sobre os desempregados, propõe-se esta investigação a analisar somente as ambigüidades pertinentes à aspiração profissional do jovem empregado, já que se objetiva comparar sua quimera em relação à vida profissional com o trabalho exercido atualmente. Porém, não se pode deixar de levar em conta que o jovem ativo no mercado de trabalho também vive o terror do desemprego, referido a ele ou aos seus familiares. Assim, o desemprego configura uma “pré-ocupação” presente inclusive no imaginário do jovem ocupado formalmente.

Mediante o apanhado bibliográfico concernente à família operária, observa-se que ela ainda é uma referência, a partir da qual o jovem constrói seus sonhos profissionais, passando posteriormente pela escola, onde tentará buscar o preparo formal para subsidiar a viabilização curricular do anseio profissional, chegando, por fim, ao trabalho, onde será equacionado esse desejo e decidida sua viabilidade concreta. Porém, a família não é apenas o ponto de partida para a construção da

aspiração profissional do jovem operário, mas também é o sustentáculo que constantemente apóia e protege esses jovens contra as mazelas que enfrentam no mercado de trabalho que exige deles cada vez mais qualificação enquanto lhes oferece menos oportunidades de trabalho.

1.4 Anseio profissional versus projeto profissional

É oportuno destacar a ênfase aqui atribuída ao uso de “anseio profissional”, ao invés de “projeto profissional”, por ser esse o termo encontrado nas histórias de vidas de jovens oriundos das famílias de baixa renda. Como já foi narrado, esses jovens não dispõem de meios econômicos e culturais para poderem projetar, preparar-se e decidir sobre sua trajetória profissional; logo, não têm um projeto profissional traçado por eles, e sim executam a ocupação que é ofertada pelo mercado de trabalho.

Discorrendo sobre trajetórias e projetos profissionais de jovens portugueses, Pais (1993) classifica os jovens em duas orientações axiológicas: aqueles que constroem um *projeto de trajeto* e aqueles que dispõem apenas de um *trajeto sem projeto*. Em outras palavras, os jovens oriundos da pequena burguesia elaboram um projeto antes de executar uma trajetória profissional, enquanto os jovens operários executam uma trajetória ocupacional sem arquitetar um projeto.

Chiesi e Martinelli (1997) também aludem à problemática da falta de projeto entre os jovens italianos. De acordo com os autores, a maioria desses jovens, ao "escolher" um trabalho, não o faz segundo planejamento de carreira, mas negocia opções e oportunidades, de maneira pragmática e realista.

A maioria dos jovens belgas, pesquisados por Bajoit e Franssen, igualmente, vivencia a não projeção da ocupação que exercem. Esses jovens restringem-se a dispor de um "projeto puramente virtual" (1997: 86) para poderem, ao depreciar seu trabalho,

evadir de si mesmos e se distanciar dele.

No Brasil, a ausência de um projeto profissional por parte dos jovens de baixo poder aquisitivo tem sido registrada por meios de comunicação, como o jornal Folha de S. Paulo, ao reportar, baseando-se nos dados do IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que, apenas no Estado de São Paulo, cerca de 30% daqueles que procuram emprego têm entre 15 e 24 anos de idade e o tipo de ocupação que realizam são os “bicos” (trabalho informal) (Cesso, 2000).

A mesma matéria jornalística aponta que o trabalho informal compromete o futuro, visto que o tempo que os jovens despendem com “bicos” poderia estar sendo investido em sua carreira, ou seja, em sua educação. A não elaboração de um projeto profissional por parte do jovem de classe de baixa renda fica explícita na fala de um dos entrevistados pela Folha de S. Paulo, ao relatar: “Ainda não consegui me decidir sobre qual profissão vou exercer no futuro justamente porque não tenho oportunidade de entrar numa empresa e conhecer de perto as áreas (M. H. O., 18, concluiu o 2º grau)” (idem, p. 4). Ou seja, é o estar trabalhando, portanto, o mercado de trabalho, e não o estar estudando, que delibera o tipo de ocupação destinado a esses jovens.

Muito embora não haja um projeto profissional construído pelos jovens desempregados de baixa renda, são notórios os desejos por certas profissões na categoria dos jovens metalúrgicos empregados. Em geral, como já exposto anteriormente, os jovens metalúrgicos sonham com profissões afastadas do chão de fábrica e até da própria fábrica: Engenharia, Informática, Arquitetura, Veterinária etc. Esses sonhos energizam e esculpem sua subjetividade criando certas expectativas de futuro, delineando sua percepção sobre o trabalho exercido e a forma de sociabilidade na qual se insere.

1.5 Subjetividade do trabalhador

Ao analisar o sofrimento vivenciado pelo trabalhador, resultante do conflito entre a organização do trabalho e a subjetividade do trabalhador, Dejours diferencia duas esferas da satisfação: as *satisfações concretas* remetidas à saúde do corpo, tal como o bem-estar físico e a proteção à vida do trabalhador, e as *satisfações simbólicas* que constituem a "vivência qualitativa da tarefa. É o sentido, a significação do trabalho que importam nas suas relações com o desejo" e com a motivação (1992: 62). A noção de *satisfações simbólicas* é fundamental, por denotar justamente o tipo de satisfação focalizada por esta discussão, a respeito da experiência do jovem operário com o seu trabalho.

Existe uma relação imbricada e presente entre a subjetividade do trabalhador e seus atos objetivos, motivo que confere validade ao vínculo desta investigação com a Sociologia, ao problematizar um tema que, a despeito da aparência puramente psicológica, dialoga fortemente com as relações sociais.

Leite, ao abordar o conceito de experiência, trabalhado por Thompson, em que o trabalhador é tido como sujeito do conhecimento, portanto, tecedor de sua própria história¹⁶, sublinha que:

A noção de subjetividade [...] se relaciona [...] com o conceito de experiência [...] e com uma compreensão do trabalhador enquanto sujeito de sua história, capaz de reelaborar as determinações externas em função daquilo que define como sua vontade [...] Essa postura teórica significa também considerar que não são apenas as privações materiais que orientam as ações dos indivíduos, mas também as carências que possuem uma dimensão psicológica, ética e moral, que se

¹⁶ - "Os homens e mulheres também retornam como sujeitos [...], não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos e, em seguida 'tratam' essa experiência em sua *consciência* e em sua *cultura* [...] das mais complexas maneiras [...] e em seguida [...] agem [...] sobre sua situação determinada" (Thompson, 1981: 182).

relacionam com as diversas manifestações do poder e da autoridade e que animam as pessoas a se voltarem contra formas variadas de opressão e de injustiça (1994: 32).

Tratar da experiência do trabalhador é embrenhar-se em uma discussão essencialmente subjetiva, mas que mantém conexão estreita com a dimensão social, haja vista que a não concretização dos anseios profissionais do trabalhador em seu trabalho acarreta problemas objetivos no interior da sociedade. Friedmann (1972) observou que a insatisfação no trabalho é compensada fora do trabalho, no lazer: em jogos de azar, futebol, drogas, bebidas alcoólicas e até atitudes violentas.

Detendo-se na relação subjetividade-trabalho entre operadores de processo petroquímico, Tittoni considera que a experiência do trabalho no interior da fábrica desenha o "modo de ser" do trabalhador e se expressa fora do ambiente fabril. O trabalho coloca-se, nesse ângulo, como referência crucial a partir da qual se "institui 'modos de ser'¹⁷, de pensar e de agir", de forma que "a dimensão subjetiva [do trabalhador] está sempre marcada por essa experiência concreta [do trabalho]" (1994: 169).

A ausência de efetivação das aspirações profissionais do jovem trabalhador interfere na sua sociabilidade, muitas vezes, de forma negativa, tornando-o – quando adulto – ainda mais excluído ou alguém malquisto pelos membros do seu meio social ao discrepar dos valores culturais que prezam; indesejado no seu meio social assim como é seu trabalho para ele.

¹⁷ - Vale notar que, no caso específico da pesquisa de Tittoni, os "modos de ser" apontados são: agilidade, seletividade, masculinidade e desafio, dado o próprio caráter da ocupação do operador de processo petroquímico, por sua vez envolvido pelo perigo, exigência de trabalhador apenas do gênero masculino, trabalho noturno, mão-de-obra qualificada e com raciocínio rápido. Essa situação é um tanto diversa do segmento operário que esta pesquisa se propõe a estudar.

1.6 Instrumentalização da sociedade moderna

Na sociedade moderna, quase tudo se instrumentalizou como forma de sustentação do *crescimento econômico*, deixando para trás o *desenvolvimento qualitativo*¹⁸: a realização humana, a apropriação do homem de seus desejos e gozos (Lefebvre, 1966)¹⁹. Evelyn (1998), ancorando-se nas idéias de Arendt, atribui essa instrumentalização da sociedade à necessidade crescente de os indivíduos terem de usar o trabalho como atividade exclusiva para ganhar a vida, o que lhe retira a dimensão de criação humana.

A educação, igualmente, vem perdendo seu significado qualitativo e se instrumentalizando²⁰ em prol da execução do trabalho enquanto provedor do *crescimento econômico* para alguns privilegiados economicamente, o que, por conseguinte, leva ao questionamento do sentido qualitativo e cultural do trabalho

¹⁸ - Ver Lefebvre referindo-se à mercadoria e ao operário, cujo movimento é dotado de dois aspectos: “O aspecto quantitativo é o *crescimento econômico* (aperfeiçoamentos técnicos, aumentos da produção material calculada em toneladas de trigo, de aço etc.). O aspecto qualitativo é *desenvolvimento social* (intensidade da vida social, atividade das organizações que substituem o político pelo social através da democracia e sua superação, produção de obras ‘espirituais’). Êstes dois aspectos não marcham inevitavelmente juntos, ao mesmo passo” (1966: 120-121).

¹⁹ - “[...] o conflito agudo entre o quantitativo [crescimento] e o qualitativo [desenvolvimento] [...] acarreta uma complexidade maior das relações sociais mascarada e dificultada por elementos opostos. A *dominação* sobre a natureza exterior se afirma e se confirma, no entanto, estagna ou regride a *apropriação* por parte do homem de *sua própria natureza*. A primeira reflete sobre o crescimento, a segunda, o desenvolvimento” (Lefebvre, 1966: 145). Cf. Horkheimer que assinala: “A história dos esforços humanos para subjugar a natureza é também a história da subjugação do homem pelo homem [...] A dominação da natureza envolve a dominação do homem. Cada sujeito deve não só subjugar a natureza externa, humana ou não-humana, como para fazê-lo deve subjugar a natureza em si mesmo. A dominação torna-se ‘interiorizada’ por si mesma” (1976: 116 e 104 a 105 respectivamente).

²⁰ - “A burguesia fez com que a luta pela escola se situasse no reino natural das necessidades elementares – escola elementar –, não mais no reino humano dos fins, dos valores, da produção-formação do homem, como era na concepção socrática, cristã e humanista, espaço do cultivo do espírito, das letras, da cultura, dos homens cultos e cultivados. O mundo letrado, onde a burguesia e seus intelectuais se propõem introduzir o povo via escola, não é mais o mundo das letras, das artes liberais e da cultura; é apenas o mundo natural da sobrevivência” (Arroyo, 1995: 89).

exercido pelo trabalhador.

A sociedade burguesa tornou o trabalho mero instrumento, meio econômico, retirando dele a realização humana em termos culturais, poéticos, lúdicos, o que provoca a falta de sentido no ato de trabalhar, atribuindo-lhe apenas a dimensão alienante (Frigotto, 1995).

Analisando a falta de prazer no trabalho, Albuquerque e Brito expõem:

[A] espoliação do trabalhador no capitalismo é acompanhada por uma crescente sistematização do conhecimento que visa à preparação do corpo para o trabalho e é propiciada pelo padrão de trabalho sem prazer, que a civilização autoritária e mecanicista criou (Albuquerque e Brito *apud* Gomez, 1995: 50-51).

O propósito desta pesquisa não é o de acolher enfoques puramente economicistas que vêem o trabalho como um meio de sustentação e desenvolvimento da economia, por sua vez subsidiado pela educação²¹. Nas considerações aqui empregadas, o trabalho, assim como a educação, têm, sim, dentre seus papéis, o de atender as necessidades econômicas²², porém quem realiza o trabalho para a economia

²¹ - Saviani parece ser adepto da teoria economicista da educação, pois para ele: “[...] o trabalho foi, é e continuará sendo o princípio educativo do sistema de ensino em seu conjunto. Determinou o seu surgimento sobre a base da escola primária, o seu desenvolvimento e diversificação e tende a determinar, no contexto das tecnologias avançadas, a sua unificação” (1994: 165). Do mesmo modo, Assis, do SENAI-SP, salienta que as novas tecnologias implicam que a educação e a formação profissional atendam as demandas do setor produtivo. O que pode ser ilustrado na sua afirmativa seguinte: “Em lugar de ajustar-se *reativamente e defensivamente* às inovações tecnológicas, deve-se considerar que a educação tem um papel *ativo e estimulador* a desempenhar e que tem, além disso, que cumprir um importante objetivo, a saber, a promoção da inovação e do progresso técnico na economia” (1994: 201).

²² - Como já disse Marx, o trabalho é “[...] criador de valores de uso, [e] como trabalho útil [...] [é] uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana” (1983: 50). Para o autor a primeira premissa da existência humana é a da sobrevivência: “[...] os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se [...]. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, tal como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas,

são seres humanos e estes, não obstante tudo, no seu trabalho, não são transformados em máquinas sem desejos, sonhos e sensibilidades.

A sociedade capitalista desconsidera os aspectos qualitativos do trabalho ligados às condições subjetivas dos trabalhadores, o que é em si um paradoxo, já que, se ao contrário fosse, acarretaria conseqüências “positivas” para a economia, tal como melhor qualidade na produção. Sobretudo, o trabalhador faria parte de seu trabalho, tendo a possibilidade de não se tornar mero apêndice, passando a ser “sujeito” do que faz; porém, já é sabido que isto não seria possível no sistema capitalista²³.

O empenho desta pesquisa consiste em exprimir que, por mais técnicas que o capital empregue para se apropriar dos trabalhadores, fazendo deles meras ferramentas para o crescimento da economia, eles têm em si a recusa dessa subjugação, o desejo de mudar de vida e, ainda que em sonho, a intenção de efetivar um trabalho com significado para o seu *eu*.

simplesmente para manter os homens vivos” (1977: 39).

²³ - Lettieri, ao refletir acerca da qualificação e organização do trabalho, destaca: “as novas técnicas de organização do trabalho (posteriores ao taylorismo e fordismo, adotadas por grandes empresas tais como: Philips, IBM) em nada modificam a ideologia do rendimento e da exploração; ao contrário, estão a seu serviço. A ‘valorização da personalidade do trabalhador’ e de suas capacidades tornou-se um meio de atrair a mão-de-obra, cativá-la, resolver o absentismo e prevenir conflitos. // Na medida em que essas *novas técnicas de organização do trabalho são adaptadas* e implantadas pelo padrão num quadro de *subordinação cultural e política dos trabalhadores*, elas tornam-se meios de integração, de *personalização do trabalho*’ e também de *despersonalização do trabalhador*” (1989: 200, grifo nosso).

1.7 A simbologia do trabalho

Para o ser humano continuar sendo tratado como tal, é preeminente concebê-lo não meramente enquanto instrumento em função unicamente de necessidades econômicas que, aliás, como já foi assinalado, são fundamentais para sua existência física. O ser humano não é apenas um ser econômico; é também cultural, político, artístico, artesão. Ele é um ser (re)produtor e também criador, obreiro.

Por isso, não há sentido qualitativo em o trabalho e a educação serem concebidos meramente segundo fins econômicos, uma vez que são obras do ser humano que é pluridimensional. Assim, o significado qualitativo presente no trabalho e na educação é constituído pela criação, arte e querer dos indivíduos.

O sentido do trabalho para a vida do trabalhador, o resgate do diálogo entre o que o trabalhador faz e o seu querer é fundamental para sua satisfação no trabalho e a sua realização enquanto ser humano.

Leite, auferindo aportes de Heller, salienta a importância do fato de que os

“carecimentos radicais” [...] se referem a todas as carências geradas na sociedade capitalista, em consequência do desenvolvimento da sociedade civil, independentemente do fato de se tratarem de necessidades do estômago ou da fantasia. Para ela, essa concepção já estaria presente em Marx quando ele insiste na historicidade das necessidades, na sua dependência em relação à tradição, ao grau de cultura, etc. e em suas observações de que a riqueza material deveria servir às necessidades de desenvolvimento do trabalhador, compreendidas a partir de uma valoração extra-econômica (1994: 32).

Relacionando a satisfação das necessidades qualitativas do ser humano às ocupações, Marx considera que na sociedade ideal, diferentemente da capitalista, as ocupações são tidas como passatempos,

onde cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode aperfeiçoar-se no ramo que lhe apraz, [...] [onde posso] caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar após o jantar, segundo meu desejo, sem jamais tornar-me [sic] caçador, pescador, pastor ou crítico (1977: 47).

Desse modo, o autor propõe a eliminação da profissão tal como ela é concebida unilateralmente na sociedade moderna, especializada, rotineira e sem sentido para o trabalhador. Ao invés da profissão instrumentalizada e alienada, haveria atividades diversificadas e autodeterminadas²⁴ para um mesmo indivíduo, dotadas de sentido para quem as faz.

O alcance do fazer com sentido está em quebrar o utilitarismo essencialmente econômico que a sociedade capitalista atribui para todos os setores, dentre eles o trabalho e a educação. O fazer com sentido depende da educação, não somente escolar, mas familiar, sindical, da própria fábrica e de meios de comunicação fornecerem, para os indivíduos, informações que lhes permitam compreender a sociedade e se sentirem co-participantes dela. Contudo, não basta o guarnecimento de escola, eventos culturais, “participação” dos operários na administração e lucros da empresa, pois o fazer com sentido, que está sendo referido aqui, realiza-se quando gestado e gerido pelo próprio operário.

Portanto, na perspectiva desta investigação, uma das vias do indivíduo tornar-se sujeito do seu porvir é ele projetar suas aspirações profissionais no que faz, atribuindo assim sentido ao seu trabalho.

O sentido do trabalho está intrinsecamente relacionado com a dimensão do saber que o indivíduo possui. Agier e Guimarães, ao analisarem os operários técnicos da Polo Petroquímica da Bahia, expõem: “[...] jovens e escolarizados, a representação que fazem do trabalho se coaduna com o princípio do processo industrial: para eles o

²⁴ - Sobre atividades autodeterminadas, ver Gorz, 1982: 12.

saber e o fazer são um só” (1995: 55). Entretanto, o trabalho provido de sentido para o trabalhador depende do saber do operário não se esgotar no seu fazer, mas estar além deste, para que o operário possa compreender em sua inteireza o processo de trabalho e suas relações. Assim, o saber operário não se restringiria ao saber técnico²⁵, mas abrangeria também o científico, político, literário, lúdico, poético, etc., o que permitiria sua realização enquanto ser humano.

A falta de sentido do trabalho acarreta a problemática da identidade social profissional do operário que é instigantemente exposta por Agier e Guimarães:

O “casamento” do operador com a planta, necessidade de uma cultura do trabalho de processo, inspirada pela própria empresa, faz com que a pessoa tenda a se confundir com o trabalhador. Coerentemente, a insatisfação nascida da contradição entre a simbologia do técnico – que legitima e permite toda esperança^[26] – e a realidade da gestão do trabalho e das carreiras, se torna um fato não apenas fabril mas “total”, mexendo com a própria essência da identidade social da pessoa (1995: 55, grifo nosso).

A pessoa não se limita à ocupação que exerce, não se revela exclusivamente no fazer, mas em parte nele. Em função disso é que se considera a grande relevância de investigar no jovem operário não somente suas concepções acerca do trabalho, mas também o seu querer, por este revelar as contradições que ele vive, no trabalho e na sociabilidade.

²⁵ - Na nota 67, do *Capital*, 1983, vol. I, cap. XII, p. 284, Marx faz uma citação de W. Thompson que, já no início do século XIX, enfatizava a existência da disjunção entre o saber e o fazer operário: “O homem do saber e o trabalhador produtivo estão amplamente separados um do outro, e a ciência, em vez de nas mãos do trabalhador aumentar suas próprias forças produtivas para ele mesmo, colocou-se contra ele em quase toda parte. [...] O conhecimento torna-se um instrumento capaz de ser separado do trabalho e oposto a ele (Thompson, W. *An Inquiry into the Principles of the Distribution of Wealth*. Londres, 1824, p. 274)”.

²⁶ - A ocupação de técnico permite esperança ao trabalhador por se tratar de uma ocupação de *status*, relatam Guimarães e Agier (1995: 55).

A identidade profissional do trabalhador é ambígua, pois depende de sua inserção econômica, educacional e da obtenção de valores familiares. A literatura pesquisada (Agier e Castro, 1995; Bajoit e Franssen, 1997) acerca desse tema aponta que os trabalhadores com renda familiar mais baixa, sem qualificação ou com qualificação que não acompanhe o desenvolvimento tecno-organizacional, buscam a ocupação pelo quanto ela vale monetariamente. Já os trabalhadores com maior renda familiar e com acesso à reprofissionalização buscam a profissão que atenda aos desejos do seu *ser* e não predominantemente do seu *ter*.

Alguns casos de operários entrevistados por Agier e Castro são analisados por estes como parecendo

sugerir que, quanto mais pobre e frágil o meio de socialização – seja do ponto de vista da posição da família no mercado de trabalho, seja do ponto de vista da preparação subjetiva para o trabalho industrial moderno – mais as escolhas individuais parecem privilegiar a busca do salário, sem que, na organização da trajetória, o sujeito possa exercer maior controle sobre a natureza das oportunidades ocupacionais assumidas (1995: 129).

Apesar de o trabalhador que tem menos acesso ao capital material e cultural/educacional, em geral, buscar na prática o sentido sobremaneira econômico do trabalho, é necessário também considerar a importância da referência à dimensão simbólica que o trabalho tem para ele.

1.8 Apropriação do sentido do trabalho

Ponderando o fato de que o jovem operário não dispõe de uma ocupação que atenda às suas expectativas profissionais e, ainda mais funesto, não dispõe de preparo profissional para tê-la e vive a constante ameaça da falta de emprego, qual procedimento utiliza para abrandar esse desencontro subjetivo e ameaça objetiva? Será possível ter uma ação dotada de discurso crítico ao seu emprego, tal como alguns jovens europeus?

Na Europa, jovens que dispõem de maiores recursos escolares e culturais conseguem ficar fora do mercado de trabalho, podendo, em situação de desemprego, receber ajuda financeira dos seus pais e freqüentar cursos que melhor os qualifiquem para exercer um trabalho que desejem. Para esses poucos jovens europeus, o desemprego é vivido muito mais como "forma de redefinição de projetos pessoais", haja vista os auxílios de desemprego que percebem, possibilitando, assim, a concretização de um "projeto de auto-realização" pessoal (Bajoit e Franssen, 1997: 92).

Divergente é a situação do jovem proveniente de meios populares, tanto no Brasil quanto em países de primeiro mundo, dado que, para esse jovem, o desemprego implica uma vida de privações, sobretudo de fome e violência. Bajoit e Franssen afirmam que a maioria dos jovens pesquisados na sua amostra "vive o desemprego sob a forma de culpabilidade ou de vergonha" (1997: 90), sem se reconhecerem na imagem desvalorizada que a sociedade forma deles.

Focalizada a inquietação que se configura na escassez de meios com os quais o jovem operário possa manipular o seu devir profissional, avulta-se a necessidade de trazer à baila as considerações acerca da noção *discurso da ação*, utilizada por Maroni, com a qual se dialogará aqui, para expressar o modo como o jovem trabalhador

operário é percebido.

Analisando as greves dos metalúrgicos da cidade de São Paulo, em 1978, Maroni argumenta que os operários dispunham de estratégias de recusa, cuja visibilidade nem sempre emergia facilmente aos olhos. A autora classifica tal recusa como o *discurso da ação*, em cujas características está a de não verbalizar

propostas políticas, no entanto, elas existem; não propõe alvos claros contra os quais se desenvolve o combate, porém eles não estão ausentes; não define estratégias explícitas para alcançar o fim desejado, porém estas se fazem a todo momento presentes (Maroni, 1982: 18).

Se transplantada essa noção do *discurso da ação* para as *estratégias* de mobilidade ocupacional, utilizadas pelo jovem de estratos de classe média, pode-se dizer que, quando exercita sua mudança de trajetória ocupacional, ele desenvolve nessa ação um discurso contido de crítica à sua ocupação, crítica essa que se efetiva sobremaneira quando ele se qualifica – enquanto recebe ajuda econômica de sua família – para um trabalho que deseje mais, que seja referido às suas aspirações.

A indagação que ora se coloca é: no caso do jovem operário brasileiro, será que esse trabalhador tem possibilidade de fazer tal crítica na ação de mudança de ocupação, sobretudo vivendo em um país praticamente desprovido de Estado de Bem-Estar social?

O pressuposto levantado, segundo as linhas desta análise, é o de que o jovem operário brasileiro faz crítica sim, porém não fundamentalmente na ação de mudança de ocupação, já que esta parece ser ditada pelo mercado – segundo consta da bibliografia já discutida. Certamente, existe a crítica do jovem operário à sua ocupação, podendo ser detectada na fala em que comunica o desejo de ter um trabalho melhor para si. Portanto, enquanto o jovem de meios mais abastados realiza uma crítica na ação, o jovem de baixa renda efetua uma crítica na aspiração, aspiração essa

que é o prenúncio de uma possível mudança de sua própria condição.

Existe crítica às condições sociais não somente no dito, mas também no não dito; manifesta-se na ação cotidiana e também, parafraseando Lefebvre, no *mal-estar*²⁷ do viver sem sentido. À luz da interpretação lefebvreana, ao abordar o cotidiano dos indivíduos na sociedade moderna, a “satisfação e a insatisfação andam lado a lado, se afrontam segundo os lugares e pessoas. O conflito não aparece sempre nem é dito. Evita-se falar dele e torná-lo manifesto. Mas ele está aí, constante, latente, implícito” (1991: 87).

Tendo como referência essa acepção da presença da crítica entre os operários, ainda que subterraneamente, é possível considerar que haja no jovem trabalhador o desenvolvimento de *estratégias* que visam alcançar sua realização pessoal, o seu *eu* qualitativo. Com relação a isso, Chiesi e Martinelli constataram em sua pesquisa entre jovens italianos:

A propensão para o trabalho autônomo e a alta percentagem de entrevistados que viveram experiências de trabalho precoces desde o período estudantil induzem a considerar que os jovens estejam em condições, não obstante tudo, de desenvolver estratégias muito realistas e “competentes” na busca de um trabalho qualitativamente satisfatório. Um primeiro aspecto de tais estratégias consiste na definição dos limites geográficos dentro dos quais movimentar-se para oferecer as próprias capacidades (1997: 116).

Porém, o aporte desses autores é o de que área geográfica, instrução, salário e origem social sejam os fatores que contribuem para a satisfação dos jovens no trabalho. Por decorrência, jovens de baixo poder aquisitivo são menos satisfeitos no trabalho do que os de maior poder aquisitivo, por terem os referidos fatores compostos por “valores” reduzidos tanto social quanto economicamente (Chiesi e Martinelli,

²⁷ - Do ponto de vista de Lefebvre (1991), na sociedade moderna configura-se um *mal-estar* fundamentado pela crise de “valores”, levando à falta de sentido do viver e à incapacidade de se chegar sequer à satisfação, para não falar no prazer.

1997). Com isso, pode-se dizer que as *estratégias* de mobilidade ocupacional dos jovens operários são mais frágeis do que de jovens de maiores recursos socioeconômicos.

Então, o que restaria para esses jovens que dispõem de pouco controle sobre a mobilidade de sua trajetória ocupacional? Uma outra *estratégia*: a *astúcia da fala*. As práticas cotidianas são interpretadas, por Certeau (1994), como do tipo *tático*, dotadas de *astúcias* anti-disciplinares e não conformistas que, por intermédio dos indivíduos, tentam burlar, alterar e desviar a ordem imposta, imprimindo no seu meio social um significado para o seu *eu*. É dentro desse veio teórico que se pretende analisar a fala do jovem operário.

Tomando de empréstimo o termo *astúcia*, utilizado por Certeau, e atribuindo-lhe uma outra roupagem²⁸, já que o autor trata das *artes de fazer* entre consumidores, enquanto que aqui se trata das *artes da fala*; pode-se dizer que o jovem operário dispõe de *táticas astuciosas*, por meio do discurso de mudança de ocupação, para manipular a imagem de si que o espaço da produção tenta forjar.

É astuciosa a tática da recusa de uma auto-imagem alcançada por meio de uma ocupação não desejada, por permitir ao indivíduo construir, por si próprio a sua representação, uma nova identidade de trabalhador, ainda que pela negação.

De acordo com Certeau, o cotidiano é constantemente reinventado por intermédio das *artes* ou *maneiras de fazer* que são "tecnologias mudas",

as mil práticas [das pessoas sobre o] [...] espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural [...] [são] operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas

²⁸ - Embora, neste texto, o termo *estratégia* e *astúcia* estejam concebidos como semelhantes, faz-se necessário destacar que, para Certeau, são dois conceitos diferentes: enquanto *estratégia* é organizada por um lugar, poder e força, a tática é *astúcia*, não tem lugar definido, não dispõe de poder, consiste na "arte do fraco" (1994: 101).

tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de "táticas" articuladas sobre os "detalhes" do cotidiano, [...] [exumando] as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos (1994: 41).

A fala do jovem operário que deseja mudar de ocupação tem um significado ambivalente: busca ascensão econômica e com isso faz o que o sistema capitalista apregoa, mas também busca a negação de sua condição de estar à margem da sociedade, condição essa desenvolvida pelo mesmo sistema. Assim, na fala do jovem, percebe-se uma crítica feita não diretamente ao sistema, mas ao seu modo de vida constituído por um "destino traçado com antecedência" (Clot, 1982: 4) à sua própria vontade. A recusa do jovem à ocupação que exerce está remetida à negação de um devir cujo rumo tenta impor-se a ele, colocando-se além do seu próprio controle.

O querer negador do fazer, mediante a fala da mudança de ocupação, parece exprimir uma postura crítica do jovem operário, por ser denunciador, na intenção, de suas condições de exploração, e indicar que esse jovem não é ajustado à configuração do sistema econômico.

A procura da juventude operária por uma vida com sentido é apontada por Clot como uma nova ética, em que:

as exigências de viver de outro modo sua vida no trabalho e fora dele, de atribuir sentido a toda a existência, simplesmente pode ser o ponto de apoio para uma transformação radical [...] Essa nova ética, talvez, seja o projeto de uma liberdade, de uma qualidade humana que não se realiza unicamente na esfera da representação política formal, mas no mundo da produção, da formação, das relações sociais no seu sentido amplo, e finalmente, de todas as articulações da sociedade ^[29] (1982: 12).

Não somente as mercadorias, enquanto objetos comercializáveis, mas também

²⁹ - Tradução nossa.

as obras, são criadas pelo trabalho humano, cuja presença permite que os indivíduos confirmem significado para o mundo. Essa mesma dicotomia, contida no trabalho, é encontrada no trabalhador, que não pode ser concebido inteira e univocamente como simples força de trabalho criando objetos desprovidos de sentido para si, mas como indivíduo que sujeita somente *parte* do seu corpo. O jovem trabalhador não apenas se assujeita ao seu trabalho; ele também se porta como sujeito, ao ter na mente a recusa de sua subjugação, do viver sem sentido, expressa, se não em palavras, no sonho de mudar de vida.

Capítulo 2 Percurso de campo e percalços do caminho

O fito do capítulo metodológico é o de tecer considerações acerca da importância de utilizar a pesquisa qualitativa na presente investigação, definir o método *rede social*, especificar as técnicas utilizadas para a coleta de dados de campo, relatar como foi o contato e a recepção dos pesquisados, as dificuldades e contribuições de campo, o modo de classificação e o desenvolvimento da análise das entrevistas.

Jovens operários, que compõem o mercado de trabalho formal do setor industrial da região metropolitana de São Paulo, constituem o universo recortado para a feitura da pesquisa de campo.

Para analisar o desencontro entre o trabalho exercido e os trabalhos quiméricos, vivido pelos jovens operários, buscam-se delinear as influências de instituições educacionais (escola e família) sobre a constituição da trajetória ocupacional desses jovens, por meio de suas falas e de sua memória. Destarte, o repertório temático esquadrinhado está envolto pelas percepções dos jovens pesquisados acerca de experiências e valores vinculados à sua condição de trabalhador, notadamente aqueles transmitidos pelas esferas familiar, escolar e, inclusive, pela própria fábrica.

As influências da família foram buscadas por configurarem uma instância crucial, que subsidia e demarca a trajetória ocupacional dos jovens, provendo, ou não, a profissionalização dos seus filhos pelas vias da educação formal e da transmissão de valores.

Considerou-se salutar a observação direta do cotidiano familiar dos jovens e a “espontaneidade” da narração de suas experiências de vida. Assim, definiu-se a

necessidade da escolha de um método de pesquisa que permitisse um contato direto e uma relação mais informal com os pesquisados¹ do que aquela que se estabelece no interior de uma fábrica, daí a escolha pelo método *rede social*.

2.1 Metodologia

Objetivou-se organizar uma *rede social* de relações para localizar os pesquisados por meio de indicações deles próprios, iniciando uma relação a mais “neutra” possível com um jovem contatado, isenta especialmente, de possíveis influências da chefia de seu ambiente de trabalho.

Rede social é definida como um "conjunto de relações que ligam pessoas, posições sociais [...], grupos e organizações" (Johnson, 1997: 190). Conforme Both (1976), uma das precursoras desse conceito, na Inglaterra, o uso de rede na pesquisa social tem se colocado de três maneiras: na investigação dos processos e geração de novas formas sociais; no estudo das relações entre sistema e meio social e, finalmente, como um método de pesquisa das ligações sociais no interior de uma unidade básica estudada. Ou seja, *rede social* é concebida tanto como um tipo de organização social quanto como um método, e é justamente nesse último sentido que ele está sendo tomado nesta pesquisa.

Faz-se necessário um breve passeio histórico sobre essa noção, para localizá-la no tempo e no espaço. Barnes foi quem primeiro usou sistematicamente o conceito de *rede social*, ao pesquisar uma aldeia de pesca na Noruega. Após 1955, todos os pesquisadores que trabalharam em Antropologia Social, em Manchester, deveriam

¹ - Na abordagem de Bourdieu pesquisar pessoas conhecidas assegura uma comunicação “não-violenta” por intermédio da não objetivação das razões subjetivas do pesquisado e do imediato entendimento dos seus sinais não verbais (1987: 697).

conhecer as redes, tal foi a importância que tomou depois de Barnes, Gluckman e Both. Assim, a partir de 1957, na Inglaterra, um grande número de pesquisas voltou-se para as redes, enquanto, nos Estados Unidos, só a partir de 1970 os sociólogos passaram a utilizá-las.

Vários estudos empíricos têm usado o conceito de rede com definições e terminologias as mais diversas, como “rede total, rede pessoal, rede egocêntrica, *reticulum*, quase-grupo, campo, estrela, zona, comunidade, pessoal, ambiência, círculo social, facção, partido, grupelho, agrupamento, grupo e grupo corporativo” (Both, 1976: 298-9). Todavia, compartilha-se aqui a postura de Both, que se restringe ao termo rede, uma vez que ele é o mais comumente usado e conhecido.

Partindo do pressuposto de que o indivíduo não é um ser isolado, mas, antes, interativo, mantendo relações formais com instituições e informais com colegas, vizinhos e parentes, Both concebe como rede “todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com os quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato” (1976: 299). Dessa forma, a autora afirma que os indivíduos e os grupos não subsistem sem suas redes de relações externas. Daí a pertinência das redes para o estudo sociológico, pois, embora aqui o indivíduo seja o objeto de estudo, ele é considerado com todos os vínculos sociais que estabelece no interior da sociedade.

Discrepando do uso de rede adotado por Barnes e comungando do método do sociólogo americano Kaduschin, essa autora atém-se a um universo particular de pesquisa – jovens operários –, apreendido não como uma comunidade local, mas enquanto uma categoria social (*apud* Both, 1976). Trata-se de pesquisar indivíduos, não no sentido psicológico, mas tomando-os como unidades básicas de formação de *rede social*, portanto, representantes de uma categoria social, a de jovens trabalhadores fabris.

Não obstante a configuração da *rede social* em questão ser do tipo egocêntrica, assim como em Kapferer, que se volta para a mobilização individual e não grupal, no enfrentamento de conflitos na produção fabril (*apud* Both, 1976), essa atitude do indivíduo é produzida a partir da convivência em esferas coletivas, como a do trabalho, e que surte efeitos nas relações sociais.

No que concerne à quantidade de entrevistas que se pretendeu realizar, não foi estabelecido previamente um número fixo ou aproximado, visto que o planejamento de mensurações de impasses profissionais, notadamente daqueles pertencentes ao campo da subjetividade, tem sua validade analítica questionada. Outrossim, sendo esse número não estabelecido e praticado arbitrariamente em cada pesquisa, empregou-se o recurso da saturação dos próprios dados, ou seja, as entrevistas cessaram quando as informações fornecidas pelos entrevistados adquiriram uma certa circularidade.

Não é crível que em uma pesquisa de cunho qualitativo, como se propõe aqui, voltada para as inquietações relativas ao âmbito da subjetividade de trabalhadores, haja a necessidade de apresentar uma população amostral representativa, já que se trata de uma temática que lida com informações pouco mensuráveis e muito mais elucidativas se forem analisadas as falas dos investigados.

A fala do pesquisado ocupa lugar privilegiado por ser uma das formas de externalização de sua experiência e revelação da urdidura contraditória existente entre as imposições objetivas do sistema econômico e a subjetividade construída por seus desejos profissionais de jovem operário. A importância de recorrer às vozes dos pesquisados está em buscar seus significados, representações e simbologia, na tentativa de compreender, pelas suas expressões, o significado que atribuem ao trabalho.

Considerando que a crítica não se faz presente tão somente no dito, mas igualmente no subsumido à fala, tentou-se buscar também a compreensão da *fala da*

ação contida na interpretação que aqui se deslinda sobre os significados do trabalho para os jovens perquiridos.

Ao discutir as relações sociais camponesas, José Martins destaca a relevância de considerar não somente “o revelado, o transparente [...] [mas de ver,] ao mesmo tempo, aquilo que fica necessariamente oculto nessas relações, aquilo que permanece opaco [...]” (1981: 170). E ainda assinala:

É preciso mobilizar recursos teóricos que permitam decifrar a fala [...], especialmente *a fala* coletiva do gesto, *da ação*, da luta [...] É preciso captar o sentido dessa fala ao invés de imputar-lhe um sentido, ao invés de desdenhá-la (idem, p. 171, grifo nosso).

Em metodologia qualitativa, essa atitude é fundamental para o estudo de qualquer categoria social, por se tratar da busca da compreensão do recorte empírico em sua “totalidade”.

A ação é portadora de uma linguagem que pode ser decodificada e ela é tão reveladora quanto a própria fala. Nesse sentido é que, na pesquisa de campo, a fala em si e *a fala da ação* ou o significado que se pode apreender da ação a partir da fala são referências subsidiárias para análise das informações que as entrevistas carregam.

2.2 Técnicas de campo

A coleta de dados efetivou-se com a técnica de observação direta², no estabelecimento de contato imediato com os indivíduos investigados por meio da realização de entrevistas gravadas e de caráter semidiretivo. Usou-se um formulário contendo indagações classificadas em seis blocos temáticos e cronológicos³, buscando

² - Cf. Thiollent, 1982: 32.

³ - Idem.

averiguar dados pessoais, educação, família, trabalho, sonho profissional e sociabilidade dos entrevistados.

Embora dispusesse de questões previamente elaboradas para desenvolver a conversa com os jovens, a entrevista não se restringia a elas e tampouco se aplicavam todas as perguntas à totalidade dos jovens. Dependendo da sua trajetória e inserção profissional, certas indagações eram desprovidas de sentido para alguns deles e, comumente, surgiam novas dúvidas acerca da história singular de cada indivíduo.

Assim, para obter mais detalhes de suas experiências *laboral*, familiar, religiosa, educacional e de sociabilidade, recorria-se à improvisação de novos questionamentos⁴, o que resultou em enorme enriquecimento das informações, por trazer à tona, nas miudezas de seus relatos, caracterizações dos próprios ambientes sociais em que convivem.

A obtenção de minúcias nos relatos dos entrevistados deveu-se à própria técnica de entrevista não-diretiva que, na perspectiva de Thiollent, facilita a emergência de significados fortemente marcados pela afetividade⁵, portanto, pela subjetividade, ao não se limitar a questionamentos objetivos e padronizados.

2.2.1 Escolha e perfil dos jovens

Para localizar os possíveis indivíduos a serem pesquisados não se partiu dos interesses compartilhados, como fazem os sociólogos americanos na montagem de rede social, mas, ao modo dos britânicos, diretamente das pessoas enredadas na

⁴ - A respeito de exclusão de certas perguntas e improvisação de outras, de acordo com cada entrevistado, ver Bourdieu, 1987, p. 700, assinalando que, na pesquisa de campo, tal procedimento incita o pesquisado a revelar-se mais inteiramente.

⁵ - Geertz (1989a) também reporta que: “Olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas” (p. 40).

situação social específica que se pretendia investigar ou, pelo menos, que tivessem contatos pessoais com elas (Both, 1976).

Estabeleceram-se vários vínculos com pessoas – parentes, amigos, colegas e conhecidos – que, potencialmente, pudessem conviver com jovens operários da região metropolitana de São Paulo. Informações a respeito dos jovens foram sendo filtradas e apuradas nas conversas, até que se atingisse o perfil operário juvenil procurado.

Os contatos mais profícuos, tanto na disposição dos jovens para participar da pesquisa quanto em sua postura de desembaraço no momento da entrevista, foram aqueles cujo contato inicial se deu por um intermediário que tinha laços mais fortes com os jovens e com a pesquisadora. Essa mesma situação foi registrada por Both.

Assim como Both, acreditou-se que seria relativamente fácil encontrar pessoas para serem entrevistadas. Both, que esperava localizar cinquenta, cem famílias, acabou entrevistando somente vinte. Nesta pesquisa, em que esperava atingir facilmente uns quarenta indivíduos, fez-se apenas vinte. Todavia, como já foi aludido, o montante de entrevistas para uma pesquisa qualitativa não é o mais importante. O que se tenta mostrar, contudo, é que dado o método *rede social*, que recorre a relações pessoais para localizar os pesquisados, e, no caso específico, sendo esses pertencentes a um meio social externo ao vivido pela pesquisadora, enfrentaram-se fortes barreiras na localização do objeto de estudo.

Thiollent (1982) acentua que, na pesquisa qualitativa, o indivíduo, por ser expressão da cultura à que pertence, é representativo em sua singularidade. Portanto, contrariamente à pesquisa quantitativa que, para a tabulação dos dados, busca o que há de análogo entre os indivíduos, na pesquisa qualitativa, é importante escolher indivíduos diferentes entre si.

Com o intuito de analisar as singularidades dos indivíduos, a presente investigação colheu testemunhos de jovens espalhados em sete diferentes cidades da região metropolitana de São Paulo (zona leste e oeste da cidade de São Paulo, Jandira, Mauá, Cotia, Osasco, Santo André e São Bernardo do Campo), durante o período de final de agosto a início de dezembro de 2001. A própria diversidade geográfica de habitação forneceu diferentes perfis dos jovens, desde as condições educacionais, culturais e econômicas até a trajetória ocupacional, permitindo, assim, o acesso a dados bastante proveitosos, do ponto de vista da variedade e singularidade em experiências de vida.

Os jovens estão distribuídos na faixa etária de 18 a 24 anos, os dois gêneros fizeram-se presentes, sendo seis mulheres e quatorze homens, proporção já esperada em se tratando de trabalhadores do setor fabril, marcado pela presença masculina⁶.

Sendo o chão de fábrica constituído basicamente por indivíduos do gênero masculino, uma pesquisa sobre operários fabris, que busca aleatoriamente o objeto tem, invariavelmente, acesso a mais homens do que mulheres, por ser esse o quadro pintado pela própria realidade. A maioria das mulheres que trabalham na zona urbana encontra-se sobretudo no setor terciário. Oliveira (2001) em sua pesquisa qualitativa sobre jovens moradores da cidade de Carapicuíba, feita recentemente, também revelou esse resultado, pois, embora não tenha procurado intencionalmente mulheres que trabalhassem no setor terciário, todas as que entrevistou atuavam nele.

Os jovens aqui pesquisados dispõem do ensino médio completo, à exceção de dois que não o completaram; metade deles é composta por estudantes-trabalhadores, dos quais sete freqüentam o primeiro ou o segundo ano de faculdades particulares.

⁶ - Cf. dados estatísticos fornecidos por Corrochano, 2001: 60.

Esses jovens são operários, com vínculos direto ou indireto com a produção fabril, nos setores metalúrgico, químico, moveleiro e de vestuário. As empresas das quais fazem parte apresentam tamanhos de pequeno, médio e grande porte⁷, variando de 30 a 16 mil funcionários. Suas ocupações são as de ajudante de produção, eletricitista, torneiro mecânico, operador de furadeira e de máquina, inspetor de qualidade e ferramenteiro.

2.2.2 O contato indireto com os jovens

Todas as entrevistas foram realizadas após prévia autorização, seu agendamento feito com os jovens e já conhecidos o conteúdo e a finalidade da pesquisa.

Um pré-contato com os jovens a serem entrevistados foi sempre efetuado por um intermediário da pesquisadora, visando criar um certo vínculo pessoal preliminarmente à entrevista. Posteriormente, os jovens eram contatados para certificar a validade de seu perfil e pô-los a par da pesquisa, além de marcar a entrevista.

Essa fase, na qual se deu o primeiro contato com os jovens, por sua vez indireto e por telefone, foi a mais árdua de toda a pesquisa. Embora, de longa data, já se conhecesse, o direito de recusa dos indivíduos a submeterem-se a entrevistas, não se tinha noção das grandes dificuldades para, finalmente, obter a sua anuência.

O mal-estar causado por esse contato indireto derivou dos motivos que alguns jovens e familiares forneciam, ou deixavam implícitos, para a recusa da participação na pesquisa: alguns tinham medo, outros, vergonha (principalmente de sua casa), outros, falta de tempo, outros não se interessavam porque nada iriam ganhar com isso,

⁷ - Uma empresa pequena possui de 20 a 99 funcionários, uma média de 100 a 499 e uma grande acima de 499 (SEBRAE *apud* Corrochano, 2001: 26, nota 39).

outros só se propunham a participar se obtivessem algum retorno econômico, outros, deliberadamente, nunca atendiam ao telefone, outros assumiam posteriormente compromissos (como jogar futebol) na hora da entrevista e não compareciam, outros confundiam o papel da pesquisadora com o de mulher para flertar, outros se recusavam pela possível ameaça que o gênero feminino daquela oferecia ao *status* de casado deles.

Nesse último caso, para uma das intermediárias da pesquisadora, o jovem classificou a figura desta como a “encrenca” para a estabilidade do seu casamento, uma vez que ele poderia ser vitimado pelos ciúmes de sua esposa se a entrevista fosse realizada em sua casa, por uma entrevistadora.

Essa situação serve de autocrítica para a própria pesquisadora: costuma-se crer que ir até a casa de um estranho, em um bairro desconhecido de periferia, represente correr riscos de integridade física somente para a entrevistadora, sobretudo por esta ser uma estrangeira no *pedaço*⁸. Porém, o fato acima atestou que o pesquisador também representa ameaça aos entrevistados, à sua família, ao seu bairro, porque vem desconcertar hábitos e costumes enraizados nas relações sociais. Essa idéia de dupla representação, ou seja, de influências e desagradados mútuos, desperta para a presença da alteridade e para o fato de que, dependendo das circunstâncias, a vítima também pode ser carrasco e que o algoz também pode ser vítima. Tal constatação é salutar, pois propicia o vislumbre do nós no outro e do outro em nós.

Apesar de certa decepção nesse primeiro contato com os jovens e seus familiares, esse foi um momento que validou imensamente o contato direto posterior, no ato da entrevista, pois aqueles que aceitaram a visita, já conhecendo a intenção da pesquisa e, sobretudo, sabendo do vínculo da pesquisadora com algum conhecido seu, concederam uma recepção bastante calorosa e interessada.

⁸ - Ver definição de *pedaço* na página 109.

2.2.3 Entrevistas nos domicílios

Os entrevistados não foram procurados em escolas, visto que se pretendeu investigar jovens operários, estudantes e não-estudantes, além de o trabalho ser a instituição de maior relevância nesta pesquisa, e não a escola. Todavia, as entrevistas foram feitas fora da fábrica, tendo com isso o intuito de “isentar” a pesquisadora da possibilidade de sua identificação com a empresa onde os entrevistados trabalhavam, evitando possíveis contenções nas falas, por medo de represálias. Também não foram procurados no sindicato, dado o grande número de jovens que, apesar de sindicalizados, não freqüentam o sindicato⁹.

Quando da elaboração do projeto, planejou-se que o local da entrevista seria arbitrado pelos próprios jovens, pretendendo, com isso, que eles dispusessem de certa serenidade para relatar episódios que evocassem sua vida familiar, escolar e, sobretudo, profissional, quando, eventualmente, tivessem de criticar seu ambiente de trabalho. Esperava-se que indicassem lugares como a escola e a igreja. Todavia, no curso dos contatos, percebeu-se que os locais sugeridos eram inadequados para uma entrevista.

Alguns jovens sugeriram que a entrevista fosse feita por telefone ou em *shopping centers*, sugestões que pareciam objetivar tanto o afastamento da entrevistadora da intimidade de sua casa quanto poupar tempo, ao dispor de menos

⁹ - Na pesquisa de Heloísa Martins (1998), realizada com jovens metalúrgicos, na região de Osasco, 51,6% não são sindicalizados e 48,4% são, sendo que, dentre estes, apenas 19,4% freqüentam o sindicato (p. 19-20). Já entre os jovens investigados nesta dissertação em torno de 2/3 são sindicalizados, sendo que nenhum participa do sindicato. Para cerca de 1/3 dos sindicalizados um dos motivos que os levaram a se sindicalizar são, notadamente, as vantagens em nível de convênio médico, por sua vez comumente não oferecidos pelas fábricas de pequeno e médio porte. Ao passo que o restante dos jovens sindicalizados pertence às grandes montadoras do ABC e conferem uma certa credibilidade ao sindicato de sua categoria em defender seus interesses trabalhistas.

conforto e tranquilidade. Essas duas propostas dos jovens foram recusadas pela pesquisadora. A primeira, por impedir o contato direto com os jovens, dificultando uma maior interação entre entrevistadora e entrevistado, notadamente, na observação dos gestos e expressões corporais e faciais dos jovens; e a segunda, por sugerir contato com um ambiente muito poluído, visual e sonoramente, que, certamente, acarretaria desatenção extrema das duas partes envolvidas na entrevista, comprometendo a sua qualidade.

Os domicílios mostraram-se como o local mais apropriado, por serem isentos das pressões e vigilância das chefias, presentes em uma fábrica, e das ideologias sindicais e/ou religiosas, que poderiam induzir certas opiniões dos jovens.

Muito embora, como assinala Both (1976), o acesso aos lares seja uma empreitada extremamente difícil e espinhosa, desconsiderou-se nesta pesquisa a possibilidade de buscar os entrevistados por intermédio de alguma instituição formal, tentando, com isso, evitar, na medida do possível, o viciamento do perfil dos jovens.

O mal-estar antes mencionado, relativo ao contato indireto com os jovens, foi um mal necessário, que trouxe consigo um retorno imprescindível para o bom andamento da entrevista em domicílio, por pelo menos três razões. Primeiro, não se entra na casa de ninguém sem ser de algum modo convidado. Segundo, explicar antes para as pessoas o teor da pesquisa e quem é a pesquisadora é fundamental para que a pessoa entrevistada tenha certa confiança em recebê-la. E terceiro, e mais importante, o contato por telefone conferiu uma receptividade e hospitalidade muito grande tanto por parte dos jovens quanto de seus familiares.

A inexistência de censura na opinião dos jovens quando em seu domicílio ou no de seus amigos de vila deixaram-nos sem peias e sem maiores constrangimentos (exceto aquele da presença do gravador para alguns) para proferirem seus depoimentos sobre suas experiências de vida.

Outros dois fatores de considerável relevância que propiciaram um certo conforto aos jovens foram o fato de saberem do não envolvimento da pesquisadora com seu ambiente de trabalho e da discrição profissional adotada, que resguardaria suas identidades e as de suas fábricas no anonimato.

Cada entrevista teve duração média de uma hora e meia, salvo as conversas periféricas à gravação, tanto com os jovens quanto com seus familiares, e as observações realizadas durante as visitas. O formulário dispunha de noventa questões, porém esse número se elevava com as perguntas adicionais que geralmente superavam aquelas eliminadas. Já de antemão, todos os jovens sabiam que as entrevistas teriam duração mínima de quarenta minutos e máxima de duas horas.

Assim, a demora na conversa, acrescida da preocupação de evitar que os jovens viessem a assumir gastos com transportes, foi outro argumento da pesquisadora para as entrevistas serem produzidas nos seus próprios domicílios.

2.2.4 Diário de campo

Foi confeccionado um diário de campo no qual se tomaram notas sobre a estada no campo, não *in loco* já que as entrevistas foram gravadas, mas no mesmo dia de sua realização, após cerca de duas horas da visita.

As informações contidas nesse diário versam sobre as impressões de campo, as formas do contato, a recepção nas casas, a descrição do comportamento dos jovens, os olhares sobre a ecologia e sociabilidade dos bairros, algumas análises preliminares das entrevistas e até desabafos e confissões vividas por ocasião da pesquisa de campo.

Além de estabelecer as diferentes etapas da pesquisa para que o seu todo seja melhor compreendido posteriormente, essa inscrição no diário ajuda o pesquisador a amadurecer suas idéias para frutíferas análises vindouras. Tomar notas das

informações e testemunhos, a cada dia, e logo em seguida à ocorrência das visitas permite o registro dos fatos como um “acontecendo”, no tempo gerúndio, pois as palavras escolhidas brotam da emoção e sensibilidade ainda sentidas.

O que se vislumbra em um diário de campo não são apenas palavras, no estilo *ver lá e registrar cá*¹⁰; está-se nesse meio caminho, numa faixa de transição. São palavras sim, mas pululando de sentido vivo, é uma história acontecendo, no seu desfecho, entretanto, completando ainda os significados vividos e apreendidos pelo pesquisador.

Portanto, as informações contidas em um diário de campo não se configuram meramente como registro de fatos pretéritos, são fenômenos acontecendo, ainda pulsantes de vida porque brotam não do simples rememorar e sim materializam a emoção no percurso final de cada momento vivido em campo junto ao objeto de pesquisa.

2.3 Fases do desenvolvimento da pesquisa

Foram basicamente duas as mudanças metodológicas ocorridas no decorrer da realização do trabalho de campo, uma no formulário e outra nos procedimentos de busca do perfil dos entrevistados.

No final da primeira versão do formulário de questões eram discutidos, primeiro, a sociabilidade dos jovens e, por último, os seus sonhos profissionais, sendo o objetivo o de ir estabelecendo um vínculo mais estreito com eles para, finalmente, tratar do assunto que mais interessava à pesquisa. Porém, já na realização da primeira entrevista, percebeu-se que, após quarenta minutos, uma hora, o jovem já estava

¹⁰ - Tomando de empréstimo, ao mesmo tempo em que alterando o título do artigo de Geertz (1989b), *Estar lá, escrever aqui*, no qual ele discute o papel da etnografia como o de interpretação do real.

cansado, o que poderia comprometer sua concentração. Então, inverteram-se esses dois itens, o que, na prática, demonstrou resultados mais proveitosos.

Com relação aos procedimentos para localização dos jovens, de modo similar ao de Both (1976), inicialmente, o intento foi construir uma *rede social* a partir do contato com um único canal regulador que propiciaria os demais contatos com outros jovens; em ambos os casos, levados a efeito, não foi obtido êxito.

A primeira visita foi, na zona leste de São Paulo, a um jovem operário (Emílio¹¹, de 19 anos) que trabalhava em uma pequena metalúrgica, na qual somente ele estava na faixa de idade entre 18 e 24 anos. Sendo pentecostal, esse jovem não tinha amigos além dos outros frequentadores da igreja, que, por sua vez, nessa faixa etária, em sua maioria estavam desempregados. Por esses dois motivos, o jovem não indicou ninguém para ser entrevistado e, por isso, não foi possível estabelecer aí uma *rede social*.

Em Jandira, o segundo lugar onde foram buscados mais jovens e estabelecida a primeira rede, detectou-se que os seus perfis eram muito semelhantes: baixos salários, trabalho precário, empregados em fábricas de pequeno e médio porte, poucas oportunidades de lazer, ensino médio e ausência de perspectiva de continuar os estudos. Percebeu-se, então, que, para diversificar as características juvenis, era necessário montar outras redes e, portanto, procurar outra região que em sua própria geografia trouxesse certos diferenciais, como é o caso do ABC, constituído por grandes fábricas, logo, com exigências diferentes para sua mão-de-obra.

Parafrazeando Bourdieu (1987), mais vale não perder a substância de uma pesquisa do que se prender a velhos princípios metodológicos. Adicionalmente, Both

¹¹ - Os nomes dos jovens são fictícios, em respeito ao anonimato de sua identidade, conforme foi acordado com eles.

também certifica que os métodos devem ser adequados aos problemas empíricos e não o inverso, e aposta no bom senso dos pesquisadores nesse sentido:

Espero que os pesquisadores [...] procurem métodos que se adaptem a problemas conceituais e empíricos, ao invés de escolher problemas de acordo com a possibilidade de serem resolvidos pelos métodos existentes (1976: 292).

Nas buscas pela montagem de outras redes emergiu a premência de lançar mão de um recurso metodológico que permitisse o acesso a jovens de diferentes perfis. Então, foi necessária a busca de mais de uma região. Foi aí que o método teve de passar por uma reformulação: o que antes fora planejado para ser uma *rede social* passou para redes e malhas esparsas de redes.

Essa mudança não ocasionou problemas para a pesquisa uma vez que o seu objetivo não era fazer uma investigação local, mas debruçar-se sobre uma categoria social, localizada em qualquer lugar da região metropolitana de São Paulo.

2.4 Mapeamento das redes e malhas

A montagem de uma única rede, não importando a sua densidade¹², deve possuir um único *core person*, “‘a pessoa em foco’ a quem pertence a rede” (Both, 1976: 301), ou seja, o primeiro entrevistado, a partir do qual se tem acesso a alguns dos próximos integrantes de sua rede de amigos, vizinhos, parentes, conhecidos. Todavia, dada a configuração de mais de uma rede e de algumas malhas, constituíram-se vários *core persons* nesta pesquisa. São eles e suas relações no interior das redes e malhas que serão mapeados a seguir.

¹² - A densidade de uma rede é medida pelas pessoas que, situadas em seu interior, conhecem umas às outras, ou, ainda, ela indica a quantidade de relacionamentos que existem entre as pessoas (Both, 1976).

Enquanto o expediente utilizado por Both como canal de informações para chegar até os entrevistados foram “agências de contatos” (maternidades, escolas, associações, igrejas, partidos), o desta pesquisa foi “agentes de contatos”, ou seja, pessoas físicas ao invés de pessoas jurídicas ou instituições.

Várias tentativas de construção de redes foram feitas por intermédio de agentes de contatos, habitando inclusive fora da cidade de São Paulo. Muitos telefonemas, muitas conversas, muitas indagações, muitos desencontros, para, finalmente, quatro de oito agentes surtirem efeitos positivos na prática e as redes poderem ser formadas.

Constituíram-se duas redes e quatro malhas de redes, todas em cidades diferentes. Uma rede teve sua localização em Jandira e a outra em Mauá. Das malhas, a primeira esteve na zona leste da cidade de São Paulo, a segunda, em Anhangüera, zona oeste paulistana, a terceira, em Osasco e Cotia, e a quarta, em São Bernardo do Campo e Santo André.

As duas redes tiveram dois amigos próximos da pesquisadora, como agentes de contatos: com um havia uma relação de amizade a partir da academia e com o outro um certo parentesco; provavelmente essa intimidade e cumplicidade entre entrevistadora e agentes de contatos, moradores na própria localidade das redes, permitiu que elas adquirissem maior vigor e se desdobrassem mais do que as malhas.

As malhas tiveram agentes de contatos mais distanciados, eram vizinhos de amigos de amigos da pesquisadora ou colegas de trabalho de alunos de um professor amigo dela. Essa relação indireta entre entrevistadora e os agentes de contatos provavelmente tenha contribuído para a não formação de rede, sendo esta quebrada, ficando apenas algumas malhas.

Ao passo que as redes foram integradas por cinco e sete jovens e interrompidas pela própria pesquisadora ao considerar a saturação das informações, as malhas se

quebravam espontaneamente com um, dois ou três integrantes. Por mais que se tentasse recompô-las, os pesquisados, geralmente, não se empenhavam em tal empreitada. O oposto ocorria com as redes em que havia grande colaboração dos *core persons* para prosseguir a formação da rede, sendo eles movidos sobremaneira pela solidariedade à causa da pessoa da pesquisadora.

Os vínculos existentes entre os integrantes das redes eram os de amizade e vizinhança; já entre o das malhas, era o de colegas de trabalho ou simplesmente o de funcionário de uma mesma fábrica. Nesse caso, houve jovens que não se conheciam muito bem, apenas conheciam o *core person* que os indicara.

Diante dessa constatação fica patente que, para uma *rede social* sustentar-se, com durabilidade e considerável densidade, é preeminente a manutenção de liames estreitos entre pesquisador, agentes de contatos e pesquisados.

2.5 Relacionamento entre pesquisados e pesquisador

Realizar entrevistas para uma pesquisa não significa meramente uma atividade de coleta de dados de campo, trata-se sempre de uma situação de interação e influência entre pesquisado e pesquisador (Kandel, 1982).

A relação que se estabelece na entrevista é aludida por Bourdieu (1987) como distinta da maioria das outras trocas da existência social, porém, também constitui uma relação social e intervém sobre os resultados da pesquisa.

Na apreciação de Bourdieu, compreender a relação de entrevista é, primeiramente, buscar conhecer os efeitos que a “intrusão” do pesquisador, por sua vez um pouco arbitrária, no início da troca, tem para o pesquisado. Ou, ainda, medir a

distância entre o fim da pesquisa e a sua percepção pelo pesquisado, por conseguinte, as contenções e incitamentos produzidos em sua fala.

Apresentando a situação de entrevista como uma relação social, o autor está enfatizando a impossibilidade e a ilusão da neutralidade do observador, pois este sempre interfere na postura do pesquisado, seja pelas palavras que profere, pelos gestos que encerra ou até pelo silêncio que cultiva. Toda e qualquer ação ou falta dela, por parte do pesquisador, sempre provoca um significado e uma reação no pesquisado.

Logo, a entrevista é instaurada “na base de um acordo dos inconscientes” entre observador e observado (Bourdieu, 1987: 708). É sobre esse acordo, ainda que tácito, na relação pesquisado pesquisador que se tentará discorrer. Em que consiste exatamente esse acordo? Quais são os motivos que, afinal, levam os pesquisados a aceitarem fazer parte da pesquisa?

O pesquisador, longe de ser um agente neutro, sem religião, sem partido, sem sexo e dotado de uma importância sagrada, tem para o pesquisado um significado completamente negativo quando lhe surge como um simples estranho, por trazer consigo os valores do incômodo, da invasão e da bisbilhotice. De modo que, para conseguir uma entrevista com depoimentos o mais próximo possível do “discurso natural”¹³ dos entrevistados, é fundamental haver uma certa relação de proximidade entre entrevistador e entrevistado. Daí a importância de chegar até este com a indicação e, quando possível, na companhia do próprio agente de contato que o indicou, atitude que foi tomada nesta pesquisa.

Desde o primeiro contato com os entrevistados, já foi possível delinear o sentido que a relação pesquisado pesquisadora ia adquirindo. Nos primeiros telefonemas, em que os jovens e seus familiares foram contatados pela pesquisadora,

¹³ - V. Bourdieu, 1987: 698-9.

percebeu-se que dizer simplesmente tratar-se de uma pesquisa que se desenvolvia na Universidade de São Paulo lhes significava quase nada, sobretudo para aqueles que não faziam faculdade, dado que as palavras “pesquisa, universidade, conhecimento” não ocupavam lugar importante em suas vidas. Percebeu-se também que, nos casos em que o agente de contato não atuava muito intensamente com alguma persuasão sobre o jovem indicado, este não se interessava muito pela pesquisa.

A partir de então, ficou patente ser necessário que se estabelecesse algum vínculo entre a pesquisadora e o pesquisado. Concluiu-se que talvez uma solução adequada fosse tentar sensibilizar o jovem com a causa pessoal da entrevistadora, ou seja, passou-se a mostrar que se tratava de um trabalho de curso que precisaria das entrevistas para ser concluído, apelando, assim, para a comoção do entrevistado. Tal iniciativa obteve resultados profícuos no consentimento dos jovens para a realização das entrevistas.

Bourdieu (1987) atribui à relação dissimétrica entre pesquisado e pesquisador, notadamente a relativa ao capital cultural do último, o motivo das distâncias que os separam. Frente a esse impasse, o autor sugere a busca de meios que amenizem essa dissimetria, como recorrer à solidariedade do pesquisado.

Não se trata somente de captar um “discurso natural” [...] mas de tentar superar parcialmente a distância social graças às relações de familiaridade que o unem ao pesquisado e à franqueza social, favorável ao falar francamente, que assegura a existência de diversos laços de solidariedade secundária próprias [...] de compreensão simpática [...] [como] a cumplicidade entre mulheres (p. 698-9).

O recurso utilizado por essa pesquisadora para sensibilizar seus jovens entrevistados acabou despertando neles solidariedade em relação à necessidade da entrevista deles e, por que não, conferiu-lhes um certo empoderamento, na medida em que a vida acadêmica de alguém dependia deles. Isso é muito revelador e plausível por

mostrar que as pessoas se recusam a ser usadas como meros instrumentos, há que lhes conferir o caráter de sujeito que dispõem da capacidade de negociar o tipo de relação que o próprio pesquisado está disposto a estabelecer com o pesquisador. Portanto, é um acordo tácito, ainda que inconsciente, que atravessa a relação na situação de pesquisa.

De fato é muito desdenhosa e insolente a relação estabelecida pelo pesquisador para com o pesquisado: ele invade a casa das pessoas, intromete-se em sua privacidade¹⁴, tira o seu lazer, atrapalha a harmonia do cotidiano das pessoas. Estranho nenhum tem o direito de adentrar na casa de alguém fazendo-lhe mil perguntas que só interessam ao próprio pesquisador.

Logo, em entrevistas realizadas nas casas das pessoas pesquisadas não são concebíveis tanto o desconhecimento completo do entrevistador quanto a ausência do estabelecimento de um interesse específico por parte do entrevistado.

Os interesses dos jovens nesta pesquisa resumem-se, basicamente, a solidariedade¹⁵, poder, curiosidade, troca de informações acerca da academia e consideração pelo vínculo da pesquisadora com o seu agente de contato. Trata-se, portanto, de uma relação de troca entre pesquisadora e pesquisado. Houve o extremo da mãe de um dos jovens – inclusive foi por meio dos contatos dela que foi possível montar a *rede social* de Mauá – interessar-se pela pesquisa por ter esperança de conseguir uma cirurgia estética gratuita na Universidade de São Paulo, pela influência da pesquisadora. Houve interesses, ora puramente sentimentais e ora materialistas; assim, percebe-se que jamais houve alguma concessão de entrevista desinteressada, bem por ser a situação de entrevista uma relação social.

¹⁴ - Cf. Both, 1976: 31.

¹⁵ - Alguns dos motivos registrados por Both (1976) para as famílias participarem das entrevistas de sua pesquisa são: prestar assistência à equipe de investigação, adquirir fama e *status*, submeter-se a testes, fazer terapia disfarçada, mas, sobretudo, a disposição em ajudar pessoas.

Delimitar os motivos que levam o entrevistado a tomar parte da pesquisa é uma forma de compreender que tipo de relação há entre pesquisado e pesquisador e, no limite, tentar entender a própria direção e sentido das respostas fornecidas pelos entrevistados (Both, 1976).

A confiança mostrou-se como fator importante no estabelecimento da relação entrevistado entrevistadora. Por isso, além da referência do vínculo entre entrevistadora e um amigo do entrevistado, impôs-se a necessidade do fornecimento de mais detalhes acerca do uso que seria feito dos dados colhidos nas entrevistas. Recorreu-se, então, à explicitação, para o entrevistado, da descrição profissional da pesquisa. Houve casos em que jovens se demonstraram apreensivos e com muita contenção nas suas falas e, após ser reforçado que seria resguardado o anonimato de suas identidades e das empresas em que trabalhavam, eles demonstraram sentir confiança na pesquisadora e ousaram mais, inclusive fazer críticas ao seu trabalho.

De modo geral, a relação da entrevistadora, nos lares, com a família do entrevistado foi de grande receptividade. Na maior parte das visitas, ela já havia falado por telefone com alguns integrantes da família, de modo que quando chegou até suas casas, já sabia os nomes dos seus pais e irmãos. Os pais demonstravam nas indagações que faziam (Essa é uma pesquisa para a escola? Você é da USP? Qual é o assunto? Que tipo de pergunta você fará?) o cuidado que tinham pelos seus filhos, sendo essa uma maneira de protegê-los; desse modo a família acaba interagindo no próprio trabalho de campo.

A generosidade da acolhida dos jovens e de seus familiares foi além do mero interesse pelos temas da pesquisa, dispuseram-se a conversar a respeito de outros assuntos referentes ao seu cotidiano e ofereceram comidas e bebidas para a pesquisadora e para seu acompanhante. Com isso, pode-se usufruir um tratamento diferente de uma visita formal de um observador desconhecido.

Houve casas nas quais a pesquisadora sentiu-se tão à vontade conversando com os jovens e seus familiares que era como se fossem velhos amigos, tal a afinidade estabelecida nas poucas horas partilhadas.

Contudo, a pesquisadora sempre se questionava acerca de sua intromissão e do incômodo que poderia estar causando, pois, por menos que desejasse, mesmo a inserção tendo sido aceita previamente, havendo vínculos com um conhecido do entrevistado, sempre havia certo desconforto relativo à longa permanência nas casas e à invasão da sua privacidade. Todavia, mesmo esse mal-estar era amenizado pela hospitalidade dos jovens e seus familiares.

A linguagem do tratamento de alguns dos jovens pesquisados para com a pesquisadora era constituída por termos usuais em rodas de amizades, como “cara, bicho, meu, pô, porra”, o que sinaliza a proximidade entre eles, sobretudo pela adjacência etária entre as partes, um dos motivos que, provavelmente, puseram os jovens bastante à vontade nessa relação para poderem falar de suas trajetórias de vida.

2.6 Intervenção do jovem no direcionamento da entrevista

Os efeitos da relação pesquisado pesquisador são complexos demais para o sociólogo dispor de completo controle sobre eles, pois vão além das atitudes conscientes de ambos. Bourdieu (1987) adverte que podem haver intervenções dos próprios pesquisados na relação de pesquisa, de modo consciente ou inconsciente, tentando impor suas próprias definições da situação.

Registraram-se algumas ocasiões em que os jovens pesquisados deliberadamente interferiram para adequar o direcionamento da entrevista às suas próprias percepções da posição dela em suas vidas.

A despeito de não constituir um depoente adequado para a proposição desta pesquisa, uma vez que apesar de ser operário não trabalhava em fábrica, enfatizou-se o depoimento de Denis, de 23 anos, por ter sido o jovem que mais questionou a própria situação de entrevista. Embora tenham aparecido situações em que outros jovens intervieram no direcionamento da entrevista, no testemunho desse jovem grande parte delas reapareceu e ainda apareceram outras, de maneira muito mais emblemática.

Denis demonstrou preocupação quanto ao que deveria ser gravado em sua fala, embora a pesquisadora tivesse exposto a ele que poderia falar à vontade; em algumas circunstâncias, tomou a iniciativa de desligar o gravador porque não queria que certos trechos de sua fala ou até do seu silêncio fossem gravados.

Em dado momento, durante a entrevista, o jovem criticou a elaboração da indagação que lhe fora dirigida. A questão era: “O que você acha necessário para gostar do trabalho que faz?” Inicialmente, ele manifestou dúvida quanto ao sentido da pergunta e, depois de um instante de silêncio, disse: “Essa perguntinha também é ‘meia’ esquisita não é? Vamo mudar ela? [...] Ô, essa pergunta aí pode riscar que eu não gostei dela não [...] Depois a gente vai debater ela com umas cabeças a mais aqui na mesa”. Contudo, mesmo tendo criticado o teor da indagação, o jovem não tinha uma sugestão pessoal a oferecer. À vista desarmada pode parecer que o jovem simplesmente e sem motivo algum tenha agido de má fé, tentando desconsertar a seriedade da pesquisa, porém, não se pode desconsiderar que toda atitude é reação a um estímulo anterior, portanto, fruto da relação social vivenciada, no caso entre entrevistado e entrevistadora.

Muitas e incontáveis são as causas que podem tê-lo levado a tomar essa iniciativa. Entretanto, o que foi possível apreender é a que, algumas vezes, a pesquisadora disse que certas questões do formulário devido ao seu perfil não lhe cabiam; logo, ele sentiu-se animado a criticar aquelas que julgava despojadas de

sentido para si. A inadequação de algumas das questões levantadas pela pesquisadora deveu-se ao fato de elas terem sido pensadas para jovens que trabalhavam na produção. Como esse jovem específico foi o único que fugia desse perfil, as questões eram constantemente refeitas. Contudo, esse não foi o caso da questão criticada.

Em alguns momentos, a relação desse entrevistado com a entrevistadora se travestiu de certa acidez, ao ficar patente que algumas atitudes tomadas por ele buscavam comprometer o próprio andamento da pesquisa, como fazer trocadilhos com as perguntas ou fornecer respostas com cunho pândego. Como exemplo dos trocadilhos, diante da indagação: “O que você faz quando não está trabalhando?”, ele respondeu: “Ah, o que eu faço quando eu não tô trabalhando? Aah, essa pergunta já responde pô: eu não tô trabalhando.” E a título de ilustração das pilhérias que proferia: “Você participa de algum grupo organizado [...]?” “Ah, meu... do *skin heads* né [risos]”. Ou: “Você é simpatizante [de algum partido político]?” “Ah, sou GLS”. Ou ainda: “O que você gostaria de mudar na sua vida?” “Ah, meu corte de cabelo, cara.”

A acidez dessas circunstâncias foi tamanha que a pesquisadora chegou a indagar se o jovem tinha algum outro compromisso para aquele momento e gostaria de interromper a entrevista. Ele negou e preferiu dar continuidade à conversa.

Isso ocorreu do meio da entrevista para o fim, período em que o jovem já se encontrava bastante nervoso por conta da situação, fato um tanto singular, pois, com os outros entrevistados a ansiedade esteve presente apenas no início da entrevista. No caso desse jovem, foi sobretudo a presença do gravador que o intimidou; todavia, somente para mais um jovem esse foi motivo confesso de incômodo.

Seria completamente impossível compreender todos os motivos que o levaram a agir dessa maneira, mas um deles pode ter sido o fato de já saber, antecipadamente, da possibilidade do não uso de sua entrevista pelo fato de ele não ser operário fabril, mas de uma terceirizada que prestava serviços para uma faculdade particular. Essa

posição indefinida na qual o entrevistado foi colocado – uma vez que a entrevistadora havia sido informada, antes da entrevista, que o jovem trabalhava em fábrica – talvez o tenha feito sentir-se desvalorizado em seu papel e, então, deliberadamente, assumiu papel escolhido por ele na pesquisa.

É sabido que a situação de entrevista consiste em uma troca e que, nesta, deve haver consenso de ambas as partes. O que se tenta mostrar aqui é que esse jovem se recusou, em grande medida, a responder as perguntas que lhe foram feitas, tentando assumir o papel da entrevistadora.

O jovem utilizava o termo "né", que às vezes se desdobrava em: "Não é mesmo?" "É ou não é?" "Né cara, é verdade né?". De forma que esses "nés" não vinham no sentido corrente que os outros jovens usavam comumente, ele os proferia numa entonação claramente de indagação e ficava à espera de uma resposta, aguardando participação mais ativa e clara da pesquisadora para fazê-la revelar-se e, inclusive, ser testada com suas próprias perguntas.

Comumente esse jovem tentava alterar seu lugar; importunavam-lhe as sessões de perguntas dirigidas somente a ele, que revertia grande parte para quem as enunciava. A pesquisadora passava por momentos de aflição por considerar que, se participasse com suas opiniões, acabaria por contaminar as respostas do entrevistado.

Thiollent (1982) pontua que intervenções mínimas do pesquisador, como grunhidos, murmúrios, interjeições já influenciam o discurso dos indivíduos entrevistados. Nessa mesma direção, Michelat (1982) acena que toda resposta advinda de um estímulo qualquer tem significado; inclusive a ausência de uma resposta constitui do mesmo modo uma resposta.

Assim, do entrevistador, seja na manifestação explícita de suas opiniões ou na sua apatia, sempre resultam influências nos discursos colhidos, além das próprias

indagações já trazerem embutidas ideologias. Thiollent (1982) nota que, é impossível eliminar por parte do pesquisador, todas as influências, restando-lhe, na medida do possível, controlar as influências, tendo em vista os próprios objetivos da pesquisa.

Quando Denis reivindicava a manifestação das opiniões da pesquisadora, esta recorria a algumas participações tênues tentando fugir da provocação, proferindo termos aparente ou intencionalmente vazios de significados como: "Un!" "Pode ser". Mas, em alguns casos, o jovem, não contente com respostas evasivas, insistia mais contundentemente nessa participação da pesquisadora e, então, esta tentava apelar para a concordância das próprias posições do jovem emitindo um simples “É”.

De acordo com Bourdieu (1987), mesmo os simples termos, como "sim", "ah bom", "certo", "oh", intitulados *feedback* ou *response tokens*, acenos de cabeça, olhares, sorrisos e sinais corporais, atestam a participação do pesquisador, inclusive para garantir a continuidade na conversa. Nesse sentido, a participação do pesquisador é necessária para o prosseguimento da própria entrevista. Uma vez que se trata de uma troca, o pesquisador não está autorizado a se abster por completo.

Metodologicamente, é salutar buscar dispor do controle de até onde a intervenção do pesquisador pode chegar, sem isentá-lo da situação de pesquisa, pois se abster de participar dessa relação social implica anular a própria relação, ou ainda, desconstruir a entrevista impedindo que ela ocorra.

2.7 Transcrição das entrevistas

Depois do primeiro contato com cada jovem, o processo de transcrição das entrevistas foi a fase mais árdua da pesquisa, sobretudo por consistir atividade muito repetitiva, cansativa, morosa e fastidiosa. Todavia, há que se destacar, revelou-se extremamente recompensadora e relevante como incumbência da própria pesquisadora, que foi a campo e fez a análise dos dados. No momento da transcrição, diversas dúvidas surgem acerca da legibilidade das falas, seja pela qualidade da gravação ou pela entonação e ritmo das falas, dúvidas possíveis de serem sanadas apenas por aqueles que vivenciaram cada situação de entrevista e já conhecem as experiências relatadas¹⁶.

As informações das fitas magnéticas utilizadas nas entrevistas foram transferidas para um computador, não pela forma tradicional de digitação usando o teclado, mas por um *software* cujo nome é *Via Voice*, que, após captar cada frase proferida em campo e repetida pela pesquisadora, de maneira clara, transcreve-a automaticamente para a tela do computador. Esse programa apresenta vantagens, ao evitar a exaustão dos músculos das mãos sobre o teclado e da coluna vertebral, mas também, desvantagens, por não funcionar de maneira excelente, dependendo de uma série de itens, tanto da qualidade do *hardware* utilizado quanto da própria dicção daquele que dita. De maneira geral, é um instrumento muito cômodo para utilizar, na medida em que é usada a voz ao invés de movimentos mecânicos, como seria a cansativa tarefa de digitação, nesse caso durante quatro meses ininterruptos.

Seguindo na esteira metodológica de Bourdieu (1987) no ato da transcrição, jamais foram substituídas quaisquer palavras proferidas nas entrevistas e os eventuais cortes foram assinalados, junto com os seus motivos.

¹⁶ - Cf. Bourdieu, 1987: 710.

As transcrições foram realizadas individualmente e não por temática, já que cada jovem foi concebido enquanto um indivíduo representante de uma categoria social; entretanto foi assegurada a singularidade de cada história de vida narrada.

No início do trabalho, inclusive os tiques de linguagens, como “né, bom, sabe, entendeu”, eram transcritos, mas foi-se percebendo que muitos deles eram expressos inconscientemente e, sobretudo, num ritmo repetitivo demais, não trazendo contribuições para a escrita, pelo contrário tornando a leitura desagradável. Decidiu-se, então, suprimir muitos desses tiques e preservar apenas aqueles que, dada a sua entonação na fala, traziam consigo alguma mensagem como, o “né” do jovem Denis coagindo a pesquisadora a participar com suas opiniões.

A supressão ou manutenção de certos tiques lingüísticos, longe de comprometer a análise dos dados, torna-a mais compreensível e desembaraçada. Como assinala Bourdieu, às vezes, é preciso

decidir por aliviar o texto de certos desdobramentos, de certas frases confusas, de redundâncias verbais ou de tiques de linguagem [...] que, mesmo sem eles dão seu colorido particular ao discurso oral (1978: 710).

As entrevistas foram todas transcritas literalmente, não somente as falas dos entrevistados, mas inclusive seu contexto, tais como as interrupções, os barulhos de máquinas, conversas, trovão, cantar de pássaros, passagem de pessoas e animais perto do local da entrevista. Também foram registrados todos os murmúrios, suspiros, inspirações, alguns gestos e entonações da voz.

Embora o objetivo dessa transcrição *ipsis litteris* tenha sido o de tentar construir uma réplica da situação de entrevista, sabe-se que, no próprio ato da transcrição, a tentativa encerra as suas contradições. Bourdieu (1987) destaca que mesmo a transcrição literal já é um reescrever, uma tradução e, no limite, uma

interpretação por intermédio da simples pontuação, que dependendo de onde é colocada, acarreta a atribuição de sentidos.

Uma forma de atenuar a manipulação que a transcrição opera sobre a fala gravada seria realizar uma transcrição fonética. Entretanto, Bourdieu (1987) salienta que as leis da legibilidade obstruem uma tal transcrição e que esse procedimento tornaria os resultados de uma pesquisa demasiadamente longos e cansativos para o leitor.

Na passagem do oral para o escrito, as informações não são exatamente perdidas; antes, adquirem um outro lugar, a saber, o da potencialização da interpretação de cada pesquisado. Isso não efetua desvio dos sentidos simbólicos fornecidos pelos pesquisados; retrata, sim, o próprio caráter do papel do cientista social, o de interpretar a realidade social¹⁷ sem jamais reproduzi-la tal qual é, uma vez que isso foge ao caráter existencial das relações sociais.

Na impossibilidade de uma transcrição fonética, o que restou à pesquisadora foi aproveitar a descrição, ainda que sucinta, do cenário da entrevista e de algumas das informações não expressas e nem materializadas pela fala, para encaminhar a compreensão sobre o pesquisado.

Assim, o esmiuçar do cenário que acompanhou as entrevistas contribuiu sobremaneira para sua análise, pois, comumente, palavras são desditas e posições não confessas brotam de outros sinais não verbais. Dessa forma, os dados extras às falas serviram de apoio subsidiário para a análise das entrevistas.

¹⁷ - Geertz (1989a), apoiando-se em Ricoeur e tecendo análises belíssimas sobre o papel do antropólogo ao interpretar as culturas, assinala que a escrita fixa: “Não o acontecimento de falar, mas o que foi ‘dito’, onde compreendemos, pelo que foi ‘dito’ no falar, essa exteriorização intencional constitutiva do objetivo do discurso [...] Resumindo, o que escrevemos é o *noema* (‘pensamento’, ‘conteúdo’, ‘substância’) do falar. É o significado do acontecimento de falar, não o acontecimento como acontecimento” (p. 29).

2.8 Análise dos dados

Mapear o início das análises contidas nesta dissertação seria uma tarefa infinita, assim como a conclusão da própria análise¹⁸ foi difícil, já que sendo um processo, ela não começa e nem termina. Assim, o máximo que se pôde fazer aqui foi relatar parte desse processo, aquela localizada temporalmente, após a estada no campo, durante a releitura das transcrições das entrevistas e a fase de escrita desta dissertação.

Uma vez dispondo das entrevistas impressas, procedeu-se à releitura minuciosa de cada uma delas. Juntamente, foram destacados trechos dos testemunhos, diferenciando-os em três categorias: características análogas a todos os jovens, singularidades na história de cada jovem e informações da situação de entrevista. Ao mesmo passo, elaborou-se um índice temático que constituiu o prelúdio da própria ossatura dos capítulos empíricos. Só posteriormente a esses procedimentos é que os capítulos da análise dos dados de campo foram redigidos diretamente no computador. Tendo as principais partes das entrevistas já selecionadas e os temas sugeridos, formou-se o corpo do capítulo.

As falas dos jovens pesquisados foram analisadas primeiramente, de modo que, no início, os capítulos empíricos eram compostos somente de informações colhidas no trabalho de campo. O arcabouço teórico dos referidos capítulos foi acrescido mais tarde. O objetivo desse procedimento foi tentar impedir, pelo menos de uma maneira direta, o enquadramento das experiências desses jovens naquelas já descritas por outros autores, simplesmente tentando, assim, tornar aquelas experiências compreensíveis à luz de outras análises além desta autora.

¹⁸ - Michelat (1982) inscreve que: “Teoricamente, a análise não tem fim, é sempre possível modificar o esquema obtido, prosseguir a interpretação descobrindo novas sobre-interpretações” (p. 209).

Temas periféricos ao tema trabalho, como família, condições socioeconômicas, educação, religião, lazer, foram discutidos amiúde numa perspectiva mais coletiva do que individual, uma vez que não constituem o cerne da pesquisa. Já as experiências em torno do trabalho foram analisadas, principalmente, de forma individual, porém inseridas dentro de temáticas relativas a vários jovens.

Como já foi aludido, a análise apoiou-se não apenas nas informações expressas em palavras como também naquelas subsumidas à fala, presentes nos gestos, entonações, posturas corporais, silêncios.

Thiollent (1982) pontua a necessidade de a análise de entrevistas voltar-se para *“as verbalizações assim como as hesitações, os silêncios, os risos, os lapsos, etc., que são considerados reveladores de significados latentes”* (p. 86).

Ocorreu, por vezes, de o jovem pronunciar uma frase com um significado escrito positivo e sua entonação de voz denunciar se não a negação desse significado, pelo menos sua dúvida em relação a ele. Em outras ocasiões, as palavras escritas eram elementos neutros e incompletos, enquanto que a entonação da fala completava seu sentido.

A título de exemplo, a jovem Karina, de 19 anos, num contexto em que se discutiam espaços de participação dos funcionários nas decisões da fábrica, ao ser indagada se havia caixinha de sugestões em sua fábrica, respondeu: “Teeeem...” Essa palavra transcrita desse modo não diz muito, mas a sua sonoridade veio carregada de sentido só compreensível a quem esteve lá. A musicalidade desse “tem” encerrava uma crítica ao próprio sentido conferido ao verbo “existir” naquele momento, era como se a jovem afirmando quisesse negar. Assim, embora a caixa de sugestões existisse fisicamente, isso não significava que ela fosse eficaz nos seus resultados, ou seja, não conferia participação efetiva dos trabalhadores nas decisões da fábrica.

É profundamente frustrante a sensação de impotência da pesquisadora por não dispor de recursos legíveis para registrar os sentidos das modulações das falas e de todas as outras manifestações extradiscursivas. A fala é muito mais rica de significados do que a escrita, a entonação dizendo mais do que as palavras que a tentam traduzir, pois, além de tratarem de significados sensitivos, culturais e relativos, as palavras ou outros sinais quaisquer escritos acabam por trair o próprio sentido emitido pelo pesquisado.

Trata-se de uma lacuna que, não sendo ocupada pelos recursos da escrita fiel, deve ser preenchida pelo papel do pesquisador na análise que desenvolve a partir das informações colhidas; portanto, uma lacuna que acaba por dar sentido à própria razão de existir do pesquisador.

Parte II

SIGNIFICADOS DO TRABALHO PARA O JOVEM OPERÁRIO

"Que pedaços do mundo que observo
habitarão partes de mim que os vejo?
Qual seiva de uma flor vermelha
das manhãs de agosto, que florida
no entremeio das Gerais de Minas
terá a mesma tinta de uma vida
que corre no rio de minhas veias?"

(Brandão, 1982: 80)

Com o propósito de conhecer e poder esboçar o significado que os jovens operários atribuem à esfera trabalho, selecionou-se como lente o contraste e o impasse entre a ocupação¹ exercida no seu cotidiano de labor com a profissão presente em suas construções quiméricas. Para tal, levou-se em linha de conta todo o afã, júbilo, fadiga e estratégias vividos pelos jovens, no seu trabalho, acerca desse impasse ocupacional.

Da pessoa do trabalhador e de sua ocupação, nem sempre resulta uma conjugação perfeita, haja vista os dilemas experienciados no trabalho. Por isso, a análise das atitudes do jovem operário não se deve restringir ao seu posto de trabalho: há que considerar o seu passado, a sua percepção do presente e as intenções que endereça ao porvir.

São expostos a seguir alguns achados e análises delineados ulteriormente à realização do trabalho de campo, em que se utiliza a entrevista. Os testemunhos colhidos nas residências somaram vinte² jovens, espalhados por sete cidades da região metropolitana de São Paulo, no segundo semestre do ano de 2001.

Para tematizar o trabalho do jovem, compartilhando a postura metodológica de Magnani, em que recortar um objeto de pesquisa não significa romper os liames que ele conserva com outras instâncias sociais, passear-se-á antes por suas dimensões familiar, socioeconômica, escolar, de lazer e religiosa, já que o indivíduo é um ser total e não cindido pelo recorte de pesquisa.

¹ - *Ocupação* é tratada aqui com um significado distinto do de *profissão*. Na perspectiva de Hughes: "Uma profissão é uma ocupação que está ligada a uma posição especial entre as ocupações" (1958: 157; tradução nossa). Para uma profissão caracterizar-se enquanto tal é necessário que ela disponha de habilidades (formais ou informais). São essas habilidades que a distinguem da ocupação, atribuindo-lhe um lugar privilegiado. Embora cerca da metade dos jovens entrevistados já possuam uma profissão, adquirida no Senai, eles aspiram por outra profissão que disponha de mais qualificação, especialmente em nível de terceiro grau. Por isso, profissão é concebida aqui como uma ocupação que dispõe não apenas de qualificação mas também na qual está projetada a auto-imagem futura dos indivíduos, ou, em outras palavras, a ocupação é aquela que os jovens operários exercem atualmente e a profissão aquela que almejam.

² - Embora 20 jovens tenham sido entrevistados, nesta segunda parte da dissertação serão apresentados apenas 19, pois um deles (Denis, de 23 anos) por não dispor do perfil de operário fabril não teve seu testemunho analisado no que diz respeito ao tema *trabalho*, porém foi utilizado na discussão de *situação de entrevista* no capítulo metodológico.

Capítulo 3 Trabalho e sociabilidade

3.1 A origem familiar

Na sociedade moderna, a família³ vem se reforçando na função de proteger seus filhos à medida que, progressivamente, ameaças se colocam presentes nos espaços exteriores. A atitude de crescente proteção à prole acaba por configurar a família como fonte de insulamento⁴, pondo-se como um dos últimos redutos buscados pelos jovens como garantia de seu bem-estar. Conseqüentemente, de acordo com Reboul⁵, o laço familiar revigora-se entre seus membros.

A importância da família como esfera de proteção foi percebida entre os jovens investigados. A família foi colocada como a instituição mais proeminente em suas vidas, justamente por ser concebida como um lugar onde, ao lado do convívio diário, são obtidos o apoio, o amparo, um abrigo, o acalento incondicional.

Os jovens do universo pesquisado tinham família nuclear, conceitualmente definida pela composição de pai, mãe e filhos⁶, deixando de contar com a presença de um dos pais apenas em caso de morte, exceto no caso de dois deles: um que nunca conheceu sua mãe, por motivo de abandono, e por isso fora criado pelos avós paternos, e outro, que tinha um tio agregado em sua casa. Nenhum caso de divórcio apareceu nas famílias.

³ - Marx (1977) menciona a constituição família, por intermédio da procriação e da relação entre seus membros, como resultado de uma das condições que intervém no desenvolvimento histórico.

⁴ - Cf. Ariès: “A família moderna subtraiu à vida colectiva não apenas as crianças mas uma grande parte do tempo e das preocupações dos adultos” (1973: 322).

⁵ - V. Reboul, 1974:13.

⁶ - Cf. Woortmann, 1984: 28.

Habitam casas com cinco integrantes, em média, dos quais cerca de três trabalham, incluindo os trabalhos de bico muito comuns no setor de construção civil, principalmente na periferia de Jandira.

Majoritariamente⁷ descendentes de famílias advindas de outros estados, cerca de um terço dos pais desses jovens é retirante do interior rural, dos estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Dentre os pais procedentes de outros estados, quase metade também tem esposa da mesma localidade de origem, por terem vindo para São Paulo recém casados, em busca de uma vida melhor.

O meu pai e a minha mãe [...] são baianos [...] Minha mãe nasceu em Remanso [...] ao norte da Bahia [...] as coisas lá é mais precária, fica sem chover o maior tempão, às vezes plantam as coisas e não nasce, fica passando necessidade. Tem que ficar pedindo pras pessoas, que tão aqui em São Paulo, mandar uma roupa [...] ajeitar uma comida, mandar um leite (Emílio, de 19 anos).

Solidariedade foi uma das virtudes mais evidentes prezadas pelas famílias, fortemente presente inclusive no espaço físico em que residem. Comumente, nos terrenos das casas dos pais, eram construídas casas no fundo e em cima para os filhos e os genros que iam se casando; por conseqüência, espaço livre era algo tão ausente quanto o verde escasso na periferia em que habitavam.

Em pesquisa que tem o trabalho como um dos temas centrais, Cabanes (2002) estudou as histórias de vida de trinta e três famílias paulistanas, incluindo algumas do estrato de classe operária, no período de 1986 a 1994, detendo-se em suas práticas sociais associativas, sindicais, políticas, religiosas, domésticas. Nessa última esfera, estão aqueles indivíduos que o autor chama de testemunhas de proximidade, referidos à convivência do grupo doméstico, dentre os quais se verificou a presença da

⁷ - Entre 20 pais, 13 vieram de outros estados, sendo 7 da região do nordeste e 6 de Minas Gerais e Paraná; já entre as mães, 12 são de outros estados, também 7 do nordeste e 5 de Minas Gerais e Paraná. 12 pais e 10 mães vieram da zona rural.

solidariedade, por intermédio do forte vínculo entre o cuidado de si mesmo e o cuidado do outro: “*Sem a preocupação do outro a preocupação de si mesmo aparece como uma ligação desprovida de luz*” (p. 190).

A maior concentração de pais operários, sem o ensino médio, encontra-se entre os originários de outros estados, especialmente da região nordeste do país. Isso não impediu que seus filhos atingissem grau de escolaridade de nível médio. Todos os jovens atingidos pela pesquisa, com exceção de dois, dispunham desse grau escolar, sendo que, desses últimos, um ainda estava cursando e o outro, único jovem casado, para poder sustentar o filho, havia interrompido os estudos no segundo ano do ensino médio.

A maior parte das ocupações paternas vincula-se ao chão de fábrica⁹: operadores de máquinas e torneiros mecânicos. O restante atuava na construção civil, como pedreiros, e no setor terciário, como seguranças.

Predominantemente católicos, os pais transmitem para os filhos a importância da fé em suas vidas, embora não com tanta contundência quanto aqueles pertencentes ao pentecostalismo¹⁰, cuja frequência atingiu cerca da quarta parte.

⁸ - Tradução nossa. (“Sans le souci de l'autre le souci de soi apparaît comme un branchement qui ne donne pas la lumière.” Cabanes, 2002: 190)

⁹ - 2/3 dos pais eram operários; apenas um desempregado; 1/3 estava aposentado, sendo metade em montadoras; nenhuma das mães era aposentada, salvo a avó que criou um dos jovens.

¹⁰ - Registra-se aqui a nomenclatura – pentecostalismo – do movimento religioso a qual esses jovens e seus familiares realmente pertencem, embora eles se classifiquem como evangélicos. No Brasil, diversamente de outros países, como os EUA, o termo evangélico refere-se a todas as denominações tanto protestantes históricas quanto protestantes pentecostais. Um dos acréscimos feitos por esses últimos foi a *glossolalia*, que consiste na fala de línguas estranhas pelos fiéis, para reproduzir episódios bíblicos (Pierucci e Prandi, 1996).

3.2 Perfil socioeconômico dos jovens

Tendo como parâmetro sua localização geográfica, a diferença socioeconômica entre os jovens tornou-se patente, sendo possível dividi-los em dois conjuntos: o primeiro, com os sete jovens da periferia de Jandira e um da zona leste paulistana, e outro conjunto, formado pelos doze jovens de Santo André, São Bernardo do Campo, Mauá, Osasco, Cotia e zona oeste de São Paulo. Para tornar mais fácil a compreensão, o primeiro grupo será tratado como habitando o Plano Um e o segundo, o Plano Dois. No Plano Um, salário¹¹, renda familiar, direito trabalhista, ocupação e escolaridade dos jovens mostraram-se mais precários quando comparados com os do Plano Dois.

A maior parte dos jovens do Plano Um tem trabalho precário, notadamente as meninas, que dispõem de contratos temporários. A precarização do trabalho, que surge como uma tendência mundial, resulta da globalização econômica na qual, dada a volatilidade do mercado, algumas empresas recorrem à flexibilização do trabalho, ofertando empregos temporários, parciais e eventuais (Pais, 2001).

Em razão de disporem de condições de baixa renda familiar, no Plano Um, concentram-se os jovens que deixam com a família a maior parte dos seus salários, pois têm de ajudar no orçamento doméstico para garantir a sobrevivência familiar, investir na compra de materiais para a construção da casa onde irão morar com a futura esposa, ou por já serem os provedores da família.

No Plano Um, também se fizeram presentes duas jovens que não ajudam em casa, usando todo o dinheiro que ganham para si, uma vez que eram as únicas duas cujos pais usufruíam rendas de casas alugadas. Ambas não estavam estudando e gastavam seus salários na compra de objetos pessoais. Dentre os oito jovens do Plano

¹¹ - Enquanto a grande maioria dos jovens do Plano Um está inserida na faixa salarial 2 (R\$ 301,00-600,00), os do Plano Dois encaixam-se entre a faixa 3 e a 7 (R\$ 601,00-2.500,00).

Um, apenas uma (Amanda, de 20 anos) era proprietária de um automóvel, cuja existência remontava algumas décadas, com o qual se locomovia até o trabalho; essa é uma situação singular, já que, para irem trabalhar, todos os outros jovens desse plano usavam transporte público ou, em um único caso, ônibus da empresa.

O veículo motorizado apresentou-se quase como um artigo de luxo entre esses jovens e possuí-lo apareceu como um dos seus sonhos de consumo. Inclusive, um dos jovens (Wellington, de 21 anos), aos quinze anos de idade, foi forçado, pelo pai, a começar a trabalhar fora, para poderem comprar um carro, além de pagar as dívidas que haviam contraído.

Somente uma jovem (Fabíola, de 20 anos), cujo pai era dono de um botequim, no quintal de sua casa, e sua mãe, funcionária pública (copeira), empregava seu salário integralmente para pagar seus estudos, um curso técnico em Enfermagem. Essa jovem foi a única do Plano Um que estava prosseguindo seus estudos após a conclusão do ensino médio. Nenhum deles cursava faculdade. Para alguns, essa é uma possibilidade inatingível; para outros, não faz parte de seus planos; uma única, que planeja cursá-la, faz economias com esse objetivo, ao mesmo tempo em que auxilia os pais economicamente.

Em contraste, os jovens do Plano Dois, que dispõem de melhores recursos socioeconômicos, logo, de um maior poder de barganha, tanto individual quanto familiar¹², usufruem um maior poder de consumo. Majoritariamente, a remuneração recebida por esses jovens permanece com eles mesmos, sendo gasta sobretudo em educação: de onze jovens, sete fazem faculdade, dos quais apenas três recebem bolsa-auxílio da fábrica em que trabalham.

¹² - A renda familiar dos jovens do Plano Um está entre a faixa 2-7 (R\$ 301,00 – 2.500,00); já a dos do Plano Dois, 5-9 (R\$ 1.201,00-4.000,00). Considere que as médias de moradores e de pessoas que trabalham, em ambos os planos, são similares: 5 e 3, respectivamente.

A ajuda que esses jovens concedem às famílias é esporádica, salvo no caso de quatro deles: três são os únicos que têm pais não operários de produção (dois seguranças e um almoxarife aposentado), e uma quarta jovem (Erica, de 20 anos, ferramenteira, cuja renda é a maior de todos os jovens da pesquisa) sustenta a família e a cunhada. Um jovem (Davi, de 23 anos) dos três referidos representa a exceção dentre os que habitam o Plano Dois: não fez nenhum curso profissionalizante, é o único ajudante de produção e recebe o menor salário.

Mesmo aqueles que auxiliam mensalmente no orçamento doméstico, investem na própria educação; dois fazem faculdade¹³, um prepara-se economicamente para fazê-la e outro apenas planeja, sem muitos investimentos concretos (Davi, mencionado acima).

Além dos gastos em educação, utilizados para a mensalidade da faculdade, o curso de inglês e material escolar, esses jovens despendem em combustível e estacionamento – pouco mais da metade deles tem carro próprio. As dívidas contraídas por parcela significativa giram em torno de objetos como carro, comumente trocando de automóvel, em especial aqueles que trabalham em montadoras e que por isso recebem desconto na compra; motos; terrenos para construção de casa própria (inclusive um jovem que não está noivo). São itens que não fazem parte da linguagem de consumo dos jovens do Plano Um.

Os usos que os jovens fazem da remuneração que percebem refletem-se diretamente no tipo de lazer que usufruem: a mesma dupla divisão encontrada nas condições sociais e econômicas dos jovens entrevistados apresenta-se no uso do tempo destinado ao entretenimento.

¹³ - Desses dois jovens apenas um tem bolsa-auxílio, cujo montante é cinquenta por cento.

3.3 **Circunscrevendo o lazer**

Tradicionalmente, o lazer era pensado como oposição ao trabalho, por ser concebido enquanto tempo livre. Porém, Magnani assegura que o lazer não deve ser analisado exclusivamente pelo seu caráter instrumental, individual, passivo, como se fosse uma mera restituição das energias despendidas no processo produtivo. O lazer também é constituído por “*um componente afirmativo referido ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade*” (1996: 33), no qual se incluem a família, os amigos e os desconhecidos.

Em termos do cotidiano das pessoas, o espaço de lazer está circunscrito, fundamentalmente ao espaço urbano, assegura Marcellino (1996), que o classifica em dois tipos: os equipamentos específicos e os não-específicos de lazer. Entre os primeiros, estão os teatros e cinemas e, entre os últimos, os próprios lares, bares e escolas.

Na visão desse autor, o crescente adensamento demográfico das grandes metrópoles acabou por propiciar um descompasso em relação ao desenvolvimento de infra-estrutura, sobretudo na região periférica, ocasionando a privação de espaços de lazer para a população. Dessa forma, caracteriza-se o desencontro entre crescimento econômico e desenvolvimento social.

Entre os jovens do Plano Um, a carência de equipamentos específicos de lazer, principalmente aqueles de caráter público, foi um dos pontos levantados durante as entrevistas. Estando ausentes esses espaços, o entretenimento no final de semana desenvolve-se em seus próprios lares¹⁴, dos vizinhos ou dos parentes e na igreja que freqüentam, locais referidos aos equipamentos não-específicos de lazer.

¹⁴ - Marcellino nota que o principal equipamento não-específico de lazer é o lar. “A grande maioria da população, notadamente nos grandes centros urbanos, desenvolve suas atividades de lazer, prioritariamente, no ambiente doméstico” (1996: 29).

Seja pelo forte valor concedido à família ou pelas escassas condições econômicas, grande parte dos jovens analisados passa seu tempo de lazer nas suas vilas, ao lado da família e amigos.

Quatro jovens pentecostais, um por convicção e outros três, perceptivelmente não convictos, destacam seu vínculo à religião, pelos espaços de lazer que ela lhes oferece para preencherem seu tempo livre e poderem desfrutar da companhia de pessoas e de ambientes diferentes dos domésticos. Esses últimos não se colocaram como comumente um adepto convicto do pentecostalismo o faz, tentando transmitir a mensagem religiosa; pelo contrário, referiam-se à igreja destacando justamente as ocasiões de lazer, como ir ao clube da comunidade pentecostal e usar a piscina, jogar bola, confraternizar em festinhas, assistir filmes ou simplesmente ficar conversando com o grupo religioso que se reúne nos finais de semana.

O jovem que era pentecostal convicto (Emílio) passava praticamente todo o seu final de semana na igreja, rezando, cantando hinos e praticando o evangelismo (pregação nos lares). Também em casa sua atividade predileta era ouvir hinos evangélicos em seu aparelho de som, em um volume audível, inclusive ou sobretudo pelos vizinhos, já que converter os outros à doutrina faz parte de sua missão na terra. Nem botequim, nem dança, nem cinema, nem namoro, nem livros: a sua é uma vida cheia de reclusão, onde só a palavra de Deus tem lugar. Assim são os finais de semana desse jovem recentemente convertido ao pentecostalismo, inclusive batizado há apenas algumas horas da entrevista.

Ressalvando o referido acima, visitar os amigos da vizinhança e parentes próximos para conversarem e compartilharem as experiências do cotidiano avultou-se como um dos usos mais freqüentes, praticados pelos jovens do Plano Um nas horas vagas. Era muito comum ver jovens passeando na vila, de uma casa para outra, os casais de namorados de mãos enlaçadas, meninos e meninas se galanteando pelos

caminhos de chão, que, às vezes, se punham como ruelas e outras como atalhos, em morros que zigzagueavam por entre as casas, à primeira vista numa grande confusão.

Esses jovens andam pelas ruas como se elas fossem uma espécie de passarela construída para se darem à mostra aos outros que querem vê-los e estabelecer contato. Fazem delas um uso diferente do estabelecido em bairros afastados da periferia, que lhes dão o significado de mera passagem. Eles são alguém e não meros anônimos passantes pelas ruas.

Ficar sobre as lages das casas ou no meio de corredores estreitos que dão para os portões, cumprimentando os conhecidos que passavam ou espreitando as brigas dos vizinhos, foram atitudes observadas. Aqueles que namoravam passavam significativa parte do tempo na casa dos pais ou dos sogros, namorando. Não sair e ficar com a família, assistir televisão, ouvir música e descansar apareceram como práticas freqüentes de todos os jovens.

Além das casas e ruas, em Jandira, o tipo de lugar fora da vila freqüentado, tanto por meninos quanto por meninas, são os barzinhos, destacados pelo jovem Wellington pelas *biritas* (cervejas) que pode beber, apesar de sua mãe reprová-lo.

Aos meninos, comumente, é atribuída uma das poucas oportunidades encontradas na periferia: a de jogar futebol, com duas traves de pau bruto, em um recanto improvisado, rodeado por matagal, ladeado por morros e riacho de esgoto.

Embora sendo atividades praticadas por alguns jovens, ir ao cinema, ao shopping e dançar em salão, raramente aconteciam. O salão de dança freqüentado pelo jovem Wellington, único solteiro e sem namorada entre os de Jandira, situa-se em Barueri, considerado mais seguro.

Em Jandira ultimamente tá tendo muita criminalidade, você sai pra se divertir e [...] não sabe se [...] vai voltar. Então, é melhor [...] ir pra outro lugar que [...] tem mais segurança. Em Jandira a segurança tá zero.

O medo do crime e do envolvimento com as drogas rondou os testemunhos de alguns desses jovens. Convivem cotidianamente com a imagem de drogados e lamentam o futuro das crianças que se lançaram nesse mundo. O jovem acima, no curso da entrevista, chegou a destacar que, embora sonhe ter uma família, prefere viver solitário para o resto de sua vida se for para ver seus filhos envolvidos com drogas, como é de praxe presenciar crianças na única quadra esportiva da vila – motivo pelo qual ele não a frequenta.

Leitura foi uma palavra pouco proferida pelos jovens do Plano Um, salvo pela jovem Fabíola, que estuda em curso técnico, e por dois jovens que a mencionaram como prática rara em suas vidas.

Tocar cavaquinho no grupo de samba de que faz parte é o lazer predileto do jovem casado Wando, de 21 anos, e o único traço da cultura popular que se deu à mostra nesse espaço do Plano Um. Saindo de casa com o nascer do sol e voltando quase na calada da noite, perfazendo uma jornada de dez horas de trabalho diário, o jovem salientou, com grande empolgação, os momentos em que, nos finais de semana, pode tocar sua pequena viola nos bares do vilarejo.

A ausência de práticas culturais, entre os jovens, nos momentos de folga, sinaliza para a privação do tipo de lazer que Lefebvre (1958) chama de *lazer cultural* ou *cultivado*, que é pautado na tradição local e confere sentido para a comunidade que o pratica.

Os jovens do Plano Dois também praticavam muitas atividades semelhantes aos do Plano Um, como ir a barzinhos, danceterias, clubes, shoppings e cinema, porém com maior frequência. Ficar com a família, ouvir música, assistir televisão, namorar e

jogar bola também preenchiam as horas de folga desses jovens. Contudo, algumas palavras novas surgiram no seu vocabulário de lazer: ler livro, ir a shows e ao teatro, parques com áreas verdes, parques de diversão, como o *Hopi Hari*, *Play Center*, parque aquático. São pouco usuais, entretanto, viajar e ir à praia, mesmo lhes sendo prazeroso.

Outro item que diferencia o lazer dos jovens do Plano Dois é o uso da internet: alguns dispunham de computador em casa, a maioria deles estava conectada ao mundo virtual, fazendo uso de *e-mails* para se comunicar com os amigos. Realidade um tanto longínqua da dos jovens do Plano Um, em que, apesar de a metade dos jovens ter tido contato com um computador, esse uso foi em cursos rápidos e superficiais. Essa é uma diferença que, inclusive, age sobre o tipo de contato existente entre os jovens: enquanto os do Plano Um estabelecem um contato direto, por intermédio de visitas e passeios, alguns do Plano Dois agendam seus encontros pelo teclado de uma máquina.

O espaço religioso também é bastante freqüentado pelos jovens do Plano Dois; entretanto participam de grupos de jovens da Igreja Católica, não do pentecostalismo. É nesse ambiente religioso que fortalecem sua amizade de antigos vizinhos. As mensagens sagradas passadas nos encontros de jovens conseguem ligá-los, quebrando os muros de cimento de suas casas que são mais altos do que os dos lares dos jovens do Plano Um, onde, muitas vezes, nem há muros, ou são erguidos apenas balaústres que permitem vislumbrar, pelas frestas, as vidas que transcorrem dentro.

Jovens, ora tão iguais, ora tão diferentes, nas coisas que fazem e na maneira como fazem. Entretanto, há algo de definitivamente diverso nos caminhos que trilham, não apenas aos dois tipos de ruas em que é possível vislumbrar a disparidade de suas condições e qualidade de vida – uma de terra vermelha à mostra, por onde caminham a pé, e a outra, encapada de asfalto, na qual andam motorizados. Os caminhos que se lhes abrem também são um tanto diversos: os primeiros, trabalhando como ajudantes

de produção, apenas sonham com uma vida melhor; os últimos, já apresentando certa ascensão na carreira profissional e se preparando efetivamente nos bancos escolares do ensino superior, abrem clareiras para um horizonte mais amplo no porvir.

3.4 A amizade no entorno da casa

Um traço que torna todos esses jovens definitivamente iguais é a companhia que utilizam para sair de suas casas: não são os colegas de trabalho, nem os da escola, mas os da vizinhança. Suas amizades delineiam-se dentro da própria vila. São amigos de infância, com quem até podem ter freqüentado a mesma escola, a mesma igreja, contanto que tenham se conhecido desde crianças e habitem o mesmo *pedaço*.

Magnani designa como *pedaço* o espaço intermediário entre o privado (casa) e o público, no qual se desenvolvem práticas de sociabilidade por intermédio de redes de relações, sobretudo a de lazer. São essas práticas sociais que significam e ressignificam os espaços nos *pedaços*; por isso, “o componente espacial do ‘pedaço’ está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação” (1996: 39)¹⁵. No caso específico do bairro, a sociabilidade típica do *pedaço* está naquela que articula vínculos familiares, de vizinhança e de procedência.

Alguns dos motivos que levam os jovens pesquisados a cultivarem suas amizades na própria vila onde moram são: a identidade com os amigos de infância, a facilidade no contato e o encontro pouco oneroso economicamente, além da auto e mútua proteção no retorno à casa.

¹⁵ - “Ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, tornam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em local de compra e venda; o viaduto é usado como local de passeio a pé; a esquina recebe despachos e ebós [...]” (Magnani, 1996: 39).

Os jovens raramente saem com os colegas de trabalho porque não têm identidade com eles, o que é decorrente da faixa etária mais elevada da maioria dos colegas do setor em que trabalham, do costume destes de não mais saírem de casa, preferindo ficar ao lado de suas famílias, e do *status* marital dos muitos casados que só conversam sobre assuntos de família, principalmente filhos, tornando-se, assim, desinteressantes aos olhos dos jovens.

Na escola e faculdade, também não se estabelece um vínculo forte de amizade com os colegas, em primeiro lugar porque, à exceção de um que está no segundo, todos os jovens que freqüentam uma faculdade estão ainda no primeiro ano não tendo tido ainda tempo bastante para estabelecerem identidade. Outro fato que impede essa proximidade é o pouco tempo de que dispõem para se conhecerem e manterem contato. Finalmente, não tendo compartilhado experiências por terem sido criados em bairros os mais diferentes e em famílias também com origens diversas, acabam encontrando dificuldades para o estabelecimento de conversas e, sobretudo, cumplicidade de experiências.

É nos amigos de infância que encontrarão todos os quesitos necessários para uma amizade robusta, por terem sido criados juntos, compartilhando os mesmos espaços escolares, igreja, comércio, ruas, histórias e memórias. Viram-se crescer, contaram e ouviram fatos vividos pelos outros a cada dia, presenciaram juntos acontecimentos coletivos festivos como aniversários, casamentos e formaturas, e catastróficos, como acidentes, doenças e mortes.

Contatar, encontrar, ver e conversar com os amigos da vila é mais acessível, tanto espacial quanto financeiramente. Não precisam atravessar a cidade, pegando mais de uma condução, como teriam de fazer se quisessem, por exemplo, encontrar um colega do trabalho ou da faculdade. Além disso, quando saem de suas casas, procuram uma forma de autodefesa na escolha de sua companhia.

Eu procuro sair com o pessoal de onde eu moro porque aí eu vou e volto com eles. Eu acho que o risco é “menos”, você sempre tá acompanhado (Jorge, de 23 anos).

De acordo com Magnani (1996), uma das funções do *pedaço* é, justamente, a de fornecer proteção aos seus integrantes quando, no intuito de desfrutar de lazer, entram juntos em outros lugares, fora do seu espaço, como salões de baile ou participam de excursões. Em um mundo marcado pela violência, esses jovens buscam estratégias de segurança para suas vidas. A amizade com os vizinhos, conhecidos de infância, é utilizada como uma espécie de escudo quando saem de suas casas, voltando tarde da noite ou na calada da madrugada.

3.5 Escola e valor moral

No concernente à educação, introjetar a relevância da escola nas vidas desses jovens foi apresentado como um dos principais papéis de suas famílias. Os pais prezam mais o valor da escola do que o do próprio trabalho, para seus filhos. Todos pressionaram seus filhos para estudarem, enquanto apenas um deles (o pai do Wellington, único que foi criado na zona rural, até os oito anos de idade) forçou o filho a trabalhar fora, aos quinze anos de idade. Com efeito, não obstante a grande consideração ao valor do trabalho pelas famílias, a prática desse valor é menos exigida de seus filhos do que a frequência à escola.

A escola é também um valor sobreposto ao do matrimônio: os pais, mesmo aqueles do Plano Um, orientam seus filhos a primeiro concluírem o ensino médio e fazerem uma faculdade para depois se casarem.

Os verbos usados pelos jovens para aludirem às atitudes paternas e maternas a respeito da escola estavam sempre no modo imperativo: tem, deve, precisa. Dessa forma, a idéia de obrigação era passada para os filhos. Incentivo, apoio, cobranças de

freqüência escolar e bom desempenho – e até, no limite, atos de violência – são cometidos pelos pais, para obterem êxito na incumbência de transmitirem o valor da escola.

O jovem Elvio, de 24 anos, narrou que, quando estudava no ensino fundamental, não levava a escola muito a sério e, por conta disso, seus pais não mais conversavam com ele, apenas agiam.

[Meus pais] me batiam porque eu era bagunceiro demais, daí eu só apanhava [...] Minha mãe falava que se eu não estudasse eu ia erguer muro ou carregar pedra o dia inteiro.

Para muito além do valor instrumental de propiciar a entrada no mercado de trabalho, a escola é considerada, pelos jovens, não apenas um lugar onde se aprende a leitura, a escrita e operações aritméticas, mas, notadamente, onde se adquirem valores morais que vão constituir e orientar a pessoa durante toda sua vida.

Os jovens entrevistados atribuem à escola um papel de significativa relevância sobre a conduta dos indivíduos. Emílio salienta que, quando tinha 13 para 14 anos de idade, entrou no Senai para fazer o curso para eletricista e somente a partir daí foi adquirindo “*senso de responsabilidade [...], senso de organização [...] e ao mesmo tempo uma maturidade*”.

O valor disciplina foi aludido como um dos encargos da escola, sobretudo preparando os jovens para a disciplina fabril, por meio do respeito ao horário e a hierarquia professor-aluno que se repete no interior da fábrica, nas figuras dos encarregados e outros chefes, de modo que os jovens desde crianças, já se vão aprontando e habituando a aceitar tal valor moral.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento do capitalismo e a extensão da divisão do trabalho, deu-se a universalização de indivíduos que saibam ler, escrever e

contar, elucida Tragtenberg, e, desde então, a educação tem assumido o papel de “*fábrica de homens utilizáveis e adaptáveis*” (1978: 15). Conforme o autor, a maior preocupação da educação formal passou a ser a de formar indivíduos amoldados ao trabalho, adaptação alcançada por intermédio, principalmente, do que ele classifica de “*socialização à subordinação*”, ou seja, “*transmissão ao jovem de valores compatíveis com o seu futuro papel de subordinado*” (idem, p. 29). Dessa forma, a escola, enquanto um aparelho ideológico, torna-se uma das esferas de reprodução das relações de produção¹⁶.

Estar dentro das dependências de uma escola durante todo o dia, já que o curso do Senai é integral, desenvolve esse comprometimento na prática, sobretudo, com o futuro no trabalho. Os muros da escola acabam por servir de escudo para as possíveis contaminações que se poderiam adquirir na rua, como os valores praticados pelo banditismo¹⁷.

Naquela época eu [...] [era] um molecote, ficava na rua empinando pipa, jogando bola, ficava aprendendo o que não prestava. Ficava na rua o dia todo [...] Sabe lá Deus se eu não tivesse entrado no Senai [...] eu poderia ter ficado na rua e ter virado um vagabundo, sem ter nada pra fazer podia começar se enturmar com as pessoas que não prestavam e hoje em dia poderia tá aí perdido (Emílio).

Tornar o indivíduo alguém, tirando-o da nulidade (“*Se a pessoa não tiver um estudo não é nada*”. Davi) e da não pertença aos valores prezados, do domínio das letras, e abrindo horizontes para melhores oportunidades de vida é um apanágio da escola, certificam os jovens.

¹⁶ - V. também Oliveira, 1995:135.

¹⁷ - Diverso desse resultado foi o verificado pela pesquisa de Oliveira, em Carapicuíba, onde a escola é vista pelos jovens como um lugar tão perigoso quanto a própria rua, fazendo presente a desordem, a desestrutura e a violência (2001: 130).

Tem que estudar porque a escola é muito importante [...] pra você ser alguém. Se você não estudar, você não vai ter nada [...] se você estudar você vai perceber várias outras coisas [...] quando o outro tá te enganando [...] [você] vai poder exigir de alguém porque você tem estudo, pode se valorizar (Jorge).

O discernimento, o amadurecimento e a perspicácia são aprendizados, adquiridos e aguçados no ambiente escolar, que tornam o indivíduo mais valorado, do ponto de vista do jovem Jorge. Portanto, trata-se de valores não instrumentais: não é a escola pelo diploma em si, mas a escola valorizada *per si*.

Aprender a se expressar nas diferentes situações do cotidiano, podendo distinguir e se adequar a elas, como falar coloquialmente entre pessoas com quem se mantém uma relação informal e, rebuscadamente, com pessoas a quem se deve certo respeito, como os próprios chefes, também foi apontado como um dos méritos da escola. Saber colocar-se dentro desses dois universos lingüísticos acaba por possibilitar melhores oportunidades, inclusive de trabalho, alegam os jovens.

Os jovens do Plano Um atribuem à escola todo o conhecimento de que dispõem; mesmo aquele que não concluiu o ensino médio avalia a escola como responsável pelo “pouco” que tem. Conhecimentos sobre o corpo, as doenças, as drogas, estar preparado para distinguir aquilo que é benéfico daquilo que é nocivo para a vida e para a moral e, por conseguinte, saber escolher conscientemente que mundo deseja trilhar, tendo o governo de si. “*Você sabe tudo lá [na escola], o cara cai na vida errada se ele quiser*” (Wellington).

Já para alguns dos jovens do Plano Dois, o valor da escola é minorado enquanto espaço para a formação do indivíduo. *Um local para se informar, porém não para se formar*. Essa foi uma das frases proferidas por alguns desses jovens, ao mencionarem a escola como uma dentre as várias esferas de informação da sociedade moderna que se diversifica cada vez mais. Dentro dessa perspectiva, da escola como lugar não mais de

formação, está a de ensinar a buscar a informação sozinho, portanto, a de preparar para saber pesquisar por conta própria assuntos diversos.

De modo geral, a escola, salvo algumas críticas feitas à sua baixa qualidade, notadamente aquela de ensino noturno, foi enfaticamente considerada um dos melhores lugares para o jovem estar, uma vez que, nela, sempre se aprende algo profícuo para a vida. Nessa linha, a jovem Kely, de 19 anos, certifica que a escola não somente favorece o crescimento profissional mas também o conhecimento intelectual.

3.6 Escola como espaço de lazer

Conquanto os jovens concebam a esfera escolar como uma das mais proeminentes na transmissão de conhecimento e valores, seu espaço físico é, preferencialmente, utilizado como um lugar de lazer. Na escola, a atividade preferida, mesmo entre aqueles que estão cursando uma faculdade, é rever e conversar com os colegas. Nos círculos de conversas, os temas são experiências profissionais, familiares, cotidianas; exercício do canto; conquista de paqueras e namorados.

Tratando-se de jovens de baixo poder aquisitivo, o fato de despontar a predileção pelo uso da escola como espaço de lazer – mesmo durante as aulas – mostra, de certa forma, a carência de espaços culturais no país, já aludida anteriormente e sobejamente sabida, sobremaneira aqueles oferecidos pelo governo.

A escola está autorizada a ser usada como espaço de lazer, visto que dispõe de ambientes propícios, como auditório, quadras esportivas, pátios e salas, que poderiam ser utilizados, durante seu tempo ocioso, pelo trabalho comunitário. Atividades nesse sentido estabeleceriam um vínculo, ao mesmo tempo em que trariam uma relação de deferência entre a comunidade e o referido espaço, salienta Marcellino (1996). Além

disso, poderia melhorar o contato professor-aluno, trazendo benefícios na relação, mediante a aproximação de ambos.

Muito provavelmente, o rendimento dos discentes e a relação professor-aluno obteriam mais êxito, se a escola fosse concebida como espaço de aprendizagem formal durante as aulas e de lazer fora das aulas. Porém, para que isso ocorra, há que investir não somente em trabalhos comunitários, na escola, mas, inclusive, em outros espaços consagrados ao lazer, a saber, o clube, a oficina, a quadra, o cinema e o teatro, com acesso gratuito à camada populacional economicamente carente.

A didática do corpo docente e o relacionamento distanciado que o professor mantém com os alunos foram os dois pontos que obtiveram os julgamentos mais desfavoráveis dos jovens. Justamente nessa direção, para trazer mais interesse aos discentes, foi que forneceram sugestões envolvendo mudanças na relação professor-aluno, aproximando-os mais, democratizando os debates, discutindo assuntos do cotidiano deles e dinamizando os instrumentos de trabalho.

Essa avaliação dos jovens, indicando os problemas encontrados na escola, pode ser usada para que sejam feitas inferências acerca do relativo desinteresse deles pelo formato das aulas que lhes são ministradas. O cansaço é outro fator que se soma, para criar um cenário escolar que não favorece o bom desempenho¹⁸ dos jovens estudantes-trabalhadores, no caso que se retrata.

¹⁸ - Cerca de quase metade dos jovens viveu histórias de, em média, três anos de reprovação e abandono escolar; de 8 jovens que passaram por essa amarga experiência, 5 são atualmente ajudantes de produção. Os motivos das reprovações e abandonos são: a autculpa por ser desordeiro ou se julgar incapaz; mudanças constantes de habitação; necessidade de ter de começar a trabalhar; fazer mais de um curso simultaneamente ao trabalho, geralmente o ensino médio e um profissionalizante. É evidente que o bom desempenho dos discentes não se resolve simplesmente suprimindo a existência da reprovação, como foi feito por intermédio da Deliberação nº 9 de 1997 do CEE – Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo – que instituiu o regime de progressão continuada no ensino fundamental, pois, desde então não se registrou nenhum avanço na qualidade de ensino e no aproveitamento escolar dos discentes, como atestam diversos especialistas em educação (Cf. Revista de Educação, 2001). Sabe-se que são prementes mudanças

A grande maioria estudava quando começou a trabalhar, com exceção de três meninas que entraram no mercado de trabalho mais tarde do que as outras¹⁹. Dividir o tempo e a dedicação entre trabalho e estudo foi uma das maiores lamentações dos jovens. O esgotamento físico e o sono eram, com frequência, apontados como obstáculos acentuados no seu desempenho acadêmico. Alguns, inclusive, tiveram de abandonar mais de uma faculdade alegando a fadiga do corpo.

Eu sempre... tive simpatia mais por robô. Eu gostava de desenho, desde pequenininha. Eu fui tentar fazer desenho, meu corpo não agüentou (Erica).

“*Meu corpo não agüentou*”. Uma menina de dezoito anos de idade, dormindo duas horas por noite, trabalhando o dia todo e à noite, tentou cursar *Design*, área com a qual sonhava, mas o seu “*corpo não agüentou*”. A exaustão física abateu-se sobre o seu corpo e esse sonho foi desfeito. Aqui, o corpo é culpabilizado pela morte do sonho, não as suas condições socioeconômicas e nem a política governamental. É o massacre do sonho por meio do corpo supliciado.

Após um dia inteiro de trabalho, frequentemente de nove a dez horas, esses jovens entram nas salas de aula com o mínimo de condições físicas para o aprendizado. Conseqüentemente, acabam por fazer um uso diferenciado do espaço escolar, o de relaxamento junto aos colegas.

Esse uso alternativo da escola como lazer pode ser compreendido de três formas: crítica dos jovens alunos em relação à maneira rotineira com que o conteúdo

em diversos níveis como: formação do corpo docente, infra-estrutura das escolas, relação com a comunidade, distribuição de rendas. Enfim, esse é um assunto extenso e polêmico, além do que, efetivamente, não é um tema a ser esmiuçado aqui, sobretudo neste curto espaço.

¹⁹ - Já dispondo do ensino médio concluído: uma das três meninas tinha 17 anos quando começou a trabalhar (Kely), a outra, 18 (Amanda) e a última, 23 (Edilene, de 24 anos), todas em trabalho temporário e moradoras do Plano Um. Já, das outras três que iniciaram a vida ativa ainda estudando, duas tinham 14 e a última 15 anos de idade, no Senai e de babá de família respectivamente (somente a última pertence ao Plano Um).

programático lhes é transmitido, crítica à condição intensa de trabalho à qual têm de se submeter para sobreviver e crítica à própria exigüidade de espaços públicos de lazer próximo às suas vilas.

3.7 Atual arranjo escolar dos jovens

A escolarização, embora seja um valor prezado pela família, enquanto compromisso e obrigação moral, haja vista que seus filhos sempre têm escolaridade superior à dos pais, geralmente, estava circunscrito ao ensino médio. Inclusive, em uma das famílias de menor poder aquisitivo, do Plano Um, foi registrada uma frase que deixa claro que concluir o ensino médio significa terminar os estudos, já que é até aí que se dispõe do maior número de vagas em escolas públicas, e, logo é até aí que esses jovens seguramente podem chegar.

Comumente, as famílias não dispõem de recursos econômicos para bancar seus estudos em uma faculdade. Continuar os estudos depois do ensino médio é algo que, financeiramente, depende única e exclusivamente dos próprios jovens, uma vez que se sentem preparados apenas para cursarem faculdades particulares.

Cerca da terça parte dos jovens fazia faculdade²⁰, dentre os quais estavam cinco dos seis que começaram a trabalhar aos quatorze anos, por intermédio do Senai²¹ e com ajuda de custo da empresa para pagar o curso. Já o outro jovem – que também fez

²⁰ - Entre os sete jovens que fazem faculdade, todas particulares, quatro estudam inglês. Cinco deles começaram a trabalhar aos quatorze anos, pelo Senai, financiados por uma empresa montadora ou metalúrgica de médio porte – isso indica que, para os jovens filhos de operários, começar uma carreira profissional por essa via abre melhores perspectivas profissionais, uma vez que podem dispor de um acesso mais amplo ao preparo profissional, dado o usufruto, desde muito cedo, da própria estabilidade remunerada.

²¹ - O curso de Mecânica Geral, o mais comumente feito pelos jovens investigados, tem duração de três anos, sendo dois anos e meio de aulas teóricas dentro do Senai e os últimos seis meses de

o Senai nas mesmas condições citadas – está fazendo planos bastante concretos para entrar na faculdade. São todos moradores do Plano Dois, onde se localizam grandes metalúrgicas, notadamente na região do ABC, e, por decorrência, há uma grande concentração de cursos profissionalizantes destinados à área industrial.

Os dois outros jovens que fazem faculdade, um morador de Osasco e o outro de Cotia, começaram a trabalhar com dezoito e dez anos, respectivamente. O primeiro, Rone, de 24 anos, que dispõe atualmente de onze cursos do Senai, tem uma filha de seis anos de idade, mora com os avós aposentados, e estava noivo, apesar de não poder ajudar em casa. O segundo, Jorge²², trabalha na mesma metalúrgica, estava com a noiva grávida prestes a ter um filho e fazia planos de alugar uma casa e ir morar com a nova família.

A indagação é: daqui a três anos terão esses dois últimos jovens, principalmente Jorge, terminado o curso superior? Embora ambos disponham de bolsa-auxílio da empresa, parece apresentar-se muito mais estável e promissora a situação daqueles jovens, que entraram no Senai com quatorze anos e desde então tiveram um salário, dispõem de meia década de tempo de serviço e não têm planos imediatos para construir família. Além disso, depois de formados, esses jovens conseguirão atuar nas áreas estudadas, como a de Engenharia?

estágio dentro de uma empresa, período em que são considerados aprendizes, entre 14 e 16 ou 17 anos de idade.

²² - Enquanto Rone, faz o curso superior de Mecatrônica, curiosamente, o jovem Jorge faz Direito; é, normalmente, aos cursos voltados para a Engenharia que as empresas fornecem bolsas de estudo, alegando que eles têm mais relação com o setor da metalurgia. Tal fato inusitado deu-se em função de o jovem Jorge ter uma relação bem afinada com seus chefes, o que não significa que ele os bajule puro e simplesmente e faça apenas o jogo deles sem ter consciência do fato. Pelo contrário, o jovem demonstrou ter muito claro o lugar de cada um, age com astúcia, faz o jogo no qual sabe que tem a ganhar, mas alerta que só interessa à empresa porque dispõe de boas qualidades profissionais, disciplina e destreza tanto física quanto psíquica a oferecer. Ele é estrategista porque sabe que fazendo o jogo da fábrica terá seu contrato de bolsa de 4 anos garantido, até findar o curso e poder atuar como advogado. (Há que se notar que o primeiro jovem recebe 70% de auxílio-educação, enquanto o segundo apenas 50%, sendo esse o mais usual).

No caso dos jovens portugueses, Pais (2001) aponta que a massificação do ensino e a generalização de cursos universitários desenvolveu a expectativa de mobilidade social entre eles; porém, na prática profissional, muitos não usufruem os títulos adquiridos, situação já advertida por Mannheim, em meados do século passado.

Todos os jovens universitários pesquisados nesta dissertação pagavam sozinhos sua faculdade, salvo três que recebiam auxílio-educação da empresa. Aqueles que tinham planos em cursá-la para concretizar tal sonho, estavam fazendo economias, por conta própria e sem a ajuda da família. Os que ainda estavam planejando fazer um curso superior ajudam a família no orçamento doméstico.

Na periferia de Jandira, onde se encontraram os menores salários e rendas familiares, se comparados com os do Plano Dois, nenhum dos jovens estava cursando faculdade. Dos dois jovens que estudavam, um estava concluindo o ensino médio (Wellington) e a outra (Fabiola), freqüentando um curso técnico em Enfermagem. Os jovens que estavam cursando faculdade são todos do Plano Dois.

Em Jandira foram encontrados aqueles que não haviam feito nenhum curso do Senai, cuja maioria trabalhava como ajudante de produção, com vínculos precários, em empresas terceirizadas, por tempo determinado e dispendo dos mais escassos direitos trabalhistas entre todos os jovens investigados.

Alguns dos jovens jandirenses haviam feito cursos extracurriculares como computação, *telemarketing* e secretariado, oferecidos e freqüentados maciçamente, tendo em vista a forte propaganda nos meios de comunicação que os apresenta como maneira imprescindível de sair do desemprego. Para filhos de operários, dispendo de rendas familiares baixas e de uma ocupação sub-remunerada, em alguns casos desempregados, cursos como esses apenas trazem a promessa de um mundo melhor.

De certo modo, na prática, alguns desses jovens demonstraram ter consciência da ilusão que tais cursos trazem e embrenharam-se por outro caminho, um pouco mais moroso, porém mais promissor, qual seja o de investir em um curso superior que venha realmente, no futuro, a transformar suas vidas para melhor.

3.8 A relação com o sagrado

São basicamente duas as escolhas religiosas dos jovens perquiridos: católica e pentecostal. Da primeira, são adeptos cerca de três quintos, a maioria deles; da segunda, apenas um quinto. Dentre os católicos, a metade é praticante; já entre os pentecostais, somente um se classificou como não praticante. Dos dois jovens restantes, um é ateu e outro apresenta duplicidade religiosa.

A maior parte dos jovens pentecostais encontra-se no Plano Um, cujas condições socioeconômicas são mais frágeis, sendo todos eles praticantes²³. Curiosamente, é justamente no Plano Um que está a maior incidência de pais e mães vindos da região nordeste do país, sendo ambos originários do mesmo estado, mostrando-se aqui mais suscetíveis à assimilação da doutrina pentecostal. O jovem pentecostal não praticante, aquele com duplicidade religiosa e o ateu localizam-se no Plano Dois.

Os católicos não praticantes consideram-se católicos por força da cultura; seus pais são católicos e eles, por decorrência, também se intitulam dessa forma. Já os católicos praticantes manifestam forte participação em atividades de grupos de jovens.

²³ - Weber (1964), analisando religião e classes sociais, detecta que há uma relação bastante acentuada entre ambas, sendo que os indivíduos com menos recursos econômicos são mais propensos a aderirem a religiões de caráter mais mágico e vinculado à idéia de salvação (p. 389).

Apresentando duplicidade religiosa, traduzida pela intensa participação na religião católica e simpatia pela espírita, o jovem Alex, de 19 anos, acredita que Deus se encontra em qualquer religião, porém interpretado de formas diferentes. Ele embrenhou-se no caminho do ecumenismo pela sede de conhecimento que vive no auge de sua juventude, constantemente buscando respostas para suas indagações acerca das injustiças sociais. Trata-se de um jovem que se destacou pela curiosidade em conhecer assuntos diversos. É o que mais lê e frequenta espaços de teatro e cinema que tragam consigo um caráter, segundo ele, alternativo, desprendido de modismos e do mero objetivo de lucro e que apresente uma proposta de reflexão.

Alex participa dos encontros de jovens, alegando ser insuficiente dispor apenas da crença religiosa. Considera lacônica demais uma vida religiosa que se limite a uma ligação apenas abstrata com os problemas humanos. Por esse motivo, passou a atuar nos grupos de jovens, apoiando financeiramente ou passando a mensagem divina àqueles drogados, alcoólatras e adictos, levando consolo aos que sofrem por problemas familiares.

A incumbência da religião tentando trazer certo conforto aos indivíduos que se mostrem perturbados é ostentada como se tivesse papel de relaxamento: é recurso terapêutico bastante funcional e adequado àqueles cujas condições econômicas são parcas.

Em sua investigação, Cabanes (2002) identificou essa mesma função de terapia religiosa sobre os indivíduos. Em uma das biografias que registrou, foi-lhe testemunhado que a associação de sermões aos cantos produz uma espécie de intimidade coletiva, ocasionando o relaxamento das pessoas, que acabam se evadindo dos problemas cotidianos.

Essa atuação terapêutica da religião sobre aqueles que dela participam não se restringe apenas à dimensão individual; também atinge a esfera social, ao neutralizar

atitudes potencialmente propícias à revolta, à violência ou ao crime. Trata-se da contribuição religiosa para a manutenção da ordem social, sendo portanto, uma função não simplesmente psicológica, mas, fundamentalmente, política.

Além das orações e palestras, cuja temática é perdão, vida comunitária e solidariedade, nos encontros dos quais o jovem Alex participa também há brincadeiras, festas, shows, viagens.

Tanto no caso da Igreja Católica quanto da Pentecostal, no lazer que organizam, as atividades extra-sagradas usufruídas pelos jovens servem como uma espécie de chamariz, para aqueles cujos espaços de lazer são escassos. O próprio Alex, o mais militante em grupo de jovens dentre os aqui analisados, sustentou essa interpretação, ao declarar que os espaços dedicados por esse grupo às brincadeiras, nas quais os jovens podem se divertir e conhecer pessoas novas, são muito atraentes para novos adeptos. Ademais, destacou que tais eventos de entretenimento são cruciais, tratando-se de uma platéia jovem que, além de rezar, precisa de diversão.

Dessa forma, os jovens acabam por fazer um uso profano²⁴ da própria doutrina religiosa, seja ela católica ou pentecostal. Acima do significado que a religião apresenta, ficou patente a proeminência concedida aos espaços de sociabilidade alcançados pela via da organização religiosa²⁵. Partindo do pressuposto que religião pertence à esfera do sagrado e lazer à do profano, na medida em que as necessidades

²⁴ - De acordo com Weber (1964), depois das religiões mágicas, Deus transformou-se em um grande senhor com quem se pode relacionar com súplicas e ofertas, surgindo, assim, um traço fundamental na relação religiosa: o *do ut des* (toma lá e dá cá). Para o autor, o conteúdo da súplica é o distanciamento do mal e a busca de vantagens terrenas. Weber sustenta ainda que toda ação religiosa é racional, por isso está ligada à vida cotidiana, que persegue fins econômicos. Percebe-se aí que as religiões possuem adeptos que recorrem a ela não somente por motivos transcendentais, mas também mundanos, profanos.

²⁵ - Conforme Marcellino (1996), o catolicismo tem a tendência de tomar para si os valores do lazer.

de lazer dos jovens são abrandadas pela religião, na prática, eles acabam por profanar o próprio significado do sagrado em suas vidas.

3.9 O casamento da religião com o trabalho

A atitude de recorrer à religião para mitigar problemas, seja a carência de espaços de sociabilidade, sejam os desequilíbrios de ordem individual – como insatisfação no trabalho, doenças do corpo, vícios diversos – acaba servindo como válvula de escape que impede a explosão de conflitos sociais.

Vivendo profundos desencontros com a ocupação que exerce, preparador de carroceria, e o ambiente de trabalho em que atua, o jovem Alex busca atenuar sua revolta, participando do grupo religioso. Ele tem consciência do papel desempenhado pela religião em sua vida, de minimizador do confronto e quase purificador.

O meu lado humano é alimentado por essa parte [de atuação religiosa no grupo de jovem]. No que o meu serviço destrói, a minha atitude à sociedade, ajudando as pessoas, recompõe. É [...] [amenizada] essa revolta.

A religião apresenta-se como sustentáculo da própria exploração que sofre. A dedicação do jovem à causa divina, mediante ajuda às pessoas desorientadas, torna-o mais tolerante para com os desatinos que tem de enfrentar no seu trabalho.

Também Emílio é emblemático em seu testemunho acerca da relação trabalho-religião, porém focando a doutrina pentecostal. Na narração desse jovem, irradiaram-se de maneira ímpar alguns achados do casamento harmônico entre a ideologia do trabalho e a fé cristã.

Convertido ao pentecostalismo, após ter vivenciado uma parte de sua vida por ele julgada como um milagre, o jovem conta de forma emocionada o dia em que foi salvo pelas mãos de Deus. Ex-integrante de torcida organizada do Palmeiras, morador

do subúrbio da zona leste, em uma vila cuja localização é ainda desconhecida do mapa da cidade de São Paulo, retornava do estádio de futebol para casa quando foi surpreendido, na saída do metrô, por dois integrantes de uma torcida rival, a Corinthians do Pavilhão 9. Estes, que o tinham confundido com outra pessoa, arrancaram-lhe o uniforme e, ameaçando-o de morte, ordenaram-lhe que se retirasse da estação e fosse embora. Emílio, que estava passando por desilusões profissionais, uma vez que havia terminado o ensino médio, tendo se formado eletricitista, estava desempregado há algum tempo. Considerou esse fato um prodígio divino e entrou para o pentecostalismo, juntando-se à mãe e irmã que já eram adeptas dessa doutrina.

Para ele, todos os não integrantes do pentecostalismo estão no mundo, enquanto os seguidores estão salvos. Salvos porque têm discernimento para separar “*o que presta [do] que não presta*”, levando uma vida de “semi-reclusão”, não bebendo, não jogando, não dançando, não brigando e adorando Deus durante todo o tempo fora do trabalho – essa é a principal ação prática para chegar à salvação eterna.

Esse foi um dos jovens que mais se demonstrou conformado com a vida que leva, cheia de privações; não pode fazer uma faculdade porque não ganha o bastante, não pode dar uma casa para sua mãe, que mora de favores em um salão de uma filha e, mesmo frente a esse cenário, considera-se vivendo o período mais próspero de sua vida pois, para ele:

[...] Em primeiro lugar [...] tá Deus [...] acima de tudo e o resto o senhor me acrescenta [...] Só de saber que [...] essa vida é passageira e que... o meu... galardão²⁶ tá no céu, eu me contento.

Discutindo os impasses vividos no trabalho, enfatiza que a principal injúria está no fato de exercer o serviço de torneiro mecânico, mas continuar com registro e remuneração de ajudante de produção, o que acarreta um descompasso oneroso entre

²⁶ - Galardão é a recompensa de serviços valiosos; glória; prêmio; honra (Ferreira, 2000).

responsabilidade e retorno econômico e profissional, representado por responsabilidade aumentada e benefícios estagnados. Mais uma vez, apesar da injúria, sua reação é a mais pacífica possível haja vista a domesticação religiosa que o atinge.

Eu não argumentei nada [...] porque eu agora sou evangélico [...] e... [...] já tenho [...] um pouco de entendimento, eu sei [que] quem resolve as coisas pra mim não sou eu [...] não é o meu querer que prevalece, mas prevalece o querer de Deus [...] às vezes a gente tem que ser submisso e esperar [...] Eu falei: "Tudo bem, não tem problema [o] que eu quero é trabalhar". [...] Que eu sei que eu tando fiel ao senhor [...] o resto o senhor me acrescenta.

A motivação desse jovem pentecostal, para trabalhar e aceitar o lugar e as condições de trabalho que ocupa, é buscada e autorizada pela vontade divina, como se fosse uma sina prescrita por uma entidade sagrada à qual, sem contestação, ele se deve subjugar.

Trazendo à luz o pensamento de Weber (1967), vê-se que conceber o trabalho em si mesmo enquanto algo transcendental, uma destinação divina aos indivíduos, ancora-se na ética do protestantismo, já presente no mundo ocidental desde o final da Idade Média. São Tomás de Aquino foi um dos que trataram a divisão do trabalho e das profissões como resultado de planos divinos. Entretanto, de acordo com a doutrina escolástica, a disposição dos indivíduos nessa ordem divina é *ex-causis naturalibus*, por ser, na prática, fortuita e contingente. Lutero, porém, apoiando-se em sua leitura da Bíblia, considerou que a vocação profissional e as diferenciações dos indivíduos em camadas sociais são conseqüências diretas da vontade divina (Weber, 1967: 114).

A postura de Lutero é basicamente um elogio à manutenção das estruturas socioeconômicas existentes. Uma vez predestinados pela divina Providência a ocupar um lugar no trabalho, os indivíduos devem nele permanecer. Assim, não devem lutar

pela mobilidade social, restringindo suas aspirações às suas condições de vida (Idem, 1967: 57).

Conquanto a referência de Weber esteja endereçada ao Protestantismo Histórico, no qual se incluem as religiões Luterana, Batista, Anglicana, Metodista e Presbiteriana, a ética do trabalho que atravessa esse movimento religioso se estende para o Protestantismo Pentecostal²⁷, de que fazem parte os pentecostais, presentes entre alguns dos jovens desta pesquisa.

Perquirido acerca da satisfação que sua ocupação lhe propicia, o jovem Emílio novamente a justifica pela via da vontade divina. Entretanto, meio confuso, inicialmente dizendo-se pouco satisfeito e, posteriormente, muito satisfeito, recorre ao plano sagrado.

Foi esse o [...] emprego que o senhor preparou pra mim [...] [por]que eu sirvo [o senhor] [...] e eu tenho uma convicção que foi ele que abriu essa porta de emprego pra mim. E se [...] ele preparou pra mim [...] ele jamais vai querer o pior pra mim, se ele preparou é porque ele acha que isso é o melhor pra mim, se ele acha que é o melhor [...] com certeza eu tou “sastifeito”.

Chegado o fim de nossa conversa, o jovem Emílio preparou mais uma de suas várias pregações contando a história do nascimento do trabalho, na perspectiva da doutrina pentecostal.

²⁷ - O pentecostalismo ou protestantismo pentecostal está dividido em três ondas: 1ª onda – *Pentecostalismo Clássico*: Congregação Cristã, Assembléia de Deus; 2ª onda – *Pentecostalismo da Cura Divina ou Neoclássicos*: Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, Deus é Amor, A Casa da Bênção e 3ª onda – *Neopentecostalismo*: Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça Divina, Sara Nossa Terra, Renascença em Cristo. Uma das diferenças básicas entre essas ondas é que, crescentemente, da 1ª para a 3ª, foi havendo mais permissibilidade para usufruir das atividades seculares, como no uso de roupas, assistir televisão, participar da política. Além dessas denominações religiosas ainda se fazem presentes no Brasil: Para-Pentecostal (Testemunha de Jeová, Adventista, Mórmons), Espírita, Umbanda, Candomblé e Católica.

Deus colocou o Adão [no mundo], deu tudo pro Adão, Adão não precisava trabalhar [...] tinha de tudo, tinha comida lá, qualquer água [...] mas tinha uma água que ele não podia tocar e ele acabou tocando e pecou. Daí, Deus amaldiçoou [...] o homem [...] ele falou que o homem pra tirar o sustento, o que comer e o que vestir, ele teria que trabalhar [...] Essa foi a maldição que Deus deu pra Adão e pra Eva que também pecou. E falou pra Eva que... a partir daquele momento pra ela ter filho ela ia sentir dor de parto.

O trabalho como punição divina é o preço que se tem de pagar na terra para, após a morte, ganhar o reino dos céus – essa é a substância da ética protestante. Visando atingir a autoconfiança na salvação *“uma intensa atividade profissional era recomendada, como o meio mais adequado. Ela, e apenas ela, afugenta as dívidas religiosas e dá a certeza da graça”* (Weber, 1967: 77).

Dispor da convicção de que o trabalho é um encargo divino amansa os ânimos do trabalhador pentecostal, tornando-o mais produtivo, porque resignado com o seu destino. Logo, na relação laboral que esse trabalhador pratica está presente a santificação do próprio trabalho, em que a figura do patrão, junto às condições em que a tarefa se desenvolve, põe-se apenas como um intermediário da divindade na terra e não como alguém com quem esse trabalhador tenha uma obrigação.

Na ótica de Cabanes, o trabalhador age como quem tem uma dívida de vida que deve ser paga com o trabalho, por sua vez endereçada não à sua existência, mediatizada pelos patrões, mas à existência em si, à natureza. Do ponto de vista desta dissertação e comungando com a perspectiva weberiana, no caso do trabalhador pentecostal, a referida dívida vai além da natureza e atinge um sentido sagrado. O trabalho vem como dívida porque é visto não simplesmente como algo natural, mas, sobretudo, como algo divino.

É a religião docilizando as atitudes daqueles que tentam lançar um olhar crítico sobre a sociedade. Esse foi o caso do jovem Emílio, que já havia trabalhado na

empresa em que se encontra atualmente e havia pedido demissão porque se sentira injustiçado, por não receber de acordo com as responsabilidades assumidas. Porém, após um período de desemprego, que coincidiu com o dito milagre que ocorreu em sua vida, acabou retornando para a mesma fábrica, com a ajuda do pai, que também trabalha nessa pequena metalúrgica.

Muito embora os dois jovens, Emílio e Alex, tenham sido aqui tratados em uma mesma linha de interpretação deve-se destacar que o segundo possui um diferencial: ele demonstrou estar apenas usando o espaço religioso como recurso para manter controladas suas atitudes de revolta no trabalho, até alcançar seu objetivo, o de tornar-se engenheiro; trata-se, portanto, de uma troca temporária.

Numa metrópole em que a população de baixa renda não dispõe de lugar possível de lazer, a igreja coloca-se como um recurso fundamental, cuja função básica é a terapia coletiva e, por conseqüência, o apaziguamento não apenas de atitudes individuais como das relações sociais, inclusive afugentando possíveis ações de violência incitadas pela insatisfação do dia a dia. É como se fosse uma alienação necessária, por ser um tratamento de baixo custo individual e de retorno rápido para todo o coletivo.

Se a ética protestante granjeia todo o sentido nas atitudes assumidas pelo jovem pentecostal Emílio – pelo menos no momento da entrevista, em que ele se encontrava embebido por um certo transe religioso, por conta do seu recente batismo – ela passa ao largo da percepção que os demais jovens dispõem acerca do trabalho, como será apresentado a seguir.

Capítulo 4 Trabalho e valores

4.1 O hábito de trabalhar

A imagem dos pais é sempre apreciada pelos jovens como um forte referencial para construírem os seus próprios valores, principalmente aqueles relativos ao trabalho. Crescer vendo os pais trabalharem, levantarem cedo todos os dias, ouvi-los opinarem sobre o lugar do trabalho nas suas vidas fazem parte do cotidiano desses jovens, tornando seus pais espelhos para si próprios.

O meu pai sempre trabalhou e a minha mãe também. E inclusive minha mãe pegava nós e levava nós pro serviço com ela. E eu sempre “sube” o que eles passaram [...] Eu sempre [...] tinha em mente [...] eu via eles trabalhando e eu falava: “Quando eu crescer eu quero ser quem o meu pai, quero trabalhar, quero poder acordar cedo, sair de casa, trabalhar, voltar ter o meu dinheiro, poder comprar minhas coisas” (Emílio).

Na abordagem de Bourdieu, por meio da experiência, o mundo social inculca as atitudes assumidas pelos indivíduos, inclusive o ato de trabalhar. O autor narra que as *“atitudes inculcadas pela experiência [...] podem predispor os jovens trabalhadores a aceitarem, ou mesmo a desejarem, a entrada no mundo do trabalho, identificado com o mundo dos adultos”* (1998: 96).

Pela força do hábito, o trabalho é introjetado no cotidiano da criança e do jovem, de tal forma que se torna naturalizado nas suas atitudes, sendo concebido como uma obrigação de todos. *Trabalhar [...] é [...] uma coisa natural [...] uma coisa que você tem que fazer* (Jorge). Essa percepção do trabalho enquanto algo natural ao ser humano revelou-se amiúde nas falas dos jovens, apresentando-se como inexorável, intrínseco à condição humana e, em especial, ao corpo e à mente saudáveis.

Dauster (1992) avalia o ato de trabalhar, entre as camadas populares, como um princípio de socialização, uma regra, uma prática coletiva cultural transmitida de pais para filhos e vivida enquanto uma obrigação desde a infância, por decorrência, como algo natural. Além de ser naturalizado no cotidiano, o trabalho é também apreendido, valorado e usado como evitação de desvios morais e, por conseguinte, atua como regulador dos comportamentos e ponto de equilíbrio da convivência e relações sociais.

Se você não trabalhasse [...] [iria] pensar muita abobrinha. [...] o trabalho [...] faz você esquecer [...] alguns problemas que você tem [...] Se você ficar só em casa [...] direto, você acaba até fazendo besteira [...] matutando, pensando [...] [...] coisas ruim. Então, o trabalho ele ocupa o tempo seu, ocupa a sua cabeça (Jorge).

O jovem Jorge que sofrera há quatro anos um acidente de trabalho, causado pela precariedade das condições dos maquinários, e trazia consigo a revolta por não ter recebido nenhuma indenização da empresa, apontou o trabalho atual como uma fuga, um recurso terapêutico para minimizar sua indignação pelo acontecido, mais especificamente, para conter sua fúria de vingança contra o ex-patrão.

Assim posto, o exercício do trabalho acaba por atuar como fator que propicia certa saúde mental e a própria segurança pública. Ao ocupar o tempo trabalhando, o indivíduo consegue atingir certa harmonização psicológica, ao subtrair sua atenção de situações que possam desarranjar as relações sociais e, ao mesmo tempo, controlar seus atos evitando cometer violências.

Essa função do trabalho, de agente regulador de comportamentos e impedor de desavenças sociais, por oposição ao desemprego, que torna os indivíduos potencialmente propensos ao crime, aparentemente, estabelece uma relação proporcionalmente inversa, na qual o trabalho está para o desemprego como o equilíbrio social está para os desvios.

A importância do trabalho concorre com a da escolarização, sendo motivo de preocupação sobretudo para os pais que, não tendo tido oportunidades de acesso à faculdade, projetam para os filhos o preenchimento dessa lacuna, numa tentativa de compensar a privação que sofreram. Entretanto, pelo hábito apreendido de trabalhar, embora a educação seja um valor prezado pelos filhos, acontece de eles valorarem mais essa esfera do que a escolar, em especial aqueles jovens dotados de menos condições socioeconômicas, como é o caso de Amanda, da periferia de Jandira.

[...] Meu pai e minha mãe não queriam que eu trabalhasse agora, eles queriam que eu estudasse [...] [e] virasse uma doutora [...] Eu não quero ficar socada dentro de casa ou estudando [...] todo dia.

O estar trabalhando tem o poder de quebrar as rotinas domésticas e, lamentavelmente, por vezes, deslocar da escola, somente para o trabalho, as sinergias de alguns jovens.

Nesse contexto, no cotejo entre trabalho, escola e casa, esta última aparece com um significado carregado de negatividade, expresso na palavra “socada”, que remete a um lugar apertado, sem horizonte, sem perspectivas, quase que um exílio, um espaço em que é tolhida a convivência social com os de fora.

A sociabilidade permitida pelo trabalho, embora também seja alcançada dentro da escola, permite o retorno imediato do esforço empreendido, pois ao final de cada mês, tem-se em mãos o valor do esforço despendido durante, praticamente, cada um dos trinta dias. Esse retorno mais rápido fomenta expectativa dissimulada de melhora de vida, fazendo com que alguns jovens troquem a escola pelo trabalho.

O hábito de trabalhar também permite a atribuição de sentido à vida. As longas horas passadas no ambiente fabril, a troca, mesmo quando temporânea, da casa pela fábrica, da família pelos companheiros de trabalho, do estudar pelo labutar, traz, em contrapartida, o preenchimento do sentido do viver para esses jovens. São horas,

convivências, lembranças e valores que se preenchem, permitindo traçar um rumo para seu dia-a-dia, tendo como referencial o cotidiano da própria fábrica.

Eu passo mais tempo lá [na fábrica] do que em casa, eu fico aqui [em casa] acordada [...] uma hora e meia [...] Passo o dia inteiro [na fábrica], praticamente eu vivo em função da fábrica [...] o meu dia é só falando da fábrica, totalmente influenciada na minha vida (Erica).

A casa da jovem Erica resume-se, basicamente, a leito e ducha; além da convivência com seus familiares, trata-se apenas de um dormitório em sua vida. Em oposição, o lugar onde não só passa mais tempo, mas em que reconstrói e solidifica seus valores, é a fábrica, junto aos colegas¹ que sempre têm a fábrica como tema referencial para as conversas. Todo o significado da vida da jovem tem a fábrica como parâmetro, de modo que, nesse momento, um eventual afastamento dela ocasionaria não somente a desestruturação da vida econômica de sua família, como despojaria o sentido de sua própria vida.

¹ - Entre os entrevistados, Erica é a única jovem que mantém amizade, exclusivamente, com os colegas de trabalho, enquanto todos os outros jovens têm um vínculo maior com os amigos da vizinhança de suas moradias. É também a única que atua em uma profissão, que dispõe de qualificação bem diversa das dos outros jovens: ela é, inusitadamente, uma mulher ocupando a profissão de ferramenteira, o que desperta muita curiosidade dos que estão ao seu redor. Ela desdenha os seus vizinhos porque muitos deles são usuários de drogas e estão constantemente envolvidos com a polícia, levando um seu irmão para esse caminho nefasto. Trabalha durante todo o dia e, fazendo faculdade de Mecatrônica, à noite, ela dorme apenas três horas por noite* por ser o que lhe sobra. Portanto, ela não mantém amizade com seus colegas de vila e de infância.

* Há dois anos, essa jovem dorme exatamente três horas corridas por noite e mais quatro cochilos durante o dia: o primeiro, no ônibus, indo para o trabalho; o segundo, quando chega na fábrica – pois os ônibus de fábricas chegam na empresa em torno de quarenta minutos antes do horário de trabalho, para evitar atrasos dos funcionários, embora aleguem estar prevenindo para o caso de estragar o veículo, situação nunca vista pelos jovens; o terceiro, durante o horário de almoço, na fábrica; e um quarto, em casa, na volta do trabalho, pouco antes de ir para a faculdade. Resultado: no final de semana, em casa, ela apenas dorme, para compensar a perda de sono durante a semana, e acaba ficando pouco com o seu pai (um senhor pernambucano, ex-metalúrgico, já de cabelos brancos, com pouco mais de setenta anos de idade, cuja esposa faleceu, há quatro anos, acometida de câncer cerebral). Indagada acerca do seu (bem-)estar físico, ela disse simplesmente que “o corpo acostuma”.

O aprendizado, o hábito e o gosto pelo trabalho não se justificam exclusivamente pela atividade que esses jovens realizam, mas, antes, pelo que deixam de fazer e ser. O título de trabalhador, em antagonismo ao de desempregado, imprime-lhes a marca do orgulho. Esse título retira o indivíduo da nulidade e concede-lhe um referencial, um lugar, uma parcela de cidadania; deixa de ser indivíduo e passa a ser pessoa², cujo papel social de trabalhador tem o reconhecimento e respeito de toda a sociedade.

4.2 O cenário do labor

Não é sempre que você vai ficar dependendo do seu pai, uma hora você vai ter que... sair pro mundo [...] você tem que [...] tá trabalhando pra ir se habituando (Jorge).

Foi ainda na adolescência, em torno dos quinze anos de idade, que esses jovens iniciaram sua vida ativa. Apenas um quarto deles começou a trabalhar depois de já ter terminado o ensino médio. Assim, a grande maioria aprendeu desde cedo a conciliar trabalho e estudo.

Dois foram os motivos alegados que os levaram a entrar no mercado de trabalho, atuantes mais ou menos na mesma proporção: primeiro, a busca de independência; segundo, a necessidade de ajuda à família.

Aqueles que começaram a trabalhar para adquirir independência dizem que o fizeram por “livre e espontânea” vontade, sem haver qualquer pressão da família, explícita ou implícita. Trata-se de famílias que tinham condições razoáveis para manter seus filhos, sem necessitarem que estes entrassem no mercado de trabalho para ajudarem no orçamento doméstico. Os jovens preferiram fazê-lo para alcançar o *status*

² - V. nota 10, na página 16.

de autonomia financeira e pessoal, adquirindo seus próprios pertences, sem terem de recorrer ao financiamento e opinião paternos.

Encontram-se nessa situação os jovens que principiaram o Senai com quatorze anos de idade, tendo ajuda de custo da empresa, e duas jovens mais velhas (18 e 23 anos), que iniciaram a vida ativa já com o ensino médio concluído, uma vez que suas famílias foram capazes de bancá-los até esse limite de escolaridade.

Os jovens que começaram a trabalhar com o objetivo de ajudar no rendimento familiar são aqueles que o fizeram precocemente, ainda na menoridade, exercendo desde o trabalho infantil até o trabalho na adolescência, sem formação profissional condizente com a função praticada, portanto, em uma situação de trabalho instável e mal-remunerado, usufruindo direitos trabalhistas precários. O auxílio à família abrangia desde a contribuição para as despesas cotidianas, como alimento, água e luz, até a ajuda para a construção da casa própria ou a substituição do salário do pai ou irmãos desempregados.

Também fazem parte dessa segunda classificação aqueles jovens que recorreram à atividade remunerada com o fim específico de bancarem seus estudos posteriores ao ensino médio, trate-se do ensino profissionalizante ou de curso universitário. Esse financiamento também acaba por constituir ajuda à família – seja do ponto de vista de futuro capital cultural, seja enquanto possíveis ajudas futuras à família, ou, mesmo, eventuais gastos que poupam suas famílias no presente – haja vista que, comumente, ela não pode bancar a formação posterior ao ensino médio, para seus filhos. Destarte, começar a trabalhar é o único meio de que esses jovens dispõem para continuarem a estudar.

Algo similar está presente no cotidiano dos integrantes desses dois grupos, aparentemente tão distintos: em ambos está manifesto o orgulho perante a família, por estarem trabalhando. Para os que trabalham para ajudá-la, o orgulho vincula-se à sua

capacidade de contribuir para o sustento da família. Os que trabalham para arcar com seus próprios gastos, inclusive os dos estudos, orgulham-se por poderem fazê-lo sem o auxílio financeiro dos pais.

Considerando a grande recorrência de jovens que cursaram o Senai, é preciso deter a atenção especificamente neles. Muito embora, para fazer o Senai, a idade normal de entrada seja quatorze anos, e dezesseis para começar a trabalhar, apenas metade dos três quintos dos jovens (seis) que fizeram Senai seguiu esse perfil. Assim, dividem-se em três grupos: aqueles que: *a)* começaram a trabalhar por intermédio do Senai; *b)* formaram-se primeiro e só depois começaram a trabalhar e *c)* já tinham trabalhado antes.

No primeiro grupo, encontram-se os jovens que entraram no Senai exatamente com quatorze anos de idade e que, desde então, tiveram ajuda de custo de uma empresa, a partir daí tendo registro em carteira. Fizeram os cursos de Mecânica Geral, Tornearia Mecânica ou Automática ou, ainda, Mecânica de Manutenção, os mais requisitados pelas indústrias do setor de metal. Esse grupo foi o que mais contou com certa estabilidade no emprego: seus membros atuam na mesma empresa desde que entraram no mercado de trabalho e apresentam o maior índice de tempo de serviço – cinco anos e meio –, enquanto o restante dos jovens do universo estudado varia de um mês a três anos de serviço na atual empresa.

A carreira ocupacional dos jovens desse grupo, acentuadamente aqueles que trabalham em montadoras e em algumas metalúrgicas de médio porte, teve uma ascensão muito similar, de aprendiz a meio-oficial e a cargos mais qualificados, como inspetor de medida, mecânico de manutenção, ferramenteiro, havendo um caso em que o jovem permaneceu em função pouco qualificada, o de preparador de carroceria, motivo de sua revolta em relação à ocupação que exerce.

No segundo grupo, estão os poucos jovens que só começaram a trabalhar após concluírem o Senai, não tendo tido ajuda de custo de nenhuma empresa e tendo passado por um período de desemprego depois de formados. Fizeram cursos de eletricista e mecânico de refrigeração, pouco requisitados no setor metalúrgico.

Já os outros jovens, presentes no terceiro grupo dos que fizeram Senai, ainda crianças, antes de entrarem nessa instituição, já haviam trabalhado, o que trouxe prejuízos para sua formação educacional, com interrupções e reprovações escolares no ensino fundamental.

Entre os entrevistados, surgiram três casos exemplares de trabalho infantil. Um, aos sete anos de idade (Wellington), outro, aos dez (Jorge) e o terceiro, aos onze (Elvio), todos de família de origem rural, na qual o trabalho é desde muito cedo passado como um dever incondicional, independente da idade.

O trabalho eu já conheci desde lá no Paraná quando [...] eu era pequenininho [...] Tinha 7 anos. Eu ia trabalhar na roça, minha mãe [me] levava, mandava eu colher algodão isso e aquilo [...] Todo mundo brincava comigo. E [a minha mãe] falava: "Oh, 'fio' você tem que fazer isso porque um dia você vai crescer e você tem de saber o que que é a vida". *E lá eu brincava no meio do capinzal, ajudava minha mãe 'baná' café, [...] colher algodão, arroz, café; fazia tudo lá* (Wellington).

Nesse caso, a temporalidade do brincar cruza-se e mistura-se com a temporalidade do trabalhar, o trabalho passando a ser um valor para os filhos dos pobres mesmo quando ainda crianças. Um valor e uma prática, um valor numa prática; uma prática e um valor, uma prática num valor. Um valor aprendido e embrionado na prática da labuta.

Em pesquisa realizada em Canarana, no Mato Grosso, analisando o lugar que o trabalho ocupa na percepção e vida de trabalhadores rurais, José Martins pondera que *“o trabalho é missão e missão familiar. A família se mantém através do trabalho de*

todos os seus membros, independentemente da idade” (1997: 125). O jovem Wellington foi criado nessa ótica concebendo e praticando o trabalho como missão que tinha de ser feita. Isso ocorreu tanto por sua mãe não ter onde deixar a criança e pelo auxílio que lhe podia dar quanto pela transmissão do valor moral do ato de trabalhar.

Na roça, a infância mistura o lúdico com o trabalho, brinca-se trabalhando e não se brinca de trabalhar. A conseqüência é que o trabalho precoce raramente permite o investimento contínuo e duradouro na escola; logo, quando essa criança se torna adulta, raramente consegue trabalhar brincando, pois, comumente, terá como ocupação um trabalho penoso, onde o lúdico, provavelmente, não encontrará espaço.

Tecendo comentários acerca da socialização das crianças da zona rural, José Martins salienta que lhes é projetada uma ilusão de infância, mediante atividades de adulto que a fazem sucumbir:

[A] combinação de ambigüidade e ocultamento está amplamente presente na socialização das crianças [...] Ela marca a consciência da criança e do adolescente, impelindo-os a aceitar a ocupação do tempo da infância pelo trabalho [...] Ilusão cruel que cria a possibilidade de ser criança, de ter infância, para ocupá-la com os encargos do trabalhador e as preocupações do adulto, para negá-las
(1997: 130).

Lenheiro aos dez anos de idade, o jovem Jorge, cuja família é integrada por sete filhos, logo sentiu a premência de ter de vender sua força de trabalho de menino para trazer o pão para dentro de casa.

A primeira vez que eu trabalhei eu tinha [...] 10 anos [...] Eu trabalhava na rua, eu vendia... lenha. Eu trabalhava com o meu tio, então eu ficava no carro esperando o pessoal... "Ah! qué lenha?" "Quero." Então, eu levava o pessoal até a casa do meu tio, eu ficava só com a placa dizendo que eu tava vendendo lenha... vendia lenha até na Granja Viana.

O jovem disse ter percebido que sua mãe precisava de ajuda na renda familiar e, sentindo-se capacitado, lançou-se no mercado de trabalho, porém, com certo ônus para sua formação escolar. Após quatro anos vendendo lenha, iniciou um outro emprego, como marcador de preços em produtos de um mercado nas proximidades de sua casa (no qual uma sua irmã passou a trabalhar). O horário de trabalho coincidiu com o da escola e como em nenhuma escola próxima de sua casa havia a 7ª série do ensino fundamental à noite, para poder ajudar a família, teve de optar pelo trabalho e abandonar a escola.

Escolha amarga essa: um presente com pão e um futuro incerto ou um presente sem pão e um não futuro? É a lei da sobrevivência, a seleção natural atuando sobre a espécie humana, logo portando também o caráter de seleção social. Entretanto, o mais admirável é que um jovem como esse conseguiu construir um futuro que se mostra promissor: atualmente, passados treze anos, ele é um operário qualificado, operador especializado em CNC³, e estudante de Direito, desfrutando uma bolsa de estudos fornecida pela empresa em que trabalha.

O último caso ilustrativo de trabalho infantil é o do jovem Elvio, cuja família, diferentemente dos dois anteriores, dispunha de uma certa estabilidade econômica para sustentar os três filhos. Entretanto, os gastos com os filhos referiam-se somente a alimentos e roupas – isso era uma prescrição moral na casa.

Padeiro aos onze anos de idade, o jovem Elvio dividia a escola com o trabalho, para tentar ter acesso à própria infância.

Na minha vida eu sofri, se eu contar minha vida pra você,
você chora [...] eu comecei a trabalhar com 11 anos.
Porque [...] eu queria comprar um pião, comprar a linha
para soltar pipa. Eu nunca quis pegar [dinheiro] do meu

³ - CNC – Comando Numérico Controlado, uma espécie de torno automático, porém controlado por computador.

pai, não é [por]que ele nunca me deu, a gente já nasceu com isso de não querer pegar o dele. Então, eu já trabalhava para poder comprar o meu doce, comprar a minha linha de pipa.

Uma criança que acordava às cinco horas da manhã para trabalhar como padeiro, fazendo e carregando pão pelas ruas, vendo a infância passar ao largo, assistindo a meninice do outro, que brincava de bola na rua. Trabalhava como um adulto, mas com objetivos diferentes; desejava comprar seus brinquedos, o pião, a linha de pipa ou o doce. Trabalhar como adulto, porém, para comprar sua infância que quer escapar de suas mãos, e que ele teima em segurar.

Voltando os olhos especificamente para a produção fabril, analisa-se, a seguir, o cotidiano na fábrica em que os jovens trabalham atualmente.

4.3 Personalizando o trabalho

As atividades na produção não são realizadas sob fórmulas inteiramente pré-prontas, elaboradas externamente ao trabalhador. Sobretudo no chão de fábrica, o trabalhador utiliza recursos que se adaptem melhor à sua pessoa, tentando conciliar comodidade com qualidade e produtividade, nos objetos que fabrica.

Dejours (1992) salienta que as defesas utilizadas pelo trabalhador são um confronto ao tempo, ao ritmo, à cadência, e à própria organização do trabalho no ambiente fabril.

A atitude do trabalhador, ao buscar e praticar estratégias de proteção, sai do campo simbólico das intenções e avança para resultados efetivos, à medida que relata os benefícios atingidos na defesa do seu bem-estar.

Trabalhando no torno revólver de uma pequena metalúrgica de São Paulo, o jovem Emílio controla a velocidade do torno para poupar tempo de trabalho, ao invés de trabalhar com o torno em velocidade baixa, como é de praxe.

Pra facilitar pra mim eu coloco o torno na velocidade mais alta, eu entro rápido, saio rápido, só que eu trabalho com a lixa de acabamento e eu lixo a peça, a peça fica acabadinha do mesmo jeito. Pra mim é mais fácil, porque eu perco menos tempo.

Na função de mecânico de manutenção de uma montadora do ABC, o jovem Roberto, de 20 anos, explana sobre a viabilidade do uso de furadeiras e de serras manuais e automáticas, contrariando o ensinamento dos mais velhos. Enquanto ele considera mais seguro o uso da furadeira manual para fazer furos de pequeno diâmetro nas peças e, conseqüentemente, evitar o re-trabalho pela não produção de peças mortas, os trabalhadores mais antigos de casa, por força do hábito, usam sempre a furadeira automática. O contrário ocorre com o uso da serra: ele prefere a automática, por ter um resultado mais rápido, enquanto os mais velhos sempre usam a manual. Ele afirma fazer seu trabalho de forma diferente da dos mais velhos por considerar que é mais rápido e prático para si.

Numa indústria química, o jovem Marcos, de 22 anos, cuja função é a de auxiliar de produção, *anodiza*⁴ peças de alumínio, pondo-as dentro de um tanque de 10 metros. Como são peças grandes e, sobretudo, pesadas, e o tanque acaba sendo estreito demais para receber as peças que nele serão banhadas, o jovem auxiliar, que

⁴ - O jovem utilizou o termo *anodizar*, que segundo ele é lavar as peças de alumínio, que serão usadas em portas e janelas, tornando-as foscas. Provavelmente trata-se do mesmo procedimento usado na galvanoplastia que consiste em um processo eletrolítico*, cujo objetivo é o de pratear e dourar peças metálicas.

* Processo eletrolítico é um: “Conjunto de fenômenos químicos ocorrentes nos eletrodos imersos numa solução condutora, provocados pela passagem de corrente elétrica” (Ferreira, 2000).

há três anos e três meses trabalha na mesma função, desenvolveu um jeito próprio, que ele nomeia de esperteza, de exercer essa atividade.

Se você não tiver uma esperteza [...] a sua esperteza, você não consegue colocar aquilo dentro de um tanque sem amassar ou estourar as peças tudinho. E eu uso o meu jeito.

Liderando a equipe da seção de uma metalúrgica de médio porte, na periferia de Jandira, a jovem Edilene também desenvolveu, na montagem de retrovisores, uma maneira própria de executar sua tarefa de auxiliar de produção. Quando iniciou nessa função, recebeu o auxílio de outros trabalhadores antigos sobre como proceder a montagem, foi orientada sobre a ordem em que deveria montar cada parte da peça. Entretanto, acabou desordenando e reordenando o processo do seu modo, conseguindo assim maior agilidade e produtividade. A orientação foi a de colocar ou *cravar* primeiro o tubo na máquina, depois a *piastra*⁵, em seguida o anel, e, por fim, o “*snoldo*”⁶, que são colocados na prensa para prensar o retrovisor; ao invés disso, ela coloca o tubo e o anel diretamente na piastra, passa graxa e põe na máquina e, enquanto isso, coloca as molas com o “*snoldo*” e prensa a peça. O benefício advindo dessa pequena inversão na ordem de montagem das peças foi a maior produtividade:

Eu fazia tão rápido que quando eu tava cravando [uma piastra] na máquina eu já pegava a outra piastra já colocava o tubo, o anel e passava graxa e depois tirava a outra da máquina, jogava numa caixa para poder cravar a outra. Então, era rapidinho porque [...] eu fazia serviço pros dois que tava trabalhando comigo e mais dois que tava montando na linha.

Uma simples inversão que, vista superficialmente, pode parecer desprezível, é de fato significativa na vida dessa jovem, sobretudo no lucro da empresa que pode aumentar com sua eficiência. O malabarismo feito por ela justifica o fato de a empresa

⁵ - Piastra é a parte interna do retrovisor.

⁶ - “Snoldo” é uma peça de ferro que vai dentro do retrovisor.

ter-lhe conferido o título de líder de sua equipe, sendo considerada muito produtiva, uma funcionária exemplar, que deve ser vista como espelho pelos outros. Poder-se-ia dizer que se trata de uma troca entre trabalhador e empresa, ou, mais precisamente, entre o dispor de um emprego e a produtividade. Porém, deve-se destacar que essa é uma troca com pesos diferentes. Ao assumir o cargo de líder, a jovem Edilene teve de assumir juntamente maior responsabilidade na direção do trabalho dos outros funcionários, o que significou um aumento de trabalho, porém sem retorno em sua remuneração. No final do mês, ela recebe tanto quanto outra auxiliar de produção.

Às vezes, adequar o modo de fazer o trabalho gera desconforto para o trabalhador, como é o caso dessa jovem. Devido ao ritmo desenvolvido por ela mesma – talvez com o intuito original de quebrar a própria rotina e poder, assim, suportar melhor o trabalho – acabou por acumular tarefas perdendo, de certa forma, o controle sobre seu próprio trabalho. Em muitas outras situações, entretanto, o trabalhador consegue manipular sua atividade, de modo a extrair benefícios de seu jeito de trabalhar.

É carregando argamassa para cima de carrocerias de caminhões que o jovem Wando, ajudante de produção de uma indústria química de Jandira, passa quase todo o seu dia. São duzentas sacas de argamassa para completar um caminhão. Essas sacas, carregadas primeiramente pelas máquinas empilhadeiras, vêm sobre um *pálite*⁷, onde cabem setenta e duas embalagens. A empilhadeira traz o *pálite* próximo ao caminhão e, a partir daí, Wando carrega ou *bate* cada uma das sacas de argamassa para cima do caminhão sobre suas costas. O cansaço, a rotina e a dor lombar por executar cotidianamente esses movimentos levaram-no a desenvolver um recurso que o faz despender menos força. Ele tenta um acordo com o motorista e, se esse aceitar, leva os *pálites* prontos diretamente da empilhadeira para cima do caminhão. São dois *pálites*

⁷ - Pálite é uma tábua sobre a qual é colocada a argamassa embalada.

completos, com setenta e duas sacas, mais um com cinquenta e seis, inteirando duzentas. Para isso, tem de contar com o acordo e ajuda do motorista, que deve abrir as grades do caminhão. E ele conclui: “*A gente trabalha assim: o que pode simplificar a gente simplifica*”.

Tornar o trabalho mais simples, menos agressivo, menos monótono, menos bruto. Realmente, não só sua vida é simplificada ao preservar mais a sua saúde, mas também os motoristas do caminhão e da empilhadeira auferem benefícios desse acordo tácito, por terminarem o trabalho mais cedo e poderem, eventualmente, ter um momento a mais de folga. Dessa forma, estabelecem uma espécie de ética entre eles, trabalhadores, cujo exercício traz bem-estar para todos.

Inquirido sobre o porquê de a empresa não aceitar a operação de levar diretamente da empilhadeira para o caminhão (que, aliás, diga-se de passagem, levaria à inutilidade da própria função de carregador), o jovem relatou haver motoristas que não aceitam porque essa técnica deixa as embalagens mais vulneráveis aos rasgos no transporte, em momentos de freadas bruscas, que as levam a tombarem.

Os espelhos de retrovisores empilhados pela jovem Kely, auxiliar de montagem na mesma metalúrgica da Edilene, também são feitos de uma maneira que ela desenvolveu, para facilitar e agilizar o seu trabalho. Ao invés de montar cada unidade e colocá-la logo na caixa, ela monta dez espelhos e só então os empilha dentro da embalagem, para serem levados a outro setor da fábrica, onde serão encaixados nos retrovisores.

Controlando a ordem em que fabrica as peças, o operador de máquina especializada CNC, Jorge, de uma metalúrgica de Barueri, objetiva despender menos força, energia e tempo. Ao receber o roteiro contendo as peças que deve produzir em uma jornada de trabalho, antes de fabricá-las separadamente, ele deve montar a máquina com placas muito pesadas, adequadas a cada tipo de peça. Caso não haja

prioridade na produção de determinadas peças, para não ter de montar novamente a máquina, com a mesma placa utilizada anteriormente para produzir uma peça similar, ele monta primeiro todas as peças que precisam daquela placa específica e faz assim sucessivamente com as outras peças. Ele gasta duas horas na montagem de placas para algumas peças; assim, alterando a ordem da feitura das tarefas, consegue poupar o seu tempo e esforço.

Já na Freguesia do Ó, a jovem Fabíola, que trabalha como auxiliar de expedição de ternos e *blazers* em uma fábrica de vestuário, diz que, para a empresa, é indiferente o modo como é realizado o trabalho, importando apenas a produtividade.

[Se] tá indo certo, é independente o jeito que você vai fazer. Se for mais rápido, é melhor ainda porque a empresa lucra mais e tá todo mundo satisfeito.

Inversamente, numa indústria química de Jandira, Wellington conta indignado sobre a ordem irracional com que tem de realizar seu trabalho. Produzindo a coloração de plástico, deve realizar uma limpeza na máquina, no intervalo da produção de cada cor diferente. Porém, como deve passar o corante na máquina, na ordem que lhe é enviada, invariavelmente, ocorre de passar, por exemplo, a cor verde, limpar a máquina para passar a branca e, posteriormente, ter de novamente passar a cor verde. Se fosse utilizado um procedimento mais racional, só nesse processo poderia poupar uma limpeza de máquina, produzindo primeiro todas as cores verdes, depois todas as brancas e, assim, sucessivamente. Esse ato irracional agride tanto a percepção do trabalhador, que ele acaba por se sentir aturdido com a própria realidade:

Tem hora que eu fico até... meio [...] aéreo, eu falo: “Caramba! Não é que o cara tem que passar logo as verde de uma vez, depois deitar numa branca?”

Pelo fato de trabalhar há apenas 6 meses nessa fábrica, o jovem ainda não se sente suficientemente encorajado a desenvolver estratégias para aliviar a rotina do seu trabalho.

Não é o que ocorre com o jovem Elton, de 18 anos, metalúrgico em São Paulo, exercendo a função de inspetor de qualidade tridimensional há um ano, estando há quatro anos na mesma empresa. Por trabalhar no setor de medição e de controle, tem de estar constantemente conferindo as peças. Com o transcorrer do tempo, percebeu que, raramente, ocorria algum erro nas peças e, por isso reduziu a frequência com que realizava a inspeção. Essa atitude não visa burlar o bom funcionamento do trabalho; pelo contrário, busca efetivar as exigências que lhe são feitas. Ao ter de cumprir nove horas e cinco minutos de produtividade diária, ele tenta simplificar uma parte do trabalho, em que considera desnecessária uma vigilância intensa, e empenhar-se em outras tarefas consideradas indispensáveis, que viabilizam a produção.

Colega de trabalho de Elton e exercendo igual função, o jovem Rogério, de 21 anos, desenvolveu estratégias que objetivam racionalizar suas atividades ao seu modo. No processo de protocolo, tem de digitar cada um dos valores que somam trezentos pontos. Para agilizar o processo, ele já imprime com os pontos considerados normais ou padrão, e altera apenas alguns, na hora da verificação. Assim, poupa a digitação de duzentos pontos em cada planilha. Proceda dessa maneira por considerá-la melhor, por ser mais rápida, independentemente da reprovação verbal do seu chefe. Contudo, como o resultado é eficiente, ele não é impedido de agir dessa forma.

Para garantir o controle de qualidade, o posicionamento da peça sobre a máquina que realiza a inspeção de medida obedece a dois métodos, o matemático e o físico, sendo que se usa mais tempo para este, que busca fazer coincidir o lugar exato entre peça e máquina. A jovem Karina, de 19 anos, inspetora de medida em uma montadora no ABC, utiliza o primeiro método, o matemático. Para reduzir seu tempo

fazendo o posicionamento, ela joga com a probabilidade do encaixe entre peça e máquina, dada a experiência de que dispõe executando essa tarefa. Desse modo, não esbanja tempo arrumando a peça na máquina e alega que o resultado de ambos os métodos é o mesmo e que não existe uma ordem explícita sobre qual deles deve ser usado.

Se há regras preestabelecidas sobre o modo de desenvolver a atividade e esse padrão organizacional acaba, na prática, por se converter em desvantagens para o trabalhador, ele busca meios de amenizar os malefícios. Quando tais regras não são manifestas, eles buscam meios para elaborar alternativas que abreviem o seu esforço no trabalho, não necessariamente objetivando burlar as regras.

Os recursos aqui relatados, buscados por cada um dos jovens trabalhadores, são maneiras de gerar defesas para si próprios. Conforme Dejours, é *“individualmente que cada operário deve se defender dos efeitos penosos da organização do trabalho”* (1992: 41).

Na prática, alguns jovens ousam ludibriar certas regras incômodas da fábrica; outros apenas ficam na espreita, assistindo-as indignados, e outros, ainda, sequer as percebem. As discrepâncias entre as percepções variam de acordo com o tempo de trabalho, com o domínio sobre a atividade desempenhada e também, em certa medida, com a personalidade dinâmica ou mais “estacionária” de cada um. Aqueles que trabalham há mais tempo na mesma função e apresentam atitudes pessoais mais dinâmicas, relataram de imediato as manipulações que fazem em suas tarefas, alterando-as conforme suas próprias feições.

Na apreciação do jovem Rone, que opera furadeira, em uma metalúrgica de Barueri, ao contrário do supervisor, o operário tem melhor visão do processo de produção exatamente por estar produzindo e, por isso, *“acaba arrumando maneiras mais fácil, mais rápido. Então, quase tudo você acaba criando mesmo”*.

De modo geral, com o passar do tempo, o trabalhador desenvolve uma maneira própria de executar a sua função, em cada gesto, em cada movimento. Esse jeito de cumprir as tarefas, essa característica subjetiva da função, maleável em cada trabalhador, porém pessoal e intransferível, é o que personaliza o seu trabalho.

4.4 Estratégias para burlar as doenças do trabalho

A rotina do trabalho no chão de fábrica acaba por acarretar doenças para o corpo do trabalhador, doenças de que alguns deles desconhecem a origem e, menos ainda, a prevenção. As D.O.R.T. (Doenças ou Distúrbios Ósteo-musculares Relacionadas ao Trabalho), por exemplo, são afecções muito comumente adquiridas nas atividades de produção de uma fábrica, sobremaneira naquelas funções em que peças pequenas são manipuladas, realizadas principal e preferencialmente por mulheres, por sua maior facilidade e delicadeza no manuseio.

As preocupações acerca da saúde do trabalhador, notadamente as estratégias utilizadas para evitar problemas de saúde, são definidas por Sato (1998) como *replanejamento negociado do trabalho*⁸. Conforme a autora, são diversas as instâncias que objetivam promover a saúde dos trabalhadores, desde sindicatos, CIPAs (Comissão Interna de Prevenção a Acidentes), até os próprios trabalhadores comuns.

⁸ - O prefixo “re”, de replanejamento negociado, tem justamente o sentido de um movimento que volta às condições originárias do planejamento, questionando-o, sugerindo e praticando novas formas de trabalhar e adaptáveis às realidades cotidianas pessoais e culturais dos trabalhadores. Sato (1998) certifica que no replanejamento negociado não prevalece somente uma racionalidade, não havendo a melhor maneira de realizar um trabalho, uma vez que as maneiras de fazer dependem do contexto social. Streeck (1996), também discordando da crença econômico-funcionalista da melhor prática no trabalho, argumenta que as próprias condições institucionais locais a inviabilizariam na medida em que “os atores locais fossem desenvolvendo alternativas locais realmente funcionais e mais compatíveis com suas maneiras tradicionais de fazerem as coisas [...] resultando em um hibridismo sócio-institucional mais ou menos diferente do modelo que se tentou emular” (p. 168, tradução nossa).

Aqui será tratada, especificamente, essa última instância, utilizando as experiências dos jovens entrevistados como registro do referido replanejamento.

Na periferia de Jandira, a jovem Amanda, que desenvolve a ocupação de ajudante de produção, em metalúrgica que produz e monta retrovisores, estava de pulso enfaixado no dia da entrevista. Ao ser questionada sobre o motivo, apenas disse que resolveu enfaixar por estar doendo. Ela desconhecia a existência das D.O.R.T. e também afirmou que na fábrica não há rodízio de função e nem outro tipo de exercício, para minorar problemas de dores advindas dos movimentos repetitivos do trabalho.

Se, por um lado, há jovens que desconhecem os males de esforço repetitivo, adquiridos no trabalho, há aqueles que têm bastante clareza a respeito. O jovem Elvio, operador de máquina no setor de câmbio de uma montadora da região do ABC, diariamente, ergue cerca de 600 peças, cada uma pesando 2,2 kg, pelo menos quatro vezes. Ele levanta manualmente 2,2 kg de peças, no mínimo 2.400 vezes, quando não apresentam defeitos (“quando não tem bate”); caso contrário, tem de levantá-las mais vezes. Todo esse esforço é feito repetitivamente, apoiando o peso principalmente em um único braço e caminhando sempre de um mesmo lado para seguir a posição da máquina.

É só esse braço que vai ficar forte [...] Ando quem um caranguejo, ando de lado [...] aí é ruim, eu ando como daqui [Mauá] em Osasco de lado⁹, o dia inteiro.

“*Ando quem um caranguejo*”. Essa frase metafórica é muito expressiva para mostrar a sensação que um trabalho repetitivo causa no ser humano; sente-se como um bicho ou ainda pior, já que faz parte da natureza do caranguejo caminhar de lado.

⁹ - A distância entre Mauá e Osasco é cerca de 40 km.

Elvio reclama sua condição humana, vendo-se e sentindo-se como um animal, o que o coloca numa situação desconfortável, tanto física quanto psicologicamente.

Entretanto, esse jovem não se resigna à situação desconfortável em que trabalha; pelo menos na intenção, esforça-se ao máximo para mudá-la, buscando caminhos alternativos para aliviar seu sofrimento.

[...] são três realejos¹⁰ [...] eu pego aqui, aí vou de lado, aí vou na outra e vou na outra [...] Aí, é ruim [...] Eu tava pensando [...] eu quero *bolar um jeitinho* lá de fazer os três de uma vez (Elvio).

O jovem tenta viabilizar um meio de racionalizar o tempo, o movimento e o esforço que despende no seu trabalho, inventando um modo de adaptá-lo às suas condições pessoais, ao seu modo de fazer, criando uma engenhoca. Há grande interação do trabalhador com o seu trabalho, não se conforma ao exercício de um trabalho rotineiro; pelo contrário, atua no processo e tenta colocar-se como sujeito, como ser pensante e capaz não só da crítica, mas da predisposição e da capacidade de mudar parcela do sistema, alterando sua vida fabril.

Para ser concretizada, a sugestão da engenhoca depende de outras variáveis, como a elaboração de um projeto escrito do invento sugerido, a busca pelo seu financiamento, pois a empresa não lhe concede nenhuma ajuda econômica para isso, e, por fim, a aprovação e posterior concretização do invento. Embora a saída encontrada por ele coloque-se apenas como um germe de possível mudança, já sinaliza a intenção de participar e resolver os problemas vividos no seu trabalho.

O jovem Emílio, torneiro revólver de uma pequena metalúrgica de São Paulo, destaca que, em sua máquina, utiliza muito um botão que liga o óleo, que deve ser acionado diversas vezes ao dia e se localiza numa posição baixa demais, exigindo a

¹⁰ - *Realejo* é a máquina que Elvio utiliza para *casear*, montar, as marchas do câmbio dos carros.

curvatura de sua coluna vertebral para alcançá-lo. Também necessita acionar o botão geral, localizado bem acima do outro, porém apenas poucas vezes ao dia, quando liga e desliga a máquina, e antes e depois das refeições. Visando tornar o trabalho menos cansativo, ele sugeriu ao chefe inverter a ordem dos dois botões, de modo que o botão de óleo, usado com mais frequência, ficaria numa posição mais próxima dos seus braços, não tendo de se curvar durante todo o dia e evitando dores dorsais.

Na mesma montadora de Elvio, mas no setor de carrocerias de caminhonete, o jovem Alex, estudante de Engenharia e apaixonado pela leitura, também vivencia problemas similares.

[Devido ao] trabalho braçal [...] comecei a ter problemas físicos [...] Eu, com 17 anos, tinha problemas no pulso, com dores nas costas. Então, são agravantes do método, do sistema produtivo.

O trabalhador não se acomoda simplesmente ao modo técnico de trabalhar; busca meios para aliviar a dor do corpo que os movimentos repetitivos lhe impõem. Para impermeabilizar a parte inferior do carro, inicialmente, o jovem Alex curvava a coluna, o que lhe trazia dores nas costas; posteriormente, optou por dobrar os joelhos, o que lhe acarretou problemas no joelho e tornozelo. A nova solução foi misturar esses dois movimentos, revezando-os para minimizar as dores. Porém, ele mesmo adverte: *“Eu acredito que é, praticamente, inevitável você [...] ter problema ergonômico no processo de produção”*.

Em seu caso, há um fator agravante: sua baixa estatura acaba por lhe trazer ainda mais problemas de saúde no atual ambiente de trabalho, uma vez que trabalha impermeabilizando carrocerias de caminhonete, altas demais para ele. Nesse desencontro de altura entre sujeito e objeto do trabalho, busca uma maneira alternativa de resolver o problema, sem prejudicar a qualidade do seu trabalho e, sobretudo, a sua saúde.

Durante o processo eu tinha que aplicar uma massa no *bigode* frontal [do carro] [...] de modo que ela vede todos os buracos. O que acontecia é que como eu sou baixo, eu tinha que estender a mão alto e [...] não via o que [...] estava fazendo. Daí [...] eu peguei [...] cortei a ponta do pincel e [...] passo o pincel e dou dois passos pra trás pra ver como é que ficou a aplicação de massa. No começo saía errado, mas *depois que você pega o jeito sai até inconscientemente*, é vuup, vuup, pincelou, e olhou, sossegado.

A solução encontrada para conciliar a distância entre a sua altura e a do carro é quase uma dança: são dois passos para trás e um golpe de vista, passos pra frente e uma pincelada na caminhonete, novamente passos pra trás e assim transcorre o seu dia, pleno de arte aos olhos de um estrangeiro. É a *arte de fazer*, criando um fazer que viole menos o corpo, na medida em que evita a intensa frequência do dobrar e esticar dos seus membros inferiores para poder ver a parte superior e inferior do seu objeto de trabalho.

O teor desses relatos é bastante elucidativo da tentativa do indivíduo de fugir daquilo que lhe causa mal, daquilo que explora o seu corpo. Recordo-me um documentário educativo¹¹ sobre o aborto, que assisti: a criança que aparentava repousar serenamente no ventre de sua mãe, o seu reino, protegida de toda perversidade externa do mundo, de repente começou a se contorcer por inteira, e num desespero apavorante e doloroso, se encolhia como que querendo achar outro abrigo e fugir dos instrumentos cortantes que implacavelmente a perseguiram para aniquilar-lhe a vida.

De maneira análoga à da criança no útero, os indivíduos, cada qual do seu jeito, não são passivos; reagem a tudo aquilo que tenta subjugar-los e usurpar o seu bem-estar. Essa é a arte de viver: empenhar-se em trazer para a vida, a cada instante, a alegria de viver. Os indivíduos recusam a dor, o sofrimento, a tristeza, a insatisfação, a alienação; são seres criadores e defensores de sua existência e de sua causa.

¹¹ - Vídeo: *The Silent Scream* (O grito silencioso). Califórnia, s/d, apresentado pelo médico obstetra e ginecologista Bernard N. Nathanson.

4.5 *Uso do ócio no trabalho*

A produção, chão de fábrica, embora seja caracterizada sobremaneira pela cadência, pode apresentar brechas que o trabalhador aproveita, de modo a recuperar sua condição humana, seu bem-estar e sua saúde.

Um dos jovens entrevistados, que trabalha em uma montadora do ABC como preparador de carroceria, usa das falhas existentes na linha de produção para ler livros.

O processo de produção não é contínuo, tem as suas falhas, tem os seus problemas, então durante essas pausas aí a gente conseguia um tempinho para adquirir informações [...] Muitas vezes eu tive que pegar livros e entre um carro e outro ler [...] *Eu nunca li tanto livro na minha vida como eu li depois que eu entrei na produção* (Alex).

O jovem aproveita e usa a falha do próprio sistema produtivo, transformando os malefícios em benefícios para o seu corpo e sua mente, recuperando o humano que teima em não se esvaír em meio às atividades repetitivas que embrutecem sua criatividade. A alegação dele para ter recorrido à leitura durante as falhas da produção foi, exatamente, a busca de um recurso terapêutico para se afastar da desumanização que o modo de trabalho repetitivo provoca nas atitudes e pensamentos do trabalhador.

[...] quando a gente tava com cansaço, com falta de disposição [...] eu acabava fazendo isso como uma forma de... me refugiar, *não deixar que aquele método de produção fizesse com [que] a minha mente também ganhasse uma linha de... pensamento* [...] uma questão de não [...] mecanizar como muitos que estão ali há 23 anos e pensam do mesmo jeito, fazendo a mesma coisa o dia inteiro [...] *O método repetitivo de produção acabou tornando repetitivo até linhas de pensamentos dessas pessoas: as mesmas atitudes, as mesmas brincadeiras* (idem).

Aqui se vislumbra a recusa demonstrada pelo trabalhador, no sentido de não permitir que a cadência do trabalho dite regras para sua vida fora do trabalho. Assim, ele reage em defesa dos valores que preza e tenta, insistentemente, mantê-los às expensas das atitudes que a própria fábrica lhe impõe.

A crítica que o jovem faz à influência do modo técnico de trabalhar sobre as atitudes dos trabalhadores que, há mais de duas décadas, estão nesse emprego, endereça-se também ao seu próprio pai, de 46 anos, que trabalhou nessa mesma fábrica durante um quarto de século e se aposentou como operador de máquina. Seu pai atua para ele como uma bússola ao avesso, um exemplo que ele não quer seguir. Embora trabalhe nessa montadora já há 5 anos, o jovem planeja permanecer apenas mais 4 anos, tempo necessário para a conclusão do seu curso superior de Engenharia, feito em faculdade particular.

Alex foi um dos jovens entrevistados que mais demonstrou postura crítica com relação ao modo repetitivo e desprovido de raciocínio e criatividade que as atividades de chão de fábrica provocam. Ele sentia falta de participar das decisões a respeito da sua função e, diante dessa privação, refugiava-se no mundo das letras: “[...] eu acabava fazendo isso [leitura] como uma forma de... me refugiar[...] ou simplesmente se desligar do que tava acontecendo”.

A leitura realizada em meio aos seus tormentos, experienciados no coração da fábrica, era vivida como sessão de relaxamento, uma estratégia sábia de sobrevivência e autoproteção, na qual o corpo, ao viver no limite do resistível, recebe uma reposta defensiva da mente que impede que a loucura se abata sobre o trabalhador. É a capacidade de resistência do trabalhador. Essa negociação que o trabalhador faz consigo mesmo acaba por garantir-lhe condições psicofísicas para continuar no trabalho e ser um indivíduo sociável e aparentemente grato pelo lugar que ocupa na sociedade, embora sem se eximir de fazer autocríticas sobre o papel que desempenha.

O jovem enfatiza seu não conformismo à desumanização que vive em seu trabalho, especificamente em sua função. Ele apenas a aceita para não trazer problemas para si e para os seus planos futuros, e é por isso que está fazendo um curso superior para poder mudar de vida.

4.6 Situações em que parar de trabalhar é permitido

A introdução do tema “parar de trabalhar” causou certo embaraço entre os jovens como se se tratasse de um assunto descabido para eles.

A reação da jovem Karina foi a de que ela quer trabalhar, não pretende deixar de fazê-lo e que não entende planos de pessoas que pretendem parar de trabalhar. Seguindo essa mesma disposição, Jorge enunciou: *“trabalhar pra mim vai ser sempre, sempre trabalhar, não tem parar, não existe, eu não vejo parar”*.

Todos os jovens apresentaram uma reação de grande assombro diante da indagação sobre a vontade de parar de trabalhar. Geralmente, suas falas principiavam com a repetição da própria pergunta, como se o espanto fosse tamanho que careciam ouvi-la de novo para se certificarem de que a haviam compreendido de modo correto. Logo em seguida, vinha uma frase, sempre acompanhada de uma negação. O espanto demonstrado indica a grande relevância que os jovens atribuem à esfera trabalho.

Parar de trabalhar? Com certeza não porque [...] o trabalho dignifica o homem [...] é prazeroso saber de manhã [...] que tenho responsabilidade no trabalho, que sou remunerado pra isso, saber que se eu permaneço na empresa é porque eu tenho capacidade pra isso. Massageia o ego da pessoa (Emílio).

A frase “*o trabalho dignifica o homem*” não representa mera soma de palavras encareiradas. É o exemplo clássico da presença da ideologia do trabalho¹² que, por intermédio do costume, da família, da igreja, da escola, dos *mass media*, do Estado e das empresas, enaltece exacerbadamente o trabalho, tecendo os valores e orientando as atitudes dos indivíduos.

Para além desse sentido ideológico, trabalhar constitui algo que permite a esses jovens alcançarem o prazer, o reconhecimento de outrem e o estatuto de pessoa. Por meio dele, ocupam os dias vazios, concretizam desejos materiais e, sobretudo, dispondo dos valores morais que o trabalho lhes atribui, de indivíduos tornam-se pessoas. Isso tudo não pode ser interpretado como simples consequência da ideologia do trabalho; antes, é resultado do caldo cultural, da interação que os indivíduos criam vivendo em sociedade, construindo valores para seu cotidiano e edificando sentidos para si.

“*Eu gosto de trabalhar, independente do que eu tou fazendo*” (Amanda). O trabalho enquanto atividade preenche de sentido as vidas dos indivíduos, independentemente do tipo de ocupação que estejam realizando. Ocupar-se de algo e poder assumir um papel reconhecido no seu meio social estabelece a importância da presença do trabalho na vida das pessoas.

Eu acho que você parar de trabalhar vai ficar uma pessoa assim [...] cê pára no mundo [...] Viche! Eu não gostaria nunca de parar de trabalhar (Marcos).

Tem que trabalhar se não atrofia, mesmo se for um serviço mais leve, mais calmo, mas tem que continuar trabalhando (Elvio).

O sentido do trabalho emerge como intrinsecamente ligado à noção de movimento; ele articula músculos, agita membros, anima a mente, mostrando que o

¹² - Cf. Carmo, 1992.

corpo que trabalha tem vida; logo, encontrando-se atado à idéia de movimento o trabalho também está à de vida. Ficar sem trabalhar implica tornar-se uma pessoa estagnada no mundo, imóvel como um edifício de cimento, o que a levaria à condição vegetativa, portanto, à perda do próprio título de pertença ao reino animal, cujas condições diferenciadoras são as disposições de sensibilidade e movimento.

A lacuna no cotidiano produzida pela falta de lazer, de eventos culturais, acadêmicos, artísticos, dependência paterna e, sobremaneira, pela carência material, faz com que os jovens percebam o trabalho como esfera dotada da capacidade de preencher esse espaço oco em suas vidas.

O trabalho... ocupa [...] o seu tempo (Marcos).

O trabalho preenche a minha vida (Fabiola).

Sair de férias já é um tormento [...] Não tenho mais o que fazer [...] Trabalhar é bom, ocupa uma boa parte do dia-a-dia. Se você fica muito tempo sem fazer nada enche o saco (Elvio).

Há um vazio na vida que esses jovens não conseguem ocupar com outra atividade dotada de mais sentido do que o próprio trabalho.

O tempo do descanso, como as férias, é visto como motivo de suplício, dada a carência vivida nos outros âmbitos da vida, em especial nos campos educacional, cultural e de lazer, como já foi referido anteriormente.

O jovem Roberto, lamentando o período de férias no trabalho, mencionou que este tem coincidido com o período letivo da faculdade, de modo que não pode viajar e nem sair à noite, o que o obriga a passar dias inteiros dentro de casa. Sua grande angústia é que em sua casa já não há mais nada em que possa mexer, o que o leva a um quadro quase depressivo, fazendo-se indagações como: *“Para que que eu sirvo nesse mundo? O que eu tô fazendo aqui?”*

As crises existenciais, o sentimento de inutilidade e o tédio são preenchidos pelo ato de trabalhar, como se este fosse um remédio para os vários males que afligem as pessoas. Assim, sua ocupação restitui a esses jovens a sensação de serem úteis no mundo, despendendo suas energias físicas e intelectuais no ambiente de trabalho, já que não dispõem de outro lugar para fazê-lo. “*Eu não iria me sentir realizado, eu ia me sentir imprestável se eu tivesse o dia todo em casa sem ter o que fazer*” (Rone).

Há um elo muito vigoroso entre o estar trabalhando e o sentir-se útil¹³. O trabalho fornece ao indivíduo uma sensação de bem-estar, de importância, de orgulho, de brio, tirando-lhe o sentimento de ser mero número e anônimo no mundo. Nessa ótica, o trabalho é fundamental para a própria saúde mental dos indivíduos e para um certo equilíbrio nas relações sociais: confere às relações uma normalidade social que desaparece na sua ausência.

[Eu] não pararia [de trabalhar] porque *um homem sem trabalho ia ficar o dia todo: acorda [...] come, dorme; isso é [...] um parasita* (Wando).

Não trabalhar é identificado ao viver feito um parasita, um organismo incapaz de buscar os seus próprios nutrientes, suas próprias condições de subsistência, vivendo como hospedeiro de outro organismo. Manifesta-se aqui a idéia de o trabalho permitir às pessoas a capacidade de ser independente do outro, portanto auto-suficiente e ativo em relação aos seres parasitários. O jovem, ao criticar a vida restrita aos verbos despertar, alimentar-se e descansar, está trazendo à baila a necessidade de o ser

¹³ - Durante uma aula de Seminário de Projeto, no prédio de Ciências Sociais e Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no primeiro semestre de 2000, o professor Sedi Hirano contou história sobre uma operária de uma fábrica de bonecas, que versava exatamente sobre esse sentimento de utilidade do trabalhador. Dizia ele que essa operária, ao andar pela rua, retornando de seu trabalho, trazia um sorriso no rosto. Uma outra mulher, cuja vida econômica era confortável e nem por isso tinha alegria de viver, ao vê-la, perguntou-lhe qual era o motivo do seu júbilo, se ela era pobre e passava todo o seu dia trabalhando dentro de uma fábrica. Então, a operária respondeu-lhe: “*Eu sou feliz porque fabrico bonecas, e bonecas fazem as crianças sorrirem e sonharem; eu fabrico o sorriso e o sonho das crianças*”.

humano diferenciar-se dos outros seres. Isso remete à idéia de um ser racional que se distingue dos seres irracionais pela capacidade de produzir seus próprios meios de sustento, por intermédio do trabalho, de maneira previsível, usando a razão¹⁴.

O trabalho é apresentado como demarcador de fronteiras, dotado da particularidade de ser a condição *sine qua non* para o ser humano ostentar-se enquanto tal, diferenciando-se dos reinos vegetal e animal irracional.

Eu só pararia de trabalhar se Deus me [...] livre, acontecer algum acidente, não tivesse condições de trabalhar, ou então por idade (Wando).

O parar de trabalhar também vem associado ao corpo mutilado ou à condição de idoso. A interrupção do trabalho é concebida somente no caso de invalidez física, em que o corpo já não é mais capaz de impulsionar os movimentos necessários para executá-lo.

Se, devido à sua cadência frenética, o labor acarreta conseqüências maléficas aos músculos do trabalhador, o valor trabalho assume o papel inverso: aparece em oposição à doença, à patologia, às desavenças e em anexo à noção de saúde, portanto, à normalidade físico-mental e social. O trabalho revela-se um verdadeiro labirinto de ambigüidades e paradoxos, atestando aos indivíduos sua condição de normalidade ou patologia em relação aos outros.

Na acepção da jovem Kely, a interrupção das atividades de um trabalho formal só é permitida no período escolar. Ela admite para si própria a hipótese de parar de trabalhar se estiver estudando, no caso de dispor de condições financeiras suficientes para graduar-se num curso universitário. Contudo, terminado o curso, ela voltaria a

¹⁴ - A produção dos meios que permitam a produção da própria vida material é considerada, por Marx, como o primeiro ato histórico (1977: 39).

trabalhar, atuando na área em que havia se preparado na faculdade, pois considera o trabalho algo essencial para a pessoa, por evitar que ela fique sem fazer nada na vida.

Da mesma maneira, o jovem Elton aceitaria ficar sem trabalhar para dispor de mais tempo enquanto realiza o seu curso superior. Considera que seria uma boa oportunidade se destinasse o tempo que gasta atualmente no trabalho para dedicar-se mais aos estudos, aprender melhor, alcançando um melhor desempenho, e tornar-se um bom profissional.

A única circunstância em que os jovens aceitam voluntariamente parar de trabalhar é durante o período estudantil; ainda assim, não se trata de cessar o trabalho definitivamente, mas de interrompê-lo temporariamente, por um curto prazo.

Parar de trabalhar foi conjectura compreendida pelo jovem Wellington como uma situação de desemprego, o que remete ao fato de o trabalho ser percebido dentro de uma ótica dual na vida das pessoas: ou a pessoa trabalha ou está desempregada. Isso assinala a grande relevância que o trabalho tem na sua vida, definida por sua presença ou ausência, o trabalho sempre sendo a referência do viver.

Evelyn (1998) avalia que o trabalho continua sendo importante para os indivíduos, inclusive para os jovens, não somente como meio de ganhar a vida, mas também como valor moral que constitui a personalidade e as identidades, tanto pública quanto privada. A existência humana continua necessitando do trabalho para compor a sua própria forma, se não por sua presença, quando se dispõe de um emprego, pela sua ausência, quando se vive o desemprego.

Assistindo o exemplo do sofrimento do pai que, com quarenta e seis anos de idade, depois de ter trabalhado por mais de vinte anos em uma única fábrica, aposentou-se há quatro meses e vive o desespero da falta de atividade para ocupar seu tempo, o jovem Alex não tem planos de parar de trabalhar.

Eu vou tar de bengala e vou tar trabalhando ainda [...] Eu [...] pretendo... *não* falar que *vou trabalhar até morrer, mas bem próximo* [...] não parar de trabalhar, mas continuar fazendo alguma coisa em que procurasse uma satisfação [...] *Não necessariamente* você tá trabalhando [*como assalariado*], [*mas,*] continuar fazendo um trabalho, projetos técnicos [...] alguma coisa que te dê satisfação, *o trabalho vai vir como satisfação* (Alex).

O jovem circunscreveu o parar de trabalhar à possibilidade de cessar o trabalho-sofrimento, o trabalho-insatisfação e à sua substituição pelo trabalho-satisfação, como uma maneira de libertar-se não do trabalho em si, mas do trabalho que agride seu ser, sua subjetividade, seu gosto e seu gozo.

Sob essa perspectiva, a única hipótese aceita pelos jovens para interromper o trabalho, atualmente, nas condições em que se encontram, seria, eventualmente, se ganhassem na loteria esportiva ou algo similar. Nesse caso, montariam um negócio próprio, como uma oficina mecânica, um escritório, um consultório, uma consultoria, e viveriam de suas próprias rendas, podendo, finalmente, viver o trabalho-paixão.

Embora o salário seja um forte item para justificar o estar trabalhando, a hipótese de terem rendimentos sem trabalhar causava-lhes um certo mal-estar, criando motivo de consternação, na medida em que a desocupação aflige a mente e o corpo. Destarte, o sentido do trabalho não se restringe à remuneração; vai muito além, atingindo e constituindo o âmago dos valores e significados da vida do trabalhador.

4.7 A satisfação de trabalhar

Poder-se-ia iniciar a temática da relação subjetiva do jovem com o seu trabalho dizendo que metade dos pesquisados está satisfeita com o trabalho que exerce e a outra metade, insatisfeita. Dentre os motivos indicados, emergiria o fato de que os integrantes do primeiro grupo exercem hoje um trabalho melhor do que no pretérito e os do último já há tempos aguardam, sem muita esperança, por uma melhora de função. Todavia, dado o seu caráter genérico, essa afirmativa não traria muita contribuição.

É importante ir aos pormenores da questão, apresentando as justificativas que os jovens deram, quando indagados sobre o tema. Deve-se precisar o que cada jovem tem como norte ao assinalar o que sente por seu trabalho atual. Também é salutar para a análise sociológica buscar nas falas as aparentes contradições que são lançadas e que tomam corpo e sentido, ao serem confrontadas com parcela da história de vida de cada jovem.

Com um filho recém nascido para criar, o jovem Wando considera-se satisfeito na atual ocupação que exerce, ajudante de produção, realçando que muitas pessoas desempregadas, passando privações, desejariam receber metade do seu salário. Assim, tendo como parâmetro o cenário do desemprego e a família que tem de prover, o jovem qualifica sua função como satisfatória. Todavia, não sem realizar uma retificação acerca da parcialidade dessa satisfação, o jovem alude, adicionalmente, que pode melhorar em seu trabalho, ocupando função na qual use menos a força física e mais as atividades intelectivas.

Trilhando a mesma vereda, o jovem Wellington, referindo-se ao apreço que tem por seu trabalho, pontua que, nos dias de hoje, ficar desempregado é algo bastante árduo, e que por isso se esforça ao máximo para poder continuar no seu emprego. Sua

satisfação aparece maquiada pela apreensão quanto ao desemprego, pelo referencial de haver muita gente desocupada; logo, o estar empregado confere satisfação relativa – é preferível a estar sem emprego. Embora Wellington não seja exatamente provedor de família, esta depende do seu salário para arcar com os gastos assumidos durante o mês. Essa situação, de arrimo de família, torna o trabalhador mais agradecido pelo lugar ocupado no mercado de trabalho, o que, somado à precária trajetória ocupacional disponível para ele, impede esse jovem de fazer uma análise crítica do emprego atual.

Promovido, há três meses, da ocupação de ajudante de produção para auxiliar de laboratório e, provavelmente, por esse motivo, o jovem Wellington encontrava-se um tanto eufórico com relação à sua ocupação. Ele ressalta sua satisfação pelo emprego, alegando que se alguém “*entra numa firma e [...] não está satisfeito, [...] não gosta de trabalhar mesmo*”. Nessa afirmação fica explícito um certo compromisso com seu emprego que, ele considera, tem de haver por parte do trabalhador.

Adicionalmente, pode-se dizer que esse jovem não se identifica com uma ocupação monótona, já que sua empolgação pelo trabalho resulta da promoção alcançada. Assim, o estar mudando e a esperança de mudar, sempre para uma situação melhor, é que parece alimentar sua empolgação por estar trabalhando.

Esse vínculo entre a satisfação e o dinamismo na ocupação, mediado pela promoção, levando a configurar o apreço do jovem pelo seu trabalho, também foi demonstrado pelo depoimento da jovem Erica, ferramenteira, promovida há duas semanas para o último grau dentro de seu setor – faltam apenas mais três *steps* para ela atingir o teto de sua ocupação, dividida em dez graus e sete *steps*. Há algum tempo a jovem estava insatisfeita porque os outros trabalhadores, mais velhos e dotados de maior autoridade, a estavam barrando em suas atividades, destinando-lhe tarefas mais simples. Contudo, com sua recente promoção, a jovem afirma dispor de maior

liberdade, acesso a novos aprendizados e espaço para fazer sugestões acerca dos problemas encontrados no trabalho.

À feição de Wellington, Erica, devido à recente promoção, mostra-se mais exuberante e atraída pelo trabalho que desempenha no momento, notadamente, por conta do desafio, do estar fazendo algo novo, que pode mostrar e atestar o seu potencial de assimilação e, conseqüentemente, dar-lhe reconhecimento profissional.

Diversamente desses dois jovens está Davi, ajudante de produção em uma fábrica de móveis:

Eu até acho... [que] me sinto satisfeito [...] não é que eu goste, goste assim, mas é uma coisa que você tem que tar trabalhando, você tem que tar fazendo.

O modo como expressa o gostar de sua ocupação vem carregado de restrição (“*não é que*”), dúvida (“*até acho*”) e obrigação (“*tem que*”). Fica patente, mais uma vez, que satisfação não deriva exatamente do que faz, mas do estar fazendo algo ou, simplesmente, de não estar desempregado. A satisfação vem a reboque da possibilidade de uma fonte de renda, do sentimento de ser útil, ainda que numa função não almejada.

A jovem Kely, solteira, cuja família não depende só do seu salário para sobreviver, trabalhando há apenas quatro meses na atual função, auxiliar de montagem, economiza parcela dos seus rendimentos para investir em sua formação futura. Ela mostra que não aprecia a ocupação que executa, afirmando almejar trabalhar com pessoas, com o público, não com máquinas. Entretanto, sustenta que continuará na ocupação atual para poder custear cursos que lhe permitirão buscar, posteriormente, uma tarefa mais agradável e mais adequada aos seus propósitos.

A estima que esses jovens manifestam pelo trabalho exercido vem acompanhada de dissabor. Trata-se de uma relação ambígua, haja vista os referenciais

divergentes tomados como fatores de cotejamento entre si. Um mesmo jovem pode ter posicionamentos distintos e aparentemente contraditórios, porém perfeitamente justificados, relacionados aos seus argumentos e significados em relação às suas experiências de vida na labuta.

Tendo como parâmetro sua própria experiência passada no setor de produção da fábrica, a jovem Karina, inspetora de medida, afirma o gosto por sua atual ocupação. Ela não gostava das atividades de montadora de produção, caracterizada pela repetição de movimentos durante todo o dia, que lhe causavam cansaço e monotonia, enquanto na função atual está freqüentemente aprendendo novidades, tanto no nível técnico quanto no tecnológico.

Avaliar o gosto por certo assunto implica sempre ter algo já experienciado ou conhecido de alguma forma, para poder estabelecer uma comparação e, finalmente, chegar a alguma conclusão. É assim que o tema da relação subjetiva do trabalhador com a sua função deve ser tratado dentro do contexto de cada experiência particular.

Eu gosto do que eu faço [...] porque o que eu fazia lá na outra firma era bem [...] pior, então, comparando [...] esse aqui é bem mais fácil, mais leve (Elvio).

A apreciação subjetiva da ocupação praticada só é precisa quando comparada com outras já exercidas. A trajetória ocupacional do jovem Elvio foi marcada, inicialmente, aos onze anos de idade, pelo trabalho infantil e precarizado, no qual fazia e entregava pão todas as madrugadas e manhãs; posteriormente, trabalhou em duas fábricas de onde foi demitido. A vivência da infância, mais os desacertos nas outras empresas, foi manifesta com grande ênfase, atestando o vigor de sua influência na vida e percepção presente do jovem.

Não obstante a atitude resignada que o jovem apresenta, ele se revela intrepidamente disposto à busca de novos horizontes, e da não acomodação ao já dado,

evidencia seu desprazer pela função de operador de máquina e o desejo de tornar-se um trabalhador na área da manutenção, em que o serviço é mais leve, intelectual e melhor remunerado.

Vislumbra-se nesse relato um par de antagonismos acerca da ocupação exercida pelo jovem. Esse que antes reclamara de sua condição atual de sofrimento, na função repetitiva, trabalhando como se fosse um *caranguejo*, agora, quando compara essa mesma ocupação com as já exercidas anteriormente, considera-a boa. Embora essa avaliação contenha contradição, trata-se de ambigüidade que se justifica, na medida em que é posta diante das experiências de vida do jovem, acabando por conferir sentido ao fato de ele gostar e ao mesmo tempo desgostar da ocupação exercida atualmente, pois tudo depende do que se está tendo como referência para fazer a avaliação.

Mecânico de manutenção e referencial para o jovem acima, seu vizinho, Roberto, que goza de um ambiente de trabalho no qual tem liberdade para ir e vir quando lhe apetece, efetua tarefa desafiante e que sempre traz novidade, com um certo zelo por sua ocupação, relata:

Eu faço [o meu trabalho] com adoração [...] Eu gosto, eu me sinto [...] muito bem [...] *Eu me sinto satisfeito* [...] *Muito satisfeito só quando eu chegar no topo* [...] *A função é aquilo que eu almejava por ser de momento* [...], no estágio de vida que eu tô agora, vinte anos ainda.

Sua satisfação com a ocupação que exerce é classificada, pelo próprio jovem, como contendo gradações que se alteram conforme as fases de vida que vai atravessando. Atualmente, coloca-se como privilegiado em relação a muitos jovens de sua idade, dada a remuneração considerável que aufer¹⁵ e ao usufruto de longa lista de

¹⁵ - Recebe um salário mensal entre R\$ 1.201 e 1.500, estando entre os três jovens que melhor ganham, sendo os outros dois jovens, uma inspetora de medida (Karina) e uma ferramenteira (Erica); todos do Plano Dois.

benefícios, diga-se de passagem, a mais extensa entre os entrevistados¹⁶. Esse quadro convida-o ao bem-estar e deleite pela ocupação de mecânico de manutenção mas, por mais confortável que seja, sua situação não o faz renunciar à mudança. Ainda que se considere satisfeito no presente, não se considerará do mesmo modo no futuro, se estagnar nessa função; por isso, estuda Administração, para não ficar inerte no lugar que ocupa atualmente, alcançando um grau mais alto de satisfação em sua vida profissional.

A gente não deveria ser tão satisfeito, porque... o mundo tá nas mãos dos insatisfeitos, tão sempre buscando as coisas, tão sempre insatisfeito, quer sempre o melhor [...] é até bom tá sempre questionando (Roberto).

Para mudar a vida é o título de uma das obras de Heller, na qual, citando uma frase de Hamlet – “no mundo, não existe nem o bem nem o mal; só o pensamento é que os cria” (1982: 163) – ela se refere à satisfação como algo relativo. A sociedade moderna é a da insatisfação, sustenta a autora, pois, diferentemente das sociedades tradicionais, em que todos se contentavam em reproduzir o que seus descendentes haviam feito, o indivíduo moderno prefigura seus próprios objetivos e, tão logo os alcance, imediatamente se torna insatisfeito.

Um conto de Anatole France, narrado por Heller, sobre a camisa do homem feliz, ilustra muito bem essa incompletude, esse *carecimento* de plenitude da satisfação entre os indivíduos modernos.

Um rei que adoeceu gravemente (ora tem dor de cabeça, depois não consegue dormir) e que ninguém consegue ajudar [foi] afetado por aquela doença que chamamos de neurose, ou seja, pela doença da sociedade moderna. Em certo ponto, chega um médico que lhe diz: há um remédio que serve para ti; se vestires a camisa de um homem feliz,

¹⁶ - Os benefícios de que o jovem Roberto dispõe são: transporte, convênio médico, refeição, cursos, auxílio escolar, previdência privada, empréstimo bancário e desconto na compra de carro.

ficarás curado. O rei despacha seus servidores para todo o país a fim de procurarem a camisa de um homem feliz. Os servidores procuram os cientistas, os artistas, os homens famosos, os ricos; e, quando lhes perguntam se são felizes, todos dizem que não, pois – se é verdade que em suas vidas alcançaram vários objetivos – há, porém, um monte de coisas que ainda não obtiveram. Os servidores voltaram para casa desesperados; em dado momento, vêem um pobre miserável que ara a terra cantando, chegaram até ele e lhe perguntam se é feliz. Ele responde que sim; não lhe falta nada, tudo é perfeito em sua vida. Então, dá-nos a tua camisa, dizem. Minha camisa? – responde o homem –, não tenho camisa (p. 163).

Heller sugere que, na sociedade moderna, a insatisfação dos indivíduos é tanto maior quanto mais se ergue seu nível de vida; por efeito, o mundo moderno não pode ser pensado como feliz. Essa lógica acarreta a propensão dos indivíduos de não se inclinarem nem inteiramente para a felicidade e nem completamente para a infelicidade. Trata-se de saber gerir a ambigüidade no seu dia-a-dia.

A insatisfação passa a ser um valor prezado modernamente porque predispõe os indivíduos às mudanças que são constantes, preparando-os para desafios que a administração econômica da sociedade impõe para o modo de vida. Para ser flexível, versátil e ágil há que ser insatisfeito para não acomodar, estar sempre inovando; essa parece ser a dinâmica da nova sociedade; daí despontar uma certa "positividade" da insatisfação, na medida em que ela se põe como lei de sobrevivência.

Tendo como referência a situação de outros trabalhadores, no interior da própria fábrica, o jovem Rogério apresenta-se como dotado de certas prerrogativas no seu ambiente de trabalho. Exerce a função de inspetor de medida tridimensional, em uma seção cuja ferramenta de trabalho é computadorizada, localizada entre outras seções cujos trabalhadores utilizam ferramentas como a esmerilhadora, a solda e a de reparo, por sua vez manuais e produtoras de poluição sonora e visual. Esse jovem, apontando

vantagens que tem, como a de não se sujar e não carregar peso, deixa entrever a satisfação usufruída nessa ocupação.

Foi com orgulho da capacidade de desenvolver-se cada vez mais que o jovem Jorge revelou sua relação com o trabalho atual. Aponta que o gostar da atividade que desempenha deve vir em anexo ao profissionalismo e, considerando-se um bom profissional, afirma-se satisfeito. Todavia, ressalta a tenuidade dessa satisfação, ao aludir que não se encontra inteiramente realizado porque planeja melhorar e alcançar uma profissão de maior qualificação, a de advogado civil ou trabalhista.

Wesley, de 19 anos, assegurou gostar de sua profissão, conquistada ainda na adolescência. Trabalhando como eletricitista, destaca com brio a responsabilidade de suas tarefas, no que diz respeito ao bem-estar e segurança das pessoas, já que um fio errado ou uma gambiarra podem acarretar uma explosão ou um incêndio. O jovem diferenciou duas situações em sua vida profissional: afirmou gostar de ser eletricitista, porém não se punha como um profissional exatamente satisfeito, por avaliar a necessidade de ir atrás de algo que superasse o seu fazer atual.

Eu gosto [mas,] não [estou] totalmente satisfeito porque eu não cheguei onde eu quero [...], não alcancei ainda o meu objetivo. Mas, eu sinto prazer de trabalhar nessa área (Rone).

Apesar de não ser o que eu quero pra sempre, nesse momento eu tou até satisfeita com o emprego; [mas] muito [satisfeita] não, porque realmente não é o que eu quero (Fabiola).

Essa idéia da busca incessante rumo a um trabalho melhor parece muito característica da juventude, na tentativa de controlar o porvir. As mutações que sofrem no corpo e nas relações familiares são vividas igualmente na trajetória ocupacional. As mudanças e o novo são experiências que lhe são próprias.

Trazendo em sua bagagem uma experiência um pouco diferenciada da dos outros jovens, não tanto em termos substanciais, mas cronologicamente falando, o jovem Alex, por estar há cinco anos trabalhando na mesma função de chão de fábrica, como preparador de carroceria, mostra-se desguarnecido da esperança de, no atual emprego, alcançar função melhor. Revoltado com sua ocupação, o jovem circunscreve o seu dissabor em relação a ela.

Eu... não gosto do que eu faço, eu não aprendi a gostar, eu não vou [...] [gostar], eu aprendi a lidar com o meu trabalho [...] pra mim o meu trabalho é meio um terror psicológico. Pra quem tem um pouco de consciência, “quem” eu que tô trabalhando na produção, isso acaba se tornando uma tortura, porque você faz uma coisa direto, direto, direto, chega uma hora que você não pensa mais para fazer. Então, você tem muito tempo para pensar e ver o que tá acontecendo à volta [...] você percebe muita coisa errada [e] isso vai te trazendo uma [...] revolta muito grande.

Nesse depoimento ímpar, o jovem é um testemunho vivo da idéia esboçada, algumas linhas acima, acerca do vínculo consubstancial entre satisfação no trabalho e possibilidades reais de promoção ocupacional. Vendo-se distante das oportunidades de alcançar melhor ocupação na fábrica em que trabalha, Alex acabou por desenvolver certa repulsa e uma atitude de insurreição contra sua ocupação.

Deslindadas as relações subjetivas que cada jovem estabelece com a sua ocupação, pode-se perceber uma similitude em todos os testemunhos, qual seja, o caráter transitório da ocupação exercida. Nesse sentido, cada jovem justifica a própria *satisfação provisória*, uma satisfação cuja durabilidade está intrinsecamente vinculada ao conceber a ocupação atual como transitória.

4.8 A efemeridade da ocupação exercida

A narração da vida dos jovens, que ora se apresenta, tenta mostrar, em sua singularidade, a experiência de cada um, por meio da riqueza de suas falas. Conquanto seja aclarada a particularidade de cada relato, aflorou um traço que equaliza todas as falas em uma só, tornando-as uníssonas: todos eles qualificam a ocupação exercida e, sobretudo, a condição de operário de chão de fábrica como sendo de natureza efêmera.

Reconhecendo a transitoriedade de sua ocupação, os jovens pautam-se em bases às vezes sólidas, outras imaginárias, seja preparando-se profissionalmente ou apenas sonhando, porém, sempre com o *desideratu* de mudar de vida, de tornar-se alguém dotado de valores profissionais que admire. Esse caráter transitório da ocupação teve como germe o não planejamento para a condição de operário pela maior parte deles.

Eu não tinha planejado [ser operário], as coisas foram acontecendo. Quando eu menos esperava... eu entrei no Senai com o intuito da independência financeira. Quando eu menos [...] me vi eu tava estudando Mecânica. Quando eu menos percebi eu tinha terminado o técnico de Mecânica [...] eu não tinha ainda a noção de que eu podia fazer outra coisa (Alex).

Majoritariamente, a entrada desses jovens para a produção da fábrica é casual. Pode-se indagar, então, por que permanecer na fábrica se esta não é benquista de início, e nem posteriormente? Permanecer no chão de fábrica é condição para sair do chão de fábrica, aceitar a condição de operário é um requisito para que filhos de operários possam preparar um terreno externo do ponto de vista profissional, de fato ou apenas em sonhos.

E eu percebi que [...] dali tá me dando as únicas condições que eu tenho para continuar... fazendo a minha faculdade e mantendo... o meu estudo e a minha independência financeira (idem).

Ainda que o jovem Alex viva a ocupação de preparador de carroceria como uma desventura, em especial pela doença que contraiu nessa função, como já foi assinalado antes, ele considera que os efeitos desse trabalho não são apenas danosos. Além de mutilar, seu trabalho também lhe oferece a chave para sair dessa condição de opressão. É do mesmo trabalho que lhe traz males psicofísicos que ele extrai as condições básicas para libertar-se da condição de operário e galgar novos horizontes, investindo a remuneração que recebe em um curso superior que traz a promessa da mudança de vida.

Apenas cerca de um quarto dos jovens alegou ter planejado a ocupação como operário e, mais especificamente, metalúrgico, sendo que, nesse conjunto, todos fizeram o Senai, embora nem todos aqueles que o cursaram tenham admitido ter se tornado operário de maneira planejada. Curiosamente, entre todos aqueles que não fizeram qualquer curso extracurricular ou profissionalizante, nenhum planejou tornar-se operário. Essa condição derivou da configuração de seus perfis de despreparo profissional, no mercado de trabalho.

Se o despreparo profissional pode ser utilizado como uma explicação, ainda que provisória, para as condições precárias de trabalho de alguns jovens, quando se comparam suas condições às daqueles que dispõem de preparo, em especial os jovens do Plano Um com os do Plano Dois, essa análise não pode ser extensiva para outras realidades juvenis.

A propósito da relatividade com que deve ser tratada a realidade social de cada agrupamento juvenil, Pais (2001), desmistificando a idéia corrente de que formação profissional impede a falta de trabalho, constatou que mesmo aqueles jovens que dispõem dessa formação vivem o desemprego. Assim, apesar de o governo português ter investido no fomento a tais cursos, não ocorreu diminuição do desemprego juvenil entre os que os cursaram. Contudo, em sua pesquisa, o autor também registrou alguns

casos em que o subemprego é realmente resultado da falta de formação profissional; entretanto, ele acentua que a formação profissional não garante o fim do trabalho precário, havendo registros estatísticos¹⁷ que demonstram isso.

Apesar de uns poucos jovens terem afirmado seu projeto de tornarem-se operários metalúrgicos, essa projeção tem uma vida breve se comparada a um planejamento vocacional tradicional que se esboça desde a infância, fincado nas atitudes da ainda criança.

O período em que esses poucos jovens projetaram, ou melhor rascunharam um futuro operário, que, aliás, concebem como passageiro, dura poucos meses, normalmente seis meses, período exato em que estão realizando a última fase do Senai estagiando em uma fábrica. Desse modo, esse dito projeto é elaborado na prática, o que retira dele a própria característica de projeto, enquanto intento para o futuro. O que esses jovens acabam por fazer é continuar o referido estágio, passando de aprendizes do Senai para meio-oficiais de uma fábrica, havendo somente uma mudança jurídica de nomeação de função. Portanto, eles já eram operários quando planejavam tornar-se; logo, não planejaram, simplesmente foram levados a essa condição.

Indagado sobre um possível planejamento na área metalúrgica, o jovem Elvio expressou que, *“depois que eu entrei no Senai, eu peguei... o gosto... pela coisa”*. Amiúde tem transparecido, como já assinalado noutras linhas, essa situação do estar trabalhando como um meio peculiar, utilizado pelo trabalhador, para levá-lo a traçar o seu gostar por uma função, delineamento esse feito em apenas seis meses de estágio de Senai.

¹⁷ - Enquanto, em 1987, continuavam sem emprego 8% dos desempregados que haviam realizado uma formação profissional, em 1994, esse número cresceu para 28%, em Portugal (Pais, 2001: 60).

Trilhando esse mesmo caminho, a jovem Erica alude que o acaso a levou até a fábrica em que trabalha.

Foi [...] meio sem querer, foi seguindo o destino. Fiz o teste, passei, agüentei o tempo que eu não gostei de lá, aprendi a gostar.

“*Aprendi a gostar*”. O verbo gostar conjugado com o aprender nos informa um sentido diferenciado para satisfação. Não se trata de um gostar fruto do prazer diretamente derivado do sonho, mas de um gostar engendrado pela experiência e pela força do hábito. Começar a trabalhar desde cedo, viver a realidade da labuta dia após dia, preenchendo o tempo, os movimentos e os pensamentos, faz o trabalhador aprender a gostar do que faz.

O jovem Elvio, ao expor o que pensa acerca da sua condição de operário, emite uma idéia em que paira certa profecia, tratando-se de um caminho que ele tem de trilhar: “*Eu nasci... eu sou mesmo de trabalhar na graxa*”. Essa perspectiva de predestinação põe sua condição de trabalho como algo que não deriva de fonte social, trazida das suas condições familiares, mas como um papel já pronto¹⁸ e preparado para ele por uma deidade, exterior à sua vontade e ao seu ambiente socioeconômico. Donde brota a percepção do trabalho como obrigação moral, por sua vez presente no hábito de trabalhar, como já foi esclarecido anteriormente.

Também avaliando o significado de ser operário, o jovem Davi, que não dispõe de nenhum curso profissionalizante, atesta achar normal ser operário. “*Às vezes você quer ser uma outra coisa totalmente diferente, mas, pela necessidade, você tem que ser o que tem que ser*”.

Embora essa frase pareça ter um significado circular e redundante, “*pela necessidade, você tem que ser o que tem que ser*”, efetivamente, indica a mesma idéia

¹⁸ - V. Goffman, 1975.

apresentada acima. Uma profecia, o destino imputado por um árbitro estrangeiro, uma vontade aparentemente divina, mas que tem um nome, mercado, que, junto com as políticas públicas do país, cria pessoas embaladas por ventos e tempestades impostos externamente.

Nunca pensei em ser metalúrgico. Aí, como o meu pai já era da área há 14 anos, aí [...] [ele] falou: “Por que você não faz a prova [...]?” [...] Acabei passando nas provas do Senai (Elton).

Via de regra, o jovem que entra na fábrica por intermédio do Senai foi informado ou recebeu incentivo de algum membro de sua família, seja pai ou irmão, que já trabalha ou trabalhou na mesma empresa. É a família delineando o início da trajetória profissional de seus rebentos ou irmãos.

Comparando a trajetória ocupacional desses jovens com a de seus pais, verifica-se grande similitude e uma reprodução das experiências paternas. É como se, em termos de cultura operária, o tempo fosse cíclico. Dentre os treze jovens metalúrgicos, oito têm pai também metalúrgico, sendo que seis trabalham na mesma empresa que o pai, exercendo a mesma função ou com uma diferença bastante sutil. São os filhos dando continuidade às ocupações paternas e provendo sustentabilidade para uma quase linhagem operária. Porém, os filhos apresentam uma diferença básica com relação aos pais; dispõem de um grau de escolaridade superior, logo, apostam em melhores perspectivas profissionais a seu favor.

Eu entrei nessa área meio de [...] gaiato [...] não era o que [eu] tava planejando [...] Eu tinha outros planos... Outros planos não, você tinha um sonho na cabeça... (Elton).

Nesse trecho de fala, o jovem ratifica um dos pontos centrais desta dissertação, ao aludir que não dispõe exatamente de um planejamento profissional, mas de um sonho. Um sonho que habita não necessariamente as atitudes diárias acerca do preparo

acadêmico, mas hospeda-se na mente do jovem, dispondo de uma certa característica frouxa dada sua propensão à mudança de predileção de área.

Assim, não obstante a própria trajetória ter iniciado com o trabalho operário, os jovens não pensam essa condição para toda a vida; em suas falas, vislumbra-se sempre uma tentativa de tomar as rédeas do traçado do seu porvir, uma vez que não foi possível fazer isso no seu vivido. O esforço dos jovens, por ver seu trajeto profissional adquirindo feição a mais próxima possível daquela desenhada por eles, chega a ponto de fazê-los estabelecer certa hierarquização entre os próprios operários, inclusive no presente, num intento de mensurar a distância até o chão de fábrica, tendo este como um ponto de referência inicial do qual buscam se afastar.

Eu sou um operário ainda [...] só que um pouco mais acima, no caso da manutenção o nível [é o] mais elevado da classe operária (Roberto).

A insistência desse jovem em diferir do restante dos trabalhadores do chão de fábrica assenta-se na tentativa de distar da imagem que, segundo ele, é concebida a respeito do peão de fábrica, como sendo alguém cujo valor é minorado e cuja característica orbita em torno da ignorância, da grosseria e da bagunça. O jovem reitera que essa imagem não deve ser generalizada entre os operários, embora ele mesmo faça alusão à sua existência. De qualquer modo, detecta-se nesse jovem a preocupação por ser visto como diferente, educado, dotado de habilidades que ultrapassem aquelas do esforço físico, portanto, que o coloque em um patamar destacado entre aqueles operários que apenas operam repetidamente a mesma atividade, dia após dia.

Essa diferenciação não constitui mera invenção do jovem simplesmente para recusar a condição de operário; ela encontra-se materializada nas próprias cores de suas roupas. Os trabalhadores que trabalham diretamente no chão de fábrica vestem macacão azul; já os da manutenção usam o de cor vermelha ou assemelhados; essas

cores passam a fazer parte do imaginário dos jovens trabalhadores, de modo a se conceberem como sendo realmente diferentes. É o imaginário materializado nas cores, ou as cores materializando o imaginário.

Opostamente, considerando-se a base da pirâmide, na hierarquia dos funcionários da fábrica, o jovem Alex, preparador de carroceria, indica que a relação dos operários com a chefia é estritamente profissional e que eles só são procurados quando há algum problema que os envolva no trabalho. No mais, é como se os operários fossem seres invisíveis. A propósito da roupa que usam, ele destaca: “*Se inventaram uma roupa invisível é o macacão azul*”. A situação que permite visibilidade àqueles cuja cor de macacão é azul são os problemas que surgem no interior da fábrica, o que decorre da necessidade de atribuir uma autoria aos problemas. Nesse sentido, a visibilidade do trabalhador ressurgue por via da negatividade, ao se materializar como a razão de fatos que geram desavenças no ambiente fabril.

Periculosidade ocupacional também foi tema trazido pelos jovens como alegação para o desejo de não mais atuar na área metalúrgica. Dois jovens operadores de máquinas, apontando os perigos da condição operária, destacaram os riscos para sua integridade física, no ambiente fabril.

Ser operário é [...] uma profissão arriscada, você pode se machucar [...] tar prejudicando a sua saúde (Rone).

É uma profissão arriscada [...] é muita máquina perigosa, o pessoal perde braço, perde 3, 4 dedos (Jorge).

As condições físicas, químicas e biológicas do ambiente fabril põem os trabalhadores em situações de altos riscos, devido às quais o nível de morbidade apresentado por eles é superior ao do restante da população. Dejours (1992) atenta

para o fato de que a longevidade dos trabalhadores industriais é de dez a quinze anos inferior àquela dos professores dos primeiros quatro anos do ensino fundamental¹⁹.

É com propriedade e conhecimento de causa que o jovem Jorge discorre sobre os perigos da profissão metalúrgica. Aos dezenove anos de idade, trabalhando em uma estamperia vizinha à sua casa, em que teve seu primeiro registro em carteira, passou por uma experiência que, até o momento da entrevista, lhe trazia marcas e provocava atitudes de pavor, ao falar a respeito.

Eu quis sair [da empresa de estamperia] devido um acidente que aconteceu comigo nessa empresa. Eu fiquei... muito arrasado... Eu sofri um acidente lá, tipo cortou o dedo...

A narração desse acidente foi um dos momentos mais comoventes de todo o trabalho de campo. Ao lembrar que seu dedo foi quase mutilado por uma máquina que controlava, o jovem teve sua fala interrompida por lágrimas que lhe embargavam a voz. Foi preciso interromper a nossa conversa por alguns instantes enquanto ele se recompunha e tentava controlar a grande comoção que o tomava.

A máquina tava em situação precária... então, quando eu... preparava as máquinas pro pessoal eu... tinha que colocar a mão debaixo [...]. O certo era eu [...] ter uma proteção de lado, mas não tinha. Como a máquina já era antiga [...], aí estourou uma mola atrás, essa máquina era uma dobradeira, e ela desceu e dobrou o meu dedo, esmagou.

Essa experiência lhe vinha com tal força que não se punha apenas como um exercício *mnemônico*; a florava como uma revolta viva, de modo que, atualmente, quatro anos depois, toda sua vida gira em torno desse fato. O curso de Direito que freqüenta foi escolhido com o intuito de, não somente sair da condição de operário,

¹⁹ - Cf. Dejours, 1992: 74, cuja referência está remetida ao INSEE. *Statistique de mortalité par catégorie socioprofessionnelle*, 1975.

mas, sobretudo, como uma forma de buscar minimizar as injustiças sociais no concernente às questões trabalhistas, tendo a sua experiência de vida como estímulo e norte.

A despeito de certa repetição da trajetória ocupacional paterna e da constatação da literatura de que filhos de operários se tornam operários, os jovens ora pesquisados continuam sonhando em mudar de vida, e têm na ocupação exercida uma espécie de trampolim que permitirá lançá-los rumo a outras situações dotadas de novos e melhores horizontes profissionais. “Eu sempre tou procurando mudar [...] Eu nunca vou querer parar no tempo” (Jorge).

Emerge aqui o espírito da modernidade, marcada pela flexibilidade, pela mudança, pelo desafio; isso os jovens parecem ter assimilado muito bem, talvez até melhor do que os mais velhos, afigurados na imagem que trazem dos pais que se aposentaram trabalhando toda a vida em uma única empresa. Mudar, para os jovens, faz parte do viver; não é um terror, mas uma maneira de viver que a modernidade imprime sobre seu cotidiano. O tempo não é mais cíclico, pautado na previsibilidade dos fenômenos astronômicos, mas linear e cronológico, referido ao “progresso” e às suas instabilidades.

[*Ser operário*] pra se começar é bom [...] É bom você sempre procurar o melhor pra você. Operário é operário, você só opera [...] É bom você tar se aperfeiçoando em outras áreas, fazendo outras coisas. Acho que [...] é um início (Jorge).

A transitoriedade da ocupação já fora registrado por Romanelli (1978), porém tratando especificamente dos bancários. O objetivo de muitos deles era o de permanecer na empresa até adquirir condições profissionais, por intermédio de um curso superior, para, finalmente, deixarem a ocupação exercida e atuarem na profissão almejada. Segundo o autor, a convicção da transitoriedade esteve presente inclusive

entre aqueles que não dispunham de um projeto preciso. A remuneração, a estabilidade e alguns benefícios fizeram esses trabalhadores permanecerem em seus lugares, uma vez que, conforme o autor, mesmo aqueles que dispunham de capacitação formal continuaram neles.

No caso dos trabalhadores que investigou, Romanelli demonstra que o caráter da ocupação que, verbalmente, se apresenta como provisório, na prática se torna definitivo, já que, com o passar do tempo, esses trabalhadores ascendem profissionalmente no interior da própria empresa, conquistando cargos melhores, e vão ficando. São justamente aqueles poucos que conseguem realizar o projeto de mudar de profissão, fora da empresa, que revigoram o mito da provisoriedade da ocupação, mantendo a crença no uso da ocupação atual como mero trampolim.

Seja lá como for, o desfecho a que Romanelli chegou, sobre o mito da transitoriedade da ocupação, não estará ao alcance da pesquisa que ora se desenvolve, visto que o recorte aqui abrange tão-somente jovens e não adultos que tiveram seus sonhos profissionais podados ou realizados.

Estar operário e não ser operário. Esse parece ser um ponto de apoio quase terapêutico, utilizado por muitos jovens, de só suportarem, aceitarem, se resignarem com a condição operária por vê-la como algo provisório, passageiro.

Os jovens operários de chão de fábrica sentem-se como passantes pela condição operária, percebem sua estada na produção como uma espécie de rito de passagem rumo a uma vida melhor. Analisando sua condição, o jovem Wesley aprecia que ser operário é um começo.

[...] tem que começar lá de baixo. Eu acho que *ser operário é estar numa fase de início de carreira*. Se você for pela vida inteira como operário, então você tá no início ainda; você tem que sempre tá progredindo.

Operário como infância da carreira. Novamente, a crença do jovem dirige-se para a concepção de uma situação laboral cujo caráter é transitivo. Esse começo poder-se-ia tornar contínuo e perpétuo, em especial para aqueles que precocemente concebem matrimônio e proles, levando-os a permanecerem, para toda a vida, infantis em sua carreira. Contudo, mesmo casados o sonho continua, ainda que com intenção de realização desapressada se comparada com a dos jovens solteiros.

Dispondo do estatuto de casado, ao analisar sua vida operária, o jovem Wando destacou com certo pesar: “*Acho que eu vou ser operário por muito tempo*”. Atente que por muito tempo não é uma perpetuidade, ele ainda sonha, sonha em, paulatina e sorrateiramente, com o domínio da arte da fleuma, sair do chão de fábrica; vê-se como um passante pela produção fabril e pela condição operária.

Capítulo 5 Trabalho e quimeras

*Eu sempre sonho que uma coisa gera,
Nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.*

(Adélia Prado In: Aquino, 1996: 39)

Inicialmente, o propósito da dissertação era debruçar sobre *a* quimera profissional vivida pelo jovem operário, comparando-a com a ocupação exercida. Inclusive o tema quimera profissional era posto no singular como se houvesse apenas um sonho profissional por parte desse jovem. Um dos primeiros impactos recebidos na situação de pesquisa de campo foi o fato de que havia um *mix* quanto às expectativas profissionais vindouras e nem sempre todos os jovens dispunham de sonhos bem delineados e audaciosos acerca do seu porvir profissional.

O termo *quimera* que, figurativamente, reporta a produto da imaginação, fantasia, utopia, sonho, trás em sua origem etimológica grega, *chímaira*, o significado de monstro fabuloso, com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão. Na Botânica é uma planta, ou parcela dela, formada de vários tecidos geneticamente diferentes. Já na Zoologia trata-se de um peixe de corpo e boca alongados, com nadadeiras bastante desenvolvidas, que habita as profundezas do oceano Atlântico, também conhecido como peixe-coelho, peixe-elefante¹.

Todos esses sentidos atribuídos à palavra quimera apontam para uma mesma direção: a presença do diferente, da mistura e da ousadia. O monstro grego advindo de uma amálgama de diferentes partes dos corpos de três animais, a planta composta por conjunto de células de diversas plantas e o peixe também com traços atípicos no seu corpo assemelhando-se a outros animais. Essa mescla na composição de espécies

¹ - Cf. Ferreira, 2000.

remete à clonagem transgênica, na qual a unicidade se perde dando lugar para o novo, inusitado, destemido, como a quimera do Atlântico que se entranha nas águas profundas.

É também desse mesmo misto que se caracterizam as quimeras profissionais dos jovens pesquisados, não sendo possível estabelecer um rumo único, uma análise unívoca; trata-se de sonhos tão mesclados quanto as quimeras apresentadas acima.

A partir desse cenário vislumbrado entre os sujeitos da pesquisa, classificaram-se as quimeras profissionais em basicamente quatro grupos, para uma explicitação das diferenças que portam.

O primeiro grupo, nomeado simplesmente de *quimera profissional*, no singular, é preenchido por jovens que sonham com uma única profissão que poderá ser alcançada ao concluírem o curso superior que escolheram.

O segundo grupo, intitulado *desejos profissionais*, refere-se a jovens que apresentaram profissões próximas de suas possibilidades de concretização ou que não precisavam alçar um vôo muito distante e nem dispor de muito preparo educacional para atingi-las. Era como se, no seu dia a dia, houvessem componentes que influíssem como travas para seus sonhos profissionais se projetarem adiante, essas travas sendo constituídas inevitavelmente pelas dificuldades econômicas. Talvez devido a esse impasse, esses desejos eram também constituídos de duplicidade.

O terceiro grupo, denominado *sonho profissional forjado*, é aquele de alguns jovens que, indubitavelmente, não tinham parado para pensar a respeito de uma profissão futura e que a maquinaram no momento da entrevista, simplesmente para não deixarem a pergunta cair no vácuo.

Finalmente, o quarto grupo é composto por jovens que trazem um sonho há alguns anos; na impossibilidade de realizá-lo, em função de carência econômica,

elaboraram um substitutivo com possibilidades práticas de realização, seja por intermédio do curso superior que fazem, que os tornarão profissionais aptos a atuarem na área sonhada, ou simplesmente porque juntam esforços amealhando cofres e fazendo planos para freqüentarem um curso superior. Esse último grupo está classificado como *duplicidade profissional quimérica*, tendo sempre um sonho possível e outro praticamente irrealizável.

5.1 Quimera profissional

O primeiro grupo, classificado de quimera profissional, apresenta as características esperadas na feitura do projeto para esta dissertação, ou seja, era esse perfil de sonho profissional que se esperava encontrar durante a pesquisa. A realidade, porém, revelou-se muito mais complexa, rica e multifacetada, dada a diversidade de bairros, empregos, formações, famílias e descendências, das pessoas com as quais se teve contato na pesquisa de campo.

Compõe-se de jovens cujo sonho profissional tem como traço comum a existência de uma profissão sobre a qual eles depositam expectativas de realização, viabilizando esforços econômicos concretos ou dispondo de planos convictos.

Eletricista há um ano e três meses, na mesma indústria química onde seu pai trabalha como líder regulador de máquina injetora, o jovem Wesley, tendo terminado o ensino médio há apenas três meses, tem como alvo o curso de Tecnologia ou Engenharia. Tal escolha é fundamentada pela conexão que mantém com a área de eletrônica, como forma de dar continuidade ao trabalho no campo em que atua, eletricidade.

Seria uma área que eu ia me identificar bem, eu ia gostar pra caramba, agora não por questão salarial, mas por realização profissional mesmo.

A profissão de eletricista é que lhe deu o norte para optar pela Engenharia, por considerar que já dispõe de prática e conhecimentos básicos advindos do curso feito no Senai e da experiência no atual trabalho.

Divergindo do perfil usual de inserção dos homens no mercado de trabalho, o jovem Rone iniciou tardiamente o seu primeiro emprego, com 18 anos de idade, sempre trabalhou em metalúrgicas e dispõe atualmente de onze cursos realizados no Senai. Primeiranista do curso de Mecatrônica, o jovem descreve as atuações nas quais um engenheiro – curso escolhido pela maioria dos jovens que fizeram Senai –, especializado em Mecatrônica, poderia se envolver em uma fábrica metalúrgica:

Um engenheiro mecatrônico [...] abrange muitas áreas [...] ele pode [...] tanto gerenciar uma Engenharia, como [...] atuar numa Engenharia de robôs de automação, de máquinas como CNC [...] centro de usinagem.

Enveredando não para a Engenharia, mas para a Administração, a jovem Karina, tendo pai, mãe e um irmão trabalhando na mesma montadora, dá prosseguimento à descendência de uma quase estirpe de família metalúrgica. Porém, mesmo advinda de uma cepa de metalúrgicos e sendo metalúrgica atualmente, reluta continuar no seu porvir sob essa condição; por isso empenha-se para sair definitivamente do chão de fábrica. Devem-se considerar os avanços já alcançados em sua trajetória profissional tendo seus pais como referência: enquanto pai e mãe dispõem, respectivamente, das ocupações de mecânico de manutenção e de ajudante de produção, a jovem já atua como inspetora de medida no setor de qualidade da fábrica.

Administração e Comércio Exterior é o curso que ela faz em faculdade particular, como todos os outros jovens que freqüentam um curso superior. Guiando-se pela possibilidade de tornar-se uma administradora, preferencialmente ligada a assuntos de importação e exportação, é que ela prossegue dias na fábrica e noites na

faculdade. Cedendo parcela dos seus finais de semana para estudar, na tentativa de compensar a falta de tempo de estudo durante a semana, a jovem projeta mais três anos de estudo para, finalmente, abrir horizontes e mudar os rumos de sua vida profissional, tornando-se uma profissional qualificada em nível superior.

Há cinco anos trabalhando na mesma montadora da jovem acima, porém ainda preso ao chão de fábrica, Alex, cuja função é preparador de carroceria, confronta no seu dia-a-dia as agruras entre os valores religiosos de solidariedade que preza e os de desumanidade enfrentado na fábrica. Como recurso de fuga do fado metalúrgico malquisto, que herdou do pai baiano, advindo da zona rural – cerca de quarenta quilômetros a partir de onde o Velho Chico faz fronteira entre os Estados de Alagoas e Sergipe para depois desembocar no oceano Atlântico –, o jovem arquiteta um futuro como engenheiro.

Embora freqüentando um curso tradicional, o engenheiro que o jovem Alex almeja tornar-se contempla uma característica diferenciada dos convencionais: uma espécie de engenheiro alternativo ou comunitário que preste serviços direto à sociedade. Ele critica o conceito tradicional de engenheiro individualista, que só pensa no produto e desconsidera as conseqüências inevitáveis de seu atuar sobre o bem-estar das pessoas. Ele se propõe conduzindo-se para uma Engenharia comprometida diretamente com a melhora de vida das pessoas, uma vez aludido que toda atitude de um engenheiro influi na vida de várias pessoas.

Você tem projeto, agora, interessantes ligado... à Engenharia voltada para a medicina, é... conceitos, maquinário, métodos que [ajudam] as pessoas.

Inclinada para essa mesma concepção do cuidar do outro é que a jovem metalúrgica Kely, moradora da periferia de Jandira, há dois anos sem estudar, vem fazendo economias com o objetivo de seguir o curso de Terapia Ocupacional ou de Fisioterapia. Sua preferência por um curso voltado para a área da saúde assenta-se na

beleza social que lhe atribui, em especial do ponto de vista da ajuda que pode fornecer às pessoas fragilizadas física e emocionalmente.

Trabalhar em hospital, eu acho um serviço [...] muito bonito. Gostaria de trabalhar [...] mexendo com pessoas: ou com crianças ou idosos ou até mesmo jovens; mas tendo relacionamento com pessoas, falando, conversando.

Das quatro meninas da periferia de Jandira, todas trabalham em fábricas, metalúrgica ou de vestuário de médio porte, mas gostariam de trabalhar na área da saúde por conceberem que, nessa área, é possível dedicar-se a uma atividade que preste auxílio às pessoas. Essa propensão aponta para um sentimento de grande solidariedade com a causa social, por parte dessas jovens, quando comparadas com as jovens do Plano Dois que, majoritariamente, se voltam para áreas tecnológica ou administrativa.

Nesse primeiro grupo, realçadamente, os jovens apresentam uma característica comum que consiste numa certa linearidade dos objetivos que pretendem alcançar, traçando uma profissão aspirada e rumando em sua direção, tentando evitar possíveis distorções nesse traçado reto. É o electricista que deseja fazer Mecatrônica ou Engenharia, o estudante de Mecatrônica que almeja ser engenheiro mecatrônico, a estudante de Administração e Comércio Exterior que planeja ser administradora, o estudante de Engenharia que aspira ser engenheiro automobilista e, finalmente, a jovem que, por muito admirar a área da saúde, vive com parcimônia para bancar um curso de Terapia Ocupacional ou de Fisioterapia.

Aqui não se vislumbra desencontro ou decepção, como no último grupo, que também se refere à quimera, em que há a profissão principal sonhada cedendo momentaneamente espaço para uma segunda profissão, como forma de retroalimentação da primeira.

5.2 Desejos profissionais

Compartilhando o fato de morarem na região mais periférica dentre os entrevistados, os jovens desse segundo grupo são os que dispõem de menos escolaridade e que têm papel decisivo na ajuda da renda familiar. Tanto os de Jandira quanto o da zona leste de São Paulo não apostam muito em um futuro no qual possam dispor de um curso superior, dadas suas condições de baixo poder aquisitivo.

Apenas o jovem da zona leste tem o ensino médio concluído, porém, atualmente, encontra-se sem estudar por não ter um salário que, além de auxiliar a família, possa bancar-lhe uma faculdade. Dos outros dois de Jandira, um interrompeu o ensino médio, no segundo ano, para poder sustentar a família, esposa e filho, e o outro está cursando o último ano do mesmo ensino e destina para sua família a maior parte de seus rendimentos.

O cenário traçado acima vem de certo modo aclarar a própria classificação desses jovens, nesse grupo em que não se configura uma quimera profissional pronunciada, dotada de audácia, de utopia. Pelo contrário, trata-se de desejos profissionais apoiados fortemente na realidade que vivem no presente², sem sobrevôos; por isso, eles não se atrevem a dar asas à imaginação, por estarem fortemente fincados às precárias condições financeiras e de emprego de que dispõem atualmente.

² - *Heteroestruturação* é a classificação de projetos na qual Pais destaca a presença de jovens que facilmente se conformam com seus cursos de vidas tidos como “normais”. Trata-se de jovens com restritas perspectivas de ascensão profissional e que se colocam mais propensos a manter um trabalho possível. São jovens cujos projetos profissionais são exequíveis: as “aspirações profissionais e anseios de vida seguem, de perto, as linhas das suas trajetórias sociais e familiares, onde o imprevisto e a aventura dão lugar à segurança” (1993: 207-208).

O depoimento do jovem Emílio, da zona leste, a propósito da sua profissão sonhada, já inicia de modo bastante funesto: “*Eu queria ser eletricista no começo já por falta de oportunidade*”. Rebento de baianos provenientes do sertão da Bahia, que dispõem de três a quatro anos escolares, com pai operário na mesma pequena metalúrgica em que trabalha, a fala do jovem adverte que querer ser eletricista deriva das escassas oportunidades sociais em que foi criado.

A origem operária leva os jovens a principiarem mais cedo sua vida ativa no mercado de trabalho, o que os instiga a fazer um curso profissionalizante, já que sua precoce entrada no mercado mostra-se inexorável.

Pais (2001), ancorando-se em dados obtidos do Observatório de Entradas na Vida Activa, cujo objeto de estudo foi justamente jovens que fizeram cursos profissionalizantes em Portugal, entre 1987 a 1994, destaca que esses cursos são feitos, fundamentalmente, por filhos de operários, por objetivarem entrar no mercado de trabalho mais cedo. A consequência de, notadamente, haver operários concluindo esses cursos, constata Pais, é a de que, atraídos pela formação rápida, esses jovens não fazem planos para cursar o ensino superior, o que, na prática, acaba por “*acentuar uma ‘seletividade social do sistema de ensino’*” (p. 57), ou seja, uma seletividade escolar cujo papel é a própria seleção social dos indivíduos no interior da sociedade.

Ainda na adolescência, aos treze anos de idade, o jovem Emílio decidiu por conta própria, sem o financiamento de uma empresa – diversamente do que é de praxe nas médias e grandes metalúrgicas e, especificamente, na área de Mecânica –, frequentar o curso de Eletricista no Senai. Embora dispondo de profissão, adquirida após dois anos de estudo, ele lamenta: “*me formei eletricista e nunca tive oportunidade nessa área*”. Trabalhando atualmente como torneiro revólver, o jovem advoga que, se tivesse cursado Tornearia Mecânica, talvez fosse um profissional bem

remunerado, pois estaria exercendo a profissão estudada; ao invés disso, aprendeu tornearia na prática.

A falta de oportunidade para exercer a profissão de eletricista fez com que aspirasse por uma outra profissão, considerada mais ao feitio da modernidade: técnico em informática. Lidar com computador, ao seu ver, é uma atividade recompensadora porque, apesar de ser cansativa como qualquer outra, exige muito do intelecto da pessoa e permitiria o revezamento entre trabalhar em pé e sentado, a jornada de trabalho seria menor, sendo possível inclusive o trabalho em domicílio. Todas essas vantagens apontadas para a função de técnico em informática parecem significativas se o parâmetro for seu emprego atual, cuja jornada diária de trabalho é composta por doze horas, onde recebe como se fosse um ajudante geral, muito embora exerça a função de torneiro revólver.

De maneira tênue, em certa altura da entrevista, o jovem manifestou o desejo de fazer uma faculdade, mas sequer precisou a área, tal é o realismo com que analisa sua vida. Posteriormente justifica, de certo modo, essa sua apatia, ao circunscrever:

Parei de estudar [...] Eu terminei o segundo grau e não tenho condições de pagar uma faculdade [...] Agora eu tou com R\$ 380,00 [de salário mensal] [...] Não tinha condições porque eu tinha que ajudar os meus pais, inclusive o meu pai tava desempregado na época que eu tava trabalhando [...] Daí, não tinha nem como pagar uma faculdade.

Assim, o alcance máximo que o seu desejo profissional atinge é o de técnico em informática, que obteria por intermédio de um curso profissionalizante; já um curso de nível superior passa longe de seus sonhos, por não ter possibilidades práticas de realizá-lo.

Casado, pai de um bebê com aproximadamente três meses de idade, com o ensino médio interrompido ao meio, o jovem Wando, trabalhando como ajudante de

produção, faz um curso de computação tendo como fito imediato chegar a um cargo na expedição. Durante seu dia de trabalho, que consiste basicamente em carregar sacas de argamassa nas costas, ele desfia seus pensamentos tentando encontrar uma saída para melhorar sua vida.

Fico pensando no trabalho que eu faço... Fico pensando em fazer curso, estudar pra melhorar, pra deixar aquele trabalho bruto e fazer um trabalho mais suave, mais leve.

Na expedição, ao invés de carregar peso, estaria emitindo ordem de carga e usando computador, atividade que, cotejada com a que exerce atualmente, lhe concederia uma trégua no uso de seus músculos, fazendo-o recorrer mais à sua capacidade intelectual do que à força física. Para chegar à expedição, o jovem Wando tem de demonstrar certo desempenho na fábrica, manifesto em uma subordinação intensa que, além de muita dedicação, traz a exigência de comparecer a todas as horas extras para as quais for convocado durante a semana e aos sábados, fazer o serviço impecavelmente e não discutir com os superiores. De maneira concludente, ele assevera que é necessário postar-se desse modo porque, caso contrário, “*é perigoso perder o serviço*”.

O que ele realmente aspira dentro da fábrica é ser encarregado de seção. Contudo, de acordo com sua apreciação, trata-se de um cargo para o qual suas possibilidades são um tanto remotas.

Em nenhum momento, o jovem Wando aventou a perspectiva de vir a fazer um curso superior; ao contrário, advertiu a respeito da falta de condições financeiras da maioria das pessoas para fazerem um curso como o de Engenharia, cujo custo total seria em torno de trinta mil reais. Realçou ainda que há pessoas que não conseguem auferir esse montante sequer no decorrer de cinco anos. Claramente, coloca-se entre essas pessoas que, aliás, se trata da maior parte da população brasileira.

Iniciada a vida ativa aos sete anos de idade, na roça do interior do Estado do Paraná, e percebendo atualmente um salário mensal inferior a trezentos reais, o jovem Wellington narra soturnamente, como que entrevedo um castelo de areia se demolindo, que o trabalho que desejou muito exercer, até pouco tempo atrás, era o de jogador de futebol. Altivamente reportou que havia feito diversos testes em times nos quais conseguiu ser aprovado, inclusive no Palmeiras e no São Paulo; não obstante, o malogro de suas condições financeiras impediram-no de prosseguir com esse intento. “*Eu tive muita chance aí, mas como [...] o meu pai não tinha condições de bancar eu*”.

Tentando mitigar a situação que o aflige, o jovem pondera que, dada sua idade atual, já não é mais possível sua entrada no mundo do futebol; esse sonho ficou como uma nuvem que passou mas que deixou sobre ele sombras de um passado que poderia ter sido possível, porém fora castrado pelos recursos frugais da família, cujo pai desempenha as ocupações de carpinteiro, pedreiro e pintor.

Faculdade não é algo que integre os seus intentos futuros; apesar de sua família sonhar com que se torne um advogado, ele aduz não pensar em cursar o nível superior. Considerando que comumente as pessoas, sobretudo os jovens, não vivem só das sobras do passado, o jovem Wellington manifesta grande interesse em lidar com carros, sobremaneira, com a sua parte elétrica, daí o desejo de tornar-se mecânico de auto-elétrica. Deslumbram-no os equipamentos por onde passa a corrente elétrica, como alarme ou aparelho de som de carro. O encanto com a eletricidade originou-se quando ainda criança, vendo um seu finado tio lidar com reparos domésticos, momentos que lhe aguçavam a curiosidade, despertando-o para essa área.

Tinha vez que queimava fio em casa [e] ele [o meu tio] ia lá e mexia. Aí, eu perguntava pra ele pra que aquilo servia, como que era, qual que era neutro, qual que era 220. Ele me explicava as coisas.

Carregando nas tintas, o cenário esboçado pelo jovem é semelhante àqueles de alguns séculos atrás, em que o ofício era hereditário, transmitido de geração a geração, por intermédio das experiências dos mais velhos aos mais jovens. São influências que os jovens trazem da convivência com seus familiares e que acabam, aliadas à condição econômica da família, por delinear sua inclinação por certos campos da labuta e até sua trajetória ocupacional; tanto que o próprio jovem Wellington trabalhou em alguns momentos de sua vida como eletricitista autônomo.

Os jovens desse segundo grupo, cujo traço fundamental é a baixa renda e a grande importância de seus rendimentos para a sobrevivência de suas famílias, com os pés socados no chão em que pisam, mostrando anseios profissionais, como o de técnico em informática, expedidor e eletricitista sabem negociar com os seus próprios desejos. Eles só desejam aquilo que podem alcançar, no caso sem necessitar de um curso superior, e, por disporem de poucos recursos econômicos, não deixam que esses desejos se percam. Por isso, constroem-nos em torno da rentabilidade e do alcance de uma qualidade de vida melhor em curto prazo. Assim, o pertencimento social dos jovens, que nesse grupo são mais desfavorecidos, é uma das mais significativas variáveis para determinar o alcance de suas aspirações profissionais³.

Essa negociação faz todo sentido porque o sonho tem de ir além de promessas; um sonho que, na prática, só traz privações, deixa de ser sonho. Trata-se de uma atitude estratégica, em que o próprio sonho permite sonhar; sonhar com uma vida melhor para si e para sua família. Tal atitude não se caracteriza como economicista, pois negociar com o sonho para alcançar uma vida com qualidade significa negar as privações que o próprio sistema de uma sociedade desigual imprime sobre as pessoas advindas do estrato de classe de baixa renda. Logo, esses jovens que não só sonham, mas também buscam conciliá-lo com as possibilidades concretas de viabilizá-lo, são

³ - Cf. Pais, 1993: 213.

guerreiros estrategistas que recusam o dito destino de seu estrato de classe e prosseguem, se não por meio de sonhos ousados, desejosos de mudar suas vidas, ainda que de modo brando e realista.

5.3 Sonho profissional forjado

Na periferia de Jandira, dos sete jovens pesquisados, dois apresentaram em seus depoimentos, vestígios de terem forjado um sonho profissional no momento da entrevista, movidos pela obrigação moral de não deixar uma pergunta sem resposta ou, mais especificamente, o seu futuro sem proposta profissional.

Vizinhos de vila, a jovem Amanda e o jovem Marcos atuam como auxiliares de produção em fábricas diferentes, recebem abaixo de seiscentos reais mensais e têm apenas vale-transporte e cesta básica como benefícios trabalhistas.

Após a indagação acerca do trabalho sonhado, Amanda, que está há dois anos sem estudar e passa seus dias montando retrovisores em uma metalúrgica de Jandira, revelou, em um primeiro momento, que não tem sonho. Posteriormente, retificou que, se fosse fazer uma faculdade, escolheria o curso de Psicologia e justificou que essa escolha se deve ao seu gosto por conversar. Todavia, em meio à fala sobre o futuro como psicóloga, ela proferiu a seguinte frase: *“Digamos que um sonho meu era ser psicóloga”*. E mais adiante, quando perguntada se em alguma circunstância pensa sobre o sonho de tornar-se psicóloga, conclui: *“Ai, como eu vou te explicar? Não é um sonho meu. É só pra mim responder a sua pergunta”*.

Malgrado morar na periferia, a jovem Amanda dispõe de um certo bem-estar se confrontada com os jovens seus vizinhos. Ela é filha de uma escriturária de escola e de um taxista, dispõe de um quarto privativo e separado da casa dos pais, tem um carro com o qual vai trabalhar, utiliza o seu salário somente para comprar objetos de seu uso

peçoal, tem o incentivo verbal e teria o apoio financeiro dos pais para fazer uma faculdade. No entanto, pondera não ter sonho profissional e nem interesse em cursar o nível superior.

Tamanha apatia assombra, por um lado, por tratar-se de um ser jovem que, por sua própria condição juvenil, deveria viver o ímpeto das descobertas e conquistas⁴; por outro, justifica-se se tiver em vista a idéia de moratória⁵, francamente notada em certos momentos de sua fala. A jovem expõe que seus pais querem que ela faça uma faculdade, mas ela observa:

*eu não quero ir agora, não adianta eu ir e fazer por eles
[...] Eu quero ir por livre e espontânea vontade, eu quero ir
batalhar e conseguir, eu [...] Mas, tá entrando na minha
cabeça agora.*

Esse depoimento da jovem expressa não somente a revolta contra aqueles que tentam impedir sua liberdade de ir e vir, recusando-se ser condescendente com a dependência paterna, mas figura também a sua situação de moratória. Trata-se da suspensão circunstancial de sua dedicação aos estudos, pois ela mesma, ao proferir a palavra “agora”, deixa subentendida a situação passageira na qual se encontra.

Coabitando com nove pessoas, das quais apenas quatro trabalham, com renda familiar inferior a mil e duzentos reais, o jovem Marcos, com pai desempregado e mãe costureira, consegue fazer economias para comprar materiais para construir a casa

⁴ - Na Geografia, juventude também é tema da hidrologia, cuja definição implica uma fase “*do ciclo de um lago na qual este recebe mais água do que perde*” (Ferreira, 2000). A juventude social apresenta certa analogia com essa definição, uma vez que, em tese, possui significativa recepção e predisposição a informações e vivências novas e em abundância.

⁵ - Moratória é trazida por Pais no projeto juvenil classificado de *autodesestruturação*, aparecendo como um estilo de vida desses jovens e embora “possam existir projectos de vida, necessariamente abertos para o futuro, quando tal acontece, o futuro é apenas visto como um tempo onde vagamente se perfilam possibilidades de fazer ‘coisas interessantes’. No entanto, o que a estes jovens mais interessa é o tempo presente, vivido com intensidade, como se fosse irrepitível e único” (1993: 210).

onde irá morar com a futura esposa. Diante de uma entrevista assistida pela noiva e pela jovem referida acima, o jovem, em alguns momentos, introduzia afirmações nem sempre condizentes com o que já havia dito, de modo a armar um certo quiproquó por conta do enervamento trazido para e pela situação de entrevista assistida.

Foi nesse contexto embaraçoso que, ao ser inquirido acerca de qual trabalho gostaria de exercer, ele respondeu, num primeiro momento, que não escolhe trabalho nenhum, qualquer trabalho lhe é bem vindo desde que o faça sentir-se bem. Momentos depois, tentando compreender o que lhe fora indagado, ele questiona se a pergunta tem o sentido de “*ser alguma coisa na vida*”. Então o trabalho apareceu como instância que conferia estatuto de ser ao indivíduo, tirando-o do anonimato, tornando-o alguém visto e respeitado. Em seguida, ele informou que o trabalho que gostaria de realizar é o de administrador de empresa; curiosamente, a referência a essa profissão vem ressaltada por argumentos que visavam explicar para as pessoas presentes na entrevista o porquê de ele estar ali, pela primeira vez manifestando esse sonho profissional.

Nesses dois testemunhos, transparece o caráter postíquo dos sonhos profissionais desses dois jovens, mostrando que eles se viram coagidos a forjar uma profissão futura pela situação de entrevista, não só para prestar conta à entrevistadora – embora esta os tivesse advertido de que o sonho profissional teria de ser algo natural, que eles realmente sentissem –, mas também para ostentar sua imagem perante os indivíduos presentes.

5.4 Duplicidade profissional quimérica

Descendente de potiguar da zona rural do nordeste brasileiro, filha de pai analfabeto e metalúrgico rebarbador, a jovem Edilene, moradora da periferia de Jandira, que concluiu o ensino médio pelo supletivo, tem grande admiração pela área da saúde. Ela sonha ser pediatra, porém ressalva que, dadas as suas condições econômicas, fazer Pediatria é quase impossível.

O meu sonho é bem alto [...] Eu tenho vontade de ser pediatra [...] vai ser muito difícil porque [com] o salário que eu ganho fazer uma faculdade de medicina!

Não obstante as dificuldades reconhecidas para a realização da pediatria, este não é um sonho completamente arquivado em seus propósitos. A jovem aponta uma possibilidade, ainda que remota, de construir um atalho para, eventualmente, chegar até esse sonho maior. Ela declara a intenção de “*começar de baixo*”, fazendo primeiro um curso técnico de auxiliar de enfermagem, para depois atingir o ápice do seu sonho. Porém, volta a lamentar a falta de oportunidade, por não poder preparar-se profissionalmente para atuar diretamente como pediatra.

Tendo iniciado sua vida ativa, como babá de duas sobrinhas, aos quinze anos de idade, e percebendo, atualmente, entre trezentos a seiscentos reais por mês, a jovem Fabíola, também moradora de Jandira, trabalha durante o dia em uma fábrica de vestuário em São Paulo, no setor de expedição de ternos, e cursa o técnico em Enfermagem, em Barueri, à noite. Findo esse curso técnico, ela espera conquistar espaço como enfermeira no mercado de trabalho e poder agregar pecúlio que lhe permita, posteriormente, realizar um curso superior em Enfermagem. Acabou por optar pela Enfermagem, por considerar irrealizável a profissão sonhada, Fisioterapia.

Quando eu terminei o colegial [...] fiquei um ano desempregada, aí eu comecei a trabalhar, mas *eu nunca quis ser operária, na verdade eu queria logo fazer a*

faculdade, eu queria fazer Fisioterapia, [...] só que não dava as minhas condições pra pagar uma faculdade de Fisioterapia.

Vivendo dificuldades econômicas para a concretização do curso de Fisioterapia e estudando Enfermagem, no nível técnico, a jovem acabou por mudar o rumo de suas pretensões profissionais, de modo que agora considera que ser enfermeira é o que realmente lhe agrada.

“Foi meio que no escuro que eu optei fazer Enfermagem”. Na realidade, esse “no escuro” põe-se como figura de linguagem, para expressar o fato de ter sido decidido na prática, sem um planejamento. De um lado, as barreiras encontradas impedindo os estudos na Fisioterapia e, de outro, as oportunidades impelindo ao curso de Enfermagem, acabaram por traçar, no vivido, um novo sonho profissional mais próximo de suas condições de efetivação, uma vez que o curso de Enfermagem é menos oneroso do que o de Fisioterapia.

O curso técnico veio como atalho que objetiva encurtar o caminho até o mercado de trabalho, para exercer, o quanto antes, atividade a mais avizinhada possível daquela realmente sonhada.

As meninas da periferia de Jandira, ao manifestarem o seu sonho por uma profissão futura, citaram a saúde como área preferencial para atuar, em Enfermagem, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Pediatria ou Psicologia. Tais profissões, cujo traço comum é o cuidar dos outros, indicam escolhas que reproduzem os papéis das mulheres na divisão social do trabalho.

Quando eu tou no hospital [...] ajudando alguém, não só pelo fato de ajudar porque fica muito [...] piegas [...], você tem prazer em fazer aquilo que você gosta. Às vezes tem uma pessoa que não tá bem e aí [...] só a tua atenção [...] é mais psicológico da pessoa [...] você vai e medica na hora certa. Quando você passa no outro dia a pessoa tá um

pouco melhor. Então, isso é gratificante para você (Fabiola).

Muito embora Fabiola afirme que sua inclinação pela área da saúde não se refira ao apego sentimental pelos doentes, ela mesma testifica seu desejo de trabalhar em tal área pelo prazer em ver as pessoas bem com elas mesmas, o que torna patente um sentimento de solidariedade para com outrem. Isso fica ainda mais claro quando, mais adiante em seu depoimento, manifesta preocupação com as crianças de rua, mostrando grande interesse pela causa social, especialmente pelos mais desfavorecidos.

Assim, a idéia fixa de ajudar aquele que precisa, de proporcionar-lhe uma vida melhor e mais confortável, do ponto de vista da saúde psicofísica, foi o que regeu a fala das meninas de Jandira. Sua presença para acalantar a dor alheia parecia tratar-se quase de uma missão. Provavelmente, o fato de viverem rodeadas por privações, não necessariamente dentro de suas casas, mas por morarem na periferia, ao lado de pessoas privadas material, educacional e até afetivamente, tornou-as mais sensíveis ao outro. Até mesmo a aparência do bairro onde moram traz estampada na cor vermelho-barro, a imagem que mostra a premência da solidariedade, com casas espremidas e penduradas nos morros, assobradadas e sem rebocar; ruas de terra; ausência do verde; tudo cheirando a poeira, a sequeidão, a abandono.

Ainda nesse grupo, da *duplicidade profissional quimérica*, encontram-se mais cinco jovens, da região do Plano Dois. Contudo, esses apresentam um diferencial com relação às meninas de Jandira: o maior salário que percebem (entre seiscentos e dois mil e quinhentos reais), com exceção de um jovem auxiliar de Mauá, permite-lhes estar cursando uma faculdade ou ter isso como plano bastante concreto e imediato.

O jovem Roberto, mecânico de manutenção em uma montadora, traz da infância o sonho de ser dentista; porém, sendo filho de operário, viu-se desprovido do acesso a uma faculdade de Odontologia. Salientando sua afinidade em lidar com

peças e ao mesmo tempo um repúdio pelos robôs, ele optou por fazer o curso de Administração, em uma faculdade particular. Sendo administração uma área de ciências sociais aplicadas, é-lhe facultada a possibilidade de mexer com pessoas, embora seu objetivo, como acentua, fosse o de mexer com a boca das pessoas.

Vendo-se economicamente impossibilitado de cursar Odontologia, o jovem Roberto embrenha-se em uma área em que seus recursos financeiros levemente aliados à sua predileção de curso possam convergir. Dessa feita, como ele mesmo circunscreve: “a Odontologia ficou no espaço vagando”.

Do mesmo modo, é da infância que o jovem Elton traz o sonho de ser veterinário; como todos os outros, teve de permutá-lo por um terceiro, condicionado também por sua situação financeira.

Eu tinha muita vontade de fazer medicina veterinária [...] mas, você vai crescendo você vai vendo que o curso [...] pra fazer particular é muito caro; faculdade pública... eu prestei no ano passado, mas é muito difícil, tem que estar preparado mesmo.

Ciência da Computação foi o curso para o qual mudou e atualmente está cursando o primeiro ano. Ele esclarece que, conforme se vai convivendo, se adquirem informações de novas áreas e se acabam fazendo novos planos, dirigidos para os rumos tomados pela evolução tecnológica, especialmente a da informática, que pode apreender, a partir de observação das mudanças no interior da própria metalúrgica em que trabalha.

[Na] empresa onde eu trabalho a maioria das máquinas são tudo programadas, tudo informatizadas [...] o que dez funcionários fazia, agora uma máquina faz, ou seja você precisa de um funcionário para operar essa máquina.

O processo de informatização instaurado na fábrica conduziu-o para a área de informática, por considerá-la promissora, não somente onde trabalha mas em qualquer

outro local, uma vez que, tratando-se de uma tendência na modernidade o uso de computadores, aumentará a demanda por mão-de-obra que disponha de conhecimentos acerca do seu funcionamento.

Na sua percepção, foi a convivência, sobretudo fabril, que o fez planejar seu futuro direcionado para essa área. À primeira vista, esse planejar deslocou-se do gosto pelo trabalho e prendeu-se significativamente, às perspectivas profissionais e à possibilidade de bancar o curso escolhido, ou seja, diz respeito a um planejamento que não tem tanto o caráter de sonho, mas de por na balança a relação de custo-benefício.

Entretanto, há que se destacar, essa decisão não se deveu única e exclusivamente às melhores oportunidades mercadológicas; na realidade, o jovem fez uma combinação entre a crença em um devir próspero e o gosto por uma atividade que lide com o objeto de sua predileção, o computador. *“Eu também gosto de mexer com computador”*. Um planejamento que, a princípio, resultaria da mera matemática do quanto se ganharia, tem também algo de subjetivo, da pessoa; ele busca conforto e prazer em alguma parte dessa profissão. No caso, lidar com o computador é o que o fascina. A pessoa não se anula completamente por sua própria vontade.

Compartilhando dessa mesma postura, Rogério decidiu que irá cursar Análise de Sistemas porque, na metalúrgica onde trabalha, se abrem perspectivas para cargos em que o uso de conhecimentos em informática se estende, ao passo que se fosse cursar o que realmente lhe agrada, Arquitetura, estaria com seus dias contados no atual emprego.

Se eu fosse fazer o curso de Arquitetura e Urbanismo [...] não passava um mês que eu tivesse fazendo o curso, os caras já ia... me mandar embora; não tem nada a ver com o que eu tou fazendo lá. Então, eu vou fazer um curso mais ou menos envolvido com a [fábrica] [...] pros caras não me mandarem embora.

Se, de um lado, o emprego atual acaba por levá-lo a rumar para área bastante diversa da sonhada, seja por considerar a possibilidade de manter-se na mesma fábrica, em uma função cujas condições de trabalho e remuneração sejam melhores ou de dispor dessas mesmas oportunidades em outra empresa, por outro lado, ele não está desistindo do trabalho sonhado. Tal desistência não se configura exatamente porque é o se manter no atual trabalho que lhe confere esperanças de no futuro, poder atuar no curso sonhado e, finalmente, exercer a profissão que realmente escolheu fora dos muros da fábrica. *“Arquitetura e Urbanismo eu não vou fazer agora, mais pra frente eu tenho certeza que eu vou fazer”*.

Destarte, mesmo aspirando por uma profissão afastada da fábrica, o jovem não a despoja, pelo menos de imediato, de seus sonhos. Apenas negocia com a segurança do trabalho na fábrica atual, optando, num primeiro momento, por um curso superior vinculado à fábrica, na tentativa de garantir seu vínculo empregatício e depois fazer o curso com que sonha. Portanto, o trabalho almejado não é postergado definitivamente, mas apenas protelado para o futuro.

Destoando completamente das outras jovens que têm na medicina o trabalho sonhado, a jovem Erica, ferramenteira de uma montadora no ABC, alimentou durante a sua infância o sonho de ser astronauta. Quando criança, estudando na oitava série do ensino fundamental, já dizia que faria Física Quântica e que iria trabalhar na Nasa. Mas concluiu que isso só seria possível *“no sonho mesmo, porque aí, depois, eu fui pra fábrica”*.

Foi acreditando que seria astronauta que a jovem, tirando as melhores notas na escola e conquistando prêmios de melhor *performance* em todos os testes que realizava, fez as provas do Senai e da fábrica apenas para brincar, brincar de ser a primeira colocada em mais um teste; foi aprovada e, então, começou a trabalhar como operária. De astronauta para ferramenteira, do espaço sideral para o chão de fábrica, do sonho para a realidade. Trata-se de uma jovem que perdeu a mãe aos dezesseis anos de idade e que,

acompanhada do pai ex-metalúrgico, um senhor já idoso, sustenta sua família composta por dois irmãos, uma cunhada e o pai. Mas o sonho não acabou, agora para se transformar em engenheira, ela direciona todas as suas noites, freqüentando um curso de Mecatrônica. Robôs são o que a fascina; assim, encontrou nesse curso uma ponte entre o que lhe desperta o entusiasmo e a continuidade na fábrica em que está.

Turismólogo é a profissão sonhada pelo jovem Davi, auxiliar de produção do setor moveleiro, com remuneração mensal inferior a seiscentos reais, filho de pai almoxarife e mãe cozinheira. Indagado o motivo de sua preferência pela área de turismo proferiu simplesmente: “*sei lá, turismo já fala tudo [...] você vai sempre tar num lugar diferente*”. Aparentemente, essa escolha é descomprometida, no estilo *oba oba*, não se tratando de algo importante em sua vida, porém manifesta tentativa de conciliar a labuta à diversão. Visto desse ponto de vista, o jovem reivindica um trabalho com características de prazer, de diversão, de aventura, de brincadeira, e, por conseguinte, realiza uma crítica ao trabalho descolado do lúdico, da proeza, do júbilo.

Pais (2001) faz alusão à possibilidade de novas concepções de trabalho com lazer estarem aflorando entre os jovens, por intermédio do mundo virtual que, em alguns casos, consegue conciliar as duas instâncias, levando o lazer a adquirir um certo caráter das obrigações do trabalho e o trabalho a compatibilizar-se com o lado lúdico do lazer. Com efeito, o sentido do trabalho estar-se-ia se afastando daqueles ligados à tortura pelo *tripalium*⁶ e ao castigo religioso, como aquele apresentado pelo jovem Emílio.

Não obstante o sonho, o jovem Davi pondera o fato de uma faculdade de turismo custar além de seus poucos recursos econômicos; por isso, não faz muitos planos de concretizá-la num futuro próximo. Seu cotidiano na fábrica, porém, fê-lo sensibilizar-se por uma outra área, a de segurança do trabalho. Ele tem notificado aos seus familiares o desejo de realizar um curso de técnico em Segurança do Trabalho,

⁶ - Cf. Gorz, 1982: 9.

considerando importante a função de garantir a segurança do trabalhador, já que pode fornecer ajuda àqueles que precisam melhorar suas condições de trabalho, diminuindo os riscos de acidente e de vida para os trabalhadores. Nesse aspecto, surge algo análogo, além de suas ocupações como auxiliares na produção de chão de fábrica, com as meninas de Jandira, que manifestaram o desejo de atuar em profissões ligadas à saúde: novamente, a sensibilização e a solidariedade com relação a outrem, entre os jovens mais desfavorecidos economicamente.

Uma vez inserido em um trabalho, sua realidade, seja do ponto de vista tecnológico ou de gestão, tende a influir no curso e profissão que os jovens passam a aspirar. Em geral, essa influência vem do espaço fabril, sendo raros os casos em que se originam de outra esfera, como família, igreja, vizinhança, mídia ou escola. É o estar trabalhando, ao lado de toda a experiência que isso suscita no cotidiano dos jovens, que os torna mais ou menos propensos a se guiarem para uma determinada área.

O trabalho, o ambiente fabril, desse modo, traça os rumos futuros dos jovens, ao indicar-lhes as transformações, sobretudo tecnológicas, que transcorrem dentro da fábrica como um reflexo do externo, da modernidade em si.

Trabalho e quimeras são duas dimensões que se entrecruzam e que re-significam uma à outra, fornecendo sentido mútuo entre si. “*Trabalhar é importante pra eu fazer as coisas que eu quero*” (Karina). Por intermédio do trabalho, esses jovens têm acesso aos objetos de uso pessoal, ao lazer, à educação, à independência, à liberdade, ao sonho e a possibilidade de sonhar.

É o trabalho que permite a esses jovens trabalhadores o exercício de suas vontades. O querer se torna fazer concreto mediado pelo ato de trabalhar; as quimeras deixam seu estatuto irreal e adquirem corpo, passando a ser realidade. O estar trabalhando alimenta as quimeras e as quimeras concedem sentido ao ato de trabalhar. O trabalho autoriza os sonhos e os sonhos estimulam o trabalho.

Conclusão

Esta pesquisa visou analisar o papel desempenhado pelo jovem trabalhador no mundo fabril, tendo como parâmetro a percepção que traz de sua ocupação e o valor que atribui à esfera trabalho em sua cotidianidade. Ou, ainda, discutir o lugar ocupado atualmente por esse jovem no trabalho industrial, a imagem que ele mesmo constrói desse lugar específico do qual faz parte e a importância que confere ao trabalho enquanto um valor cultural.

O cerne da investigação foi o de examinar a situação de conflito vivenciada por jovens operários, pertencentes a vários ramos do setor industrial, em função de sua atuação em um posto de trabalho, cuja ocupação contradiz suas expectativas profissionais. Nesse cenário, desflorou um embate entre as condições objetivas do trabalho, concretizadas na ocupação específica exercida pelo jovem e oferecida pelo mercado de trabalho, e as aspirações subjetivas, elaboradas cultural e individualmente pelo jovem trabalhador.

Em sua fala o jovem operário recusa o lugar que ocupa no mercado de trabalho, por considerá-lo desarticulado daquele que aspira. Na medida em que essa recusa é expressa delineia-se não somente um conflito entre sujeito do trabalho e oportunidades e condições de trabalho, mas também uma crítica que esse sujeito endereça ao sistema produtivo. Tal crítica, embora não mobilize ações coletivas efetivas, explicita o caráter ativo do trabalhador enquanto indivíduo que, longe de ser passivo, manifesta a resistência individual que vivencia no interior da sociedade, mais especificamente no chão de fábrica.

Tendo em vista essa situação de confronto entre sujeito e trabalho, considera-se que as duas hipóteses anunciadas no início desta dissertação tiveram a corroboração

dos dados empíricos, obtidos com os jovens operários do universo pesquisado. Na primeira hipótese, sugeriu-se que havia um divórcio entre o trabalho específico que esse jovem executa e aqueles presentes em seu imaginário, sendo que a dificuldade da profissão tencionada ser concretizada pauta-se, notadamente, em três razões básicas: insuficiência de qualificação profissional, especialmente de nível de formação universitária; pertença a condições socioeconômicas que não dispõem de recursos para prover os custos dessa formação e, finalmente, escassez de oferta de melhores ocupações pelo mercado de trabalho para esses jovens.

Valendo-se da ausência de coadunação entre exercício e quimeras profissionais, detectou-se que esse jovem não se porta complacentemente com esse dilema; sobressai aí, então, a ratificação da segunda hipótese. Assim, embora a divisão do trabalho objetive apartar executantes de sua capacidade de pensar criticamente, o trabalhador, por mais dividido que esteja em suas tarefas e em seu *savoir-faire*, não se separa de suas quimeras, que se manifestam tanto no sentir desencontrado com a atividade executada, quanto pelo sonho em tornar realidade a imagem da profissão que construiu para si.

Essa atitude de inconformidade em relação ao lugar que encontrou no mercado de trabalho, não emerge somente da intenção de ocupar uma função aspirada subjetivamente, mas inclusive da ação de qualificação profissional de nível superior, na qual alguns dos jovens se empenham.

Uma vez retomados o objetivo, o problema e as hipóteses da dissertação, apresentar-se-ão a seguir as principais conclusões a que se chegou com os dados dessa investigação, numa tentativa de elucidar, com informações trazidas da pesquisa de campo, o par temático trabalho-subjetividade.

O valor do trabalho consiste em um dos aspectos fortemente prezado pelos pais dos jovens e insistentemente transmitido como um princípio que deve ser seguido, uma vez que por intermédio dele o indivíduo alcança o respeito de outrem. Trata-se de um valor apreendido pela fala e, principalmente, pelos atos dos pais que se colocam como modelo frente aos seus filhos, indo e vindo para o trabalho todos os dias e mostrando que é esse exercício diário que trás para seus lares tanto o pão quanto o direito de ser chamado de cidadão.

Assistir cotidianamente à construção e reforço do valor do trabalho torna-o naturalizado entre esses jovens, a ponto de ser considerado como uma obrigação da qual todos devem fazer parte.

Todavia, esse valor não se reduz ao campo do exercício do trabalho em si; ele se expande para outras esferas, orientando os comportamentos dos indivíduos que, ao despenderem seu tempo no trabalho, deixam de direcionar suas ações para atividades eventualmente desviadas, como drogas, intrigas e violências. Nesse sentido, o valor do trabalho também atua como regulador das relações sociais, trazendo uma certa pacificação para a sociedade.

O ambiente de trabalho fornece aos indivíduos a possibilidade de desenvolverem um espaço de socialização, no qual a convivência social com diferentes pessoas lhes traga mais oportunidades de ampliarem os seus contatos, diversificarem suas opções de lazer e, sobretudo, quebrarem a monotonia que as relações domésticas apresentam.

Dessa sociabilidade, trazida do interior da fábrica, elabora-se o sentido para a vida desses jovens no estar trabalhando. Para além das relações que são cultivadas nesse ambiente, o valor de sentir-se útil para o mundo atesta o sentido do bem-estar dentro da fábrica e o do mal-estar em sair de férias, nada mais tendo para fazer, já que

os espaços de lazer de que dispõem são escassos. Destarte, não trabalhar acarreta desordem nas próprias relações sociais, que passam a contar com indivíduos revoltados com a sua condição ilhada na produção social.

A socialização vivenciada no trabalho imprime no indivíduo a marca de trabalhador, que o liberta da nulidade transformando-o em pessoa, dotando-o de um papel que lhe traz o respeito dos outros e pertença a um meio social valorizado e legitimado moralmente.

Entre esses jovens, o trabalho foi colocado como um valor que deve ser praticado e também defendido moralmente. Assim, foi precocemente que se inseriram no mercado de trabalho, em média com quinze anos de idade, cursando o ensino médio; alguns já começaram a trabalhar quando ainda eram crianças. Tendo em vista ser um valor moral, os motivos que os levaram à vida ativa não se restringiram à ajuda na renda familiar, mas também objetivaram alcançar independência financeira de seus familiares e, conseqüentemente, respeito a suas opiniões e atitudes.

Trabalhar é a única condição que os jovens operários têm para prosseguir seus estudos após o ensino médio; logo, o único recurso para poderem se profissionalizar numa atividade que os atraia.

Enquanto se preparam para uma profissão quimérica, seja realizando um curso superior ou fazendo economias para pagá-lo, esses jovens vão manipulando sua ocupação de operários de chão de fábrica de modo a defenderem-se dos males físicos que sua periculosidade possa provocar.

Nesse sentido, embora a nomenclatura produção deixe subentendida a padronização das práticas no exercício de funções rotineiras, os testemunhos dos jovens revelaram a relatividade no modo de fazer cada atividade, cujo traço é a cadência. Esses trabalhadores elaboram maneiras específicas de fazer suas atividades,

de forma a buscar autoproteção para o seu corpo, contra os ritmos e frequências de posições repetitivas, adaptando cada movimento a sua própria pessoa.

A adaptação às atividades se dá pelo controle da velocidade das máquinas, pela reformulação da ordem de fabricação e montagem de peças, pela diminuição da inspeção de peças, que raramente apresentam defeitos, pelo uso de um método mais rápido de encaixe de peças e pela impressão de planilhas com dados tidos como normais. Tais controles, utilizados pelos jovens, permitiram-lhes poupar tempo em certas atividades e poder realizar outras atividades produtivas antes do previsto ou até exercer atividades extras, como as requisitadas por suas próprias necessidades, orgânicas ou ainda usufruir uma folga.

O manuseio da maneira de exercer as atividades acaba por redundar em maior produtividade, uma vez que é feito para prestar conta da meta exigida no dia, e também repercute no bem-estar do trabalhador, por permitir conciliar suas condições pessoais com as regras da empresa e ritmo da máquina. Tal conciliação, expressa no jeito que cada um desenvolve de fazer o seu trabalho, tem como objetivo sobretudo a evitação da contração de doenças de trabalho, pois buscam torná-lo mais simples, menos enfadonho e menos agressivo ao corpo.

O desenvolvimento de estratégias no jeito de fazer o trabalho depende, sobretudo, do tempo de serviço na função exercida. Quanto maior for esse tempo, mais essas estratégias estarão apuradas e acordadas com as especificidades de cada trabalhador.

Assim, longe de intencionar a burla do bom funcionamento da produção, essas estratégias velam tanto pela produtividade quanto pela saúde do trabalhador. São estratégias, a princípio, defensivas, que os trabalhadores usam para protegerem-se e que, na prática, também legitimam a continuidade da produção na fábrica.

A articulação personalizada no jeito de fazer a atividade laboral mostra que o jovem trabalhador põe-se ativamente no processo de trabalho, assumindo-se enquanto sujeito de sua história.

Para além de manipular o modo de exercer sua atividade, esses jovens também elaboram sugestões para seus chefes, tanto de simples adaptações físicas às máquinas, em função do bem-estar do corpo do trabalhador, quanto de construções de engenhocas para solucionar problemas de movimentos repetitivos ou para evitar o levantamento de peças pesadas.

Dessa forma, os jovens, longe de se acomodarem às regras técnicas sobre o modo de fazer suas atividades, engendram soluções para que o fator técnico seja adaptável ao fator humano.

A *caverna produtiva*, como nomeou um dos jovens, não é constituída permanentemente pela cadência e produção ininterrupta de objetos enquanto os trabalhadores se encontram no seu interior. Pelo contrário, nela fazem-se presentes falhas que interrompem a produção, resultando um certo tempo ocioso a alguns trabalhadores, reapropriado por eles em atividades extras.

O caso mais ilustrativo desse uso foi o de um jovem que aproveitava as falhas da produção para ler livros, cujos gêneros eram ficção científica e espiritista, levava-o pela imaginação para longe do ambiente fabril, buscando, assim, evadir-se dos desgastes físicos e psíquicos vividos durante o seu labor. O subterfúgio nos livros era usado não apenas para ocupar o tempo vazio, mas, sobretudo, para impedir que a lógica da cadência da produtividade se incorporasse em seus valores fora da fábrica; daí o exercício da leitura para afastar-se da realidade fabril e de suas interferências em sua subjetividade.

Apesar dos problemas de condições de trabalho e de saúde, enfrentados em seu ambiente de trabalho, os jovens continuam conferindo grande significado ao trabalho em suas vidas. Essa importância é percebida quando os jovens recusam a possibilidade de pararem de trabalhar voluntariamente, alegando que só é admissível interromper o trabalho temporariamente enquanto estejam estudando, e que parar definitivamente de trabalhar só se justifica em situação de inaptidão física ou na velhice.

Trabalho e movimento colocaram-se como duas categorias que caminham juntas. Trabalhar é concebido como uma obrigação para todos aqueles que dispõem da capacidade de movimento corporal. Nestes termos, o ato de trabalhar vem atestar a saúde do ser, além de servir como delimitador das condições que capacitam o ser humano a criar racionalmente seus meios de sustento, em oposição aos outros seres.

Conclui-se dessa recusa dos jovens em parar de trabalhar, enquanto contam com plenos movimentos corporais, que se trata de uma atividade cujo significado ultrapassa a mera remuneração. Para eles, trabalhar implica poder sustentar e reafirmar o grande valor que essa dimensão ocupa em suas vidas. Não é somente ao trabalho enquanto valor monetário que referenciam seus atos, mas à atividade em si, enquanto categoria cultural simbólica que lhes fornece lugar e identidade.

Poder contar com um lugar, com um espaço de socialização, com a possibilidade de concretizar seus planos, com identidade, pelo fato de fazer parte do mundo do trabalho, confere ao trabalhador uma certa satisfação. Todavia, em que tal satisfação consiste, uma vez que implica um termo subjetivo? Justamente devido a esse caráter idiossincrático foi necessário tratá-lo de acordo com a singularidade experienciada por cada jovem em sua trajetória ocupacional.

A alteridade foi muito utilizada pelos jovens como referencial para revelar sua satisfação no trabalho, sobretudo em relação àqueles que se encontram

desempregados. O confronto de sua própria situação com relação a outros indivíduos sem emprego, ou que são pior remunerados serviram de argumento para os jovens afirmarem a satisfação pelo seu trabalho. Adicionalmente, a oportunidade de poder dispor de independência financeira, autonomia para tomar decisões junto aos seus familiares e ajudá-los economicamente também colabora para a afirmação do trabalho pelos jovens.

Ser promovido no trabalho e ter tanto seu cargo quanto sua remuneração melhorada é algo que, definitivamente, contribui para a realização dos jovens pesquisados. Dessa forma, a satisfação caminha junto com a necessidade permanente da promoção, uma vez que esta propicia dinamismo na atividade desempenhada pelos trabalhadores, quebrando a monotonia, superando problemas novos e desafios e, sobretudo, testando seus próprios limites e alcançando o reconhecimento profissional. Todavia, há que se destacar que essa situação, usufruto de promoção, não se apresentou de modo corrente entre os jovens, embora servisse de estímulo enquanto esperança para possível efetivação em momentos vindouros, ou ainda, acreditando na possibilidade de serem promovidos é que muitos deles suportam a ocupação indesejada.

O sentido de satisfação não se delinea *per se*, ele é compreendido somente quando confrontado com algo, mais especificamente com a experiência vivida do jovem no trabalho, seja em relação às funções que exerceram no passado ou às expectativas que alimentam para o futuro. Portanto, satisfação é um termo relacional, que, por isso mesmo, é maleável e subjetivo.

Compreende-se a satisfação somente se confrontada à insatisfação. Este é um valor fortemente cultivado na sociedade moderna, uma vez que faz parte de sua dinâmica: a superação infinita do velho pelo novo. Assim é que essa sociedade

alimenta sua própria lógica produtiva, pelo uso excessivo do descartável e, no limite, pelo desprezo à memória, já que o novo é mais valorizado, ou ainda o aparente novo é mais cultuado.

Estar permanentemente superando a ocupação atual colocou-se como um objetivo profissional dos jovens. Nesse sentido, a auto-realização na profissão tem uma característica temporal, de modo que a satisfação de hoje projetada na profissão futura será superada quando esta estiver sendo praticada e assim sucessivamente. Conseqüentemente, tanto a ocupação exercida dispõe de um caráter transitório, notadamente na condição operária, quanto a própria realização profissional é concebida como provisória.

Dessa maneira, o jovem não dispõe de identidade endereçada à ocupação específica que exerce, visto que, freqüentemente, ela não é o que ele realmente almeja para si. O estabelecimento de vínculos de identidade se constrói e é reafirmado pelo trabalhador quando voltado para algo que é motivo de brio e satisfação. Como isso não ocorre, ele rejeita-a.

Isso não significa que esse jovem não disponha de identidade de trabalhador. Esta está remetida ao trabalho enquanto atividade, ao ato em si de trabalhar, tratando-se de uma identidade quase virtual por ser despreendida de características facilmente perceptíveis. É uma identidade fugidia, fugaz, efêmera, que não se apresenta classicamente associada ao fazer comum em uma função, ao compartilhar de mesmos interesses, ao pensar coletivo entre os trabalhadores.

Trata-se, portanto, de uma identidade que se traja das características da modernidade, o global e o virtual, mas que também incorpora o singular e o subjetivo. O trabalhador não se identifica com a ocupação concreta que executa, mas com aquela que sonha, mostrando aí um certo caráter virtual de sua identidade por estar projetada

no futuro; global por não se prender a uma única profissão; porém, singular por ser fruto da subjetividade de cada um, construída conforme suas experiências de vida.

Uma identidade que nega o próprio sentido do termo ao não apresentar traços do idêntico a algo ou outrem, mas que, por isso mesmo, se posta como identidade: uma identidade que não se prende tanto a fatores que homogeneízam e é guarnecida pelos que diferenciam. Configura-se, assim, a mudança do próprio termo identidade, uma vez que essa é fruto de um mundo que está se transfigurando.

Subjetividade do trabalhador e realidade do mercado de trabalho são duas instâncias que estiveram constantemente em conflito e, ao mesmo tempo, em negociação pelo jovem trabalhador ora investigado. Dessa feita, embora esse jovem traga consigo expectativas profissionais para atuar em determinada função, as metamorfoses do mercado, em especial desencadeadas por mudanças técnicas e tecnológicas, acabam por forçá-lo a refazer seus planos profissionais, porém sem abandonar definitivamente, mas protelando, esses planos trazidos já antes de se inserir na vida ativa.

Esse processo de negociação, do jovem operário com o seu lugar no mercado de trabalho, mostra, mais uma vez, que esse trabalhador não se configura como uma figura passiva que se anula em função de uma vontade externa; ao contrário, impõe-se como sujeito dos processos de trabalho de que faz parte.

O indivíduo só consegue viver edificando uma imagem de si que estabeleça congruência entre sua subjetividade e sua prática social, tornando-se portador de uma identidade não necessariamente fincada na realidade, podendo ser apenas “uma *representação* de sua identidade” (Bertrand, 1989: 37). A relevância dessa representação assenta-se no fato de que é ela que comunica e regula o porvir das atitudes e posições dos indivíduos no interior da sociedade. Assim, o desejo de alforria

dos indivíduos ditos livres, configura-se, na esfera simbólica, não somente como um “*dizer* [...] mas um *fazer* que *antecipa o gozo no plano imaginário* daquilo que pode ser esperado como uma *realidade vindoura*” (idem, p. 28-29).

O desejo do jovem operário por uma outra profissão, na qual possa identificar sua auto-imagem, apresenta-se como uma representação do seu modo de ser confrontado com o seu modo de estar, aparentemente simples quimera profissional, mas efetivamente velando um embate que busca construir uma nova identidade para, posteriormente, renunciar ao que foi sujeitado a consentir durante certo tempo.

Referências Bibliográficas

Bibliografia Citada

- ABRAMO, Helena W. (1997), “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped, nº 5, mai/jun/jul/ago; nº 6, set/out/nov/dez, p. 25-36.
- _____. (1994), *Cenas juvenis – punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta/Anpocs.
- AGIER, Michel. & CASTRO, Nadya A. (1995), "Projeto operário, projetos de operários". In: _____ et alii. *Imagens e identidades do trabalho*. São Paulo: Hucitec/Orston.
- AGIER, Michel. & GUIMARÃES, Antônio S. A. (1995), "Técnicos e peões: a identidade ambígua". In: _____ et alii. *Imagens e identidades do trabalho*. São Paulo: Hucitec/Orston, p. 39-73.
- ANTUNES, Ricardo. (1995), *Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 3. ed., São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp.
- AQUINO, Julio R. Groppa. (1996), *Indisciplina na escola*. São Paulo: Summus.
- ARIÈS, Philippe. (1973), *A criança e a vida familiar no antigo regime*. (Trad. Miguel S. Pereira e Ana L. Faria). Lisboa: Seuil, p. 319-324.
- ARROYO, Miguel G. (1995), “O Direito do trabalhador à educação”. In: Gomez, Carlos M. et. alii (orgs.). *Trabalho e conhecimento: Dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, p.75-92.
- ASSIS, Marisa de. (1994), "A educação e a formação profissional na encruzilhada das velhas e novas tecnologias" In: Celso J. Ferretti et. alii (orgs.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p.189-203.
- BAJOIT, Guy & FRANSSEN, Abraham. (1997), “O trabalho, busca de sentido”. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped, nº 5, mai/jun/jul/ago; nº 6, set/out/nov/dez, p. 76-95.
- BERTRAND, Michèle. (1989) “O homem clivado – a crença e o imaginário” In: Paulo Silveira & Bernard Doray (org.). *Elementos para uma Teoria Marxista da Subjetividade*. São Paulo: Vértice.

- BOTH, Elizabeth. (1976), *Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns*. (trad. Mário Guerreiro). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- BOUDON, R. & BOURRICAUD, F. (1993), *Dicionário crítico de sociologia*. Porto Alegre: Globo.
- BOURDIEU, Pierre. (1998) “*Le mort saisit le vif* – As relações entre a história reificada e a história incorporada” In: *O Poder Simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. (1987), *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes.
- BRANDÃO, Carlos R. (1982), *Diário de campo. A antropologia com alegoria*. São Paulo: Brasiliense.
- BRASIL. (2001), Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. 27. ed. atual. e ampl. São Paulo: Saraiva.
- CABANES, Robert. (2002), *Travail, famille et mondialisation: récits de la vie ouvrière, São Paulo, Brésil*. Paris: IRD/Karthala.
- CARMO, Paulo S. do. (1992), *A ideologia do trabalho*. 3. ed. São Paulo: Moderna.
- CARVALHO, Ruy de Q. (1994), "Capacitação tecnológica, revalorização do trabalho e educação" In: Celso J. Ferretti et. alii (orgs.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 93-127.
- CERTEAU, Michel de. (1994), *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- CESSO, Tatiana. (2000), "Desempregados apelam para os bicos". *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 28 jun, Folhateen, Caderno 7, p. 4.
- CHAUÍ, Marilena. (1997), “Comentários”. *Revista Subjetividades Contemporâneas*. São Paulo: Sedes Sapientiae, ano 1, nº 1, p. 18-25.
- CHIESI, Antonio & MARTINELLI, Alberto. (1997), “O trabalho como escolha e oportunidade”. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped, nº 5, mai/jun/jul/ago; nº 6, set/out/nov/dez, p. 110-125.
- CLOT, Yves. (1982), “Jeunesse, travail, société: voies et enjeux d’une mutation”. *La Pensée*, nº 215, jan-fév, p. 3-12.
- COLBARI, Antonia L. (1995), *Ética do trabalho: a vida familiar na construção da identidade profissional*. São Paulo: Letras & Letras.
- CORROCHANO, Maria Carla. (2001), *Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo dos jovens operários e operárias de São Bernardo do Campo*. Dissertação

- (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DAUSTER, Tania. (1992), "Uma infância de curta duração: trabalho e escola". *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 82, p. 31-36, ago.
- DEJOURS, Christophe. (1992), *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. (trad. Ana I. Paraguay e Lúcia L. Ferreira). 5. ed. ampliada. São Paulo: Cortez/Oboré.
- DUBAR, Claude. (2000), *La socialisation*. Paris: Armand Colin.
- EVELYN, Suzana S. (1998), *A produção da vida: estudo do papel e lugar do trabalho na vida contemporânea*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. (2000) *Novo Aurélio século XXI – O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. CD-ROM.
- FERRETTI, Celso J. (1988a), "Trajetória ocupacional de trabalhadores das classes subalternas" In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 66, ago, p. 25-40.
- _____. (1988b), *Opção trabalho: trajetória ocupacional de trabalhadores das classes subalternas*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- FRIEDMANN, Georges. (1972), *O trabalho em migalhas*. São Paulo: Perspectiva.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. (1995), "Trabalho e conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos". In: Gomez, Carlos M. et. alii (orgs.). *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, p. 13-26.
- GEERTZ, Clifford. (1989a), "Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura" In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- _____. (1989b), "Estar lá, escrever aqui". (trad. Mário Salviano Silva). *Revista Diálogo*. nº 3, vol. 22.
- GOFFMAN, Erving. (1975), *A representação do eu na vida cotidiana*. (trad. Maria Célia S. Raposo). Petrópolis: Vozes.
- GOMES, Jerusa V. (1996), *Família, escola, trabalho: construindo desigualdades e identidades subalternas*. Livre docência. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- GOMEZ, Carlos M. (1995), "Processo de trabalho e processo de conhecimento". In: _____ et. alii (orgs.). *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, p. 43-59.
- GORZ, André. (1982), *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. (trad. Angela R. Vianna e Sérgio G. de Paula). Rio de Janeiro: Forense.
- HELLER, Agnes. (1982), "Carecimentos e valores" In: _____. *Para mudar a vida: felicidade, liberdade e democracia* (Entrevista a Ferdinando Adornato; trad. De Carlos N. Coutinho). São Paulo: Brasiliense.
- HIRATA, Helena. (1994), "Da polarização das qualificações ao modelo da competência" In: Celso J. Ferretti et. alii (orgs.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 128-142.
- HORKHEIMER, Max. (1976), *Eclipse da razão*. (trad. Sebastião U. Leite). Rio de Janeiro: Labor.
- HUGHES, Everett C. (1958), *Men and their work*. EUA: Free Press.
- JOHNSON, Allan G. (1997), *Dicionário de Sociologia. Guia prático de linguagem sociológica*. (trad. Ruy Jungmann) Rio de Janeiro: Zahar.
- KANDEL, Liliane. (1982), "Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-diretiva, e sobre as pesquisas de opinião" In: Michel Thiollent. *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. 3. ed. São Paulo: Polis, p. 169-189.
- KEIL, E. T. et alii. (1968), "Problemas de uma Sociologia da juventude operária". In: Britto, Sulamita (org.). *Sociologia da juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, vol. II, p. 89-113.
- LAUTIER, Bruno & PEREIRA, Jaime M. (1994), "Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil na América Latina". *Cadernos CRH*. Salvador, nº 21, jul/dez, p. 125-151.
- LEFEBVRE, Henri. (1991), *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. (trad. Alcides J. de Barros). São Paulo: Ática.
- _____. (1966), *Sociologia de Marx*. (trad. Carlos R. A. Dias). Rio de Janeiro/São Paulo: Forense.
- _____. (1958), "Travail et loisir dans la vie quotidienne" In: _____. *Critique de la Vie Cotidienne*. Paris: L'Arche Editeur.

- LEITE, Elenice M. (1995), "Renovação tecnológica e qualificação do trabalho: efeitos e expectativas". In: Castro, Nadya A. de. *A máquina e o equilibrista: inovações na indústria automobilística brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 159-177.
- LEITE, Márcia de P. (1994), *O futuro do trabalho – Novas tecnologias e subjetividade operária*. São Paulo: Página Aberta/FAPESP.
- LETTIERI, Antonio. (1989), "A fábrica e a escola". In: Gorz, André. *Crítica da divisão do trabalho*. (trad. Estela dos S. Abreu). São Paulo: Martins Fontes, p. 193-209.
- LINDENBERG, Beatriz L. (1993), *Baixa renda na cidade de São Paulo: um estudo antropológico sobre a construção da identidade*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MACEDO, Carmen C. (1979), *A reprodução da desigualdade: o projeto de vida familiar de um grupo operário*. São Paulo: Hucitec.
- MACHADO, Lucília R. de S. (1994), "A educação e os desafios das novas tecnologias" In: Celso J. Ferretti et. alii (org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 168-188.
- MADEIRA, Felícia R. (1989), *Trabalho. A roda viva do mercado*. In: Tempo e Presença. São Paulo/Rio de Janeiro, nº 240, p.9-12, abril.
- MAGNANI, José G. C. & TORRES, L. L. (org.) (1996), "Quando o campo é a cidade" In: _____. *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP, p. 15-48.
- MARCELLINO, Nelson C. (1996). *Estudos do Lazer: uma introdução*. São Paulo: Autores Associados.
- MARONI, Amnérís. (1982), *A estratégia da recusa: análise das greves de maio/78*. São Paulo: Brasiliense.
- MARTINS, Heloísa H. T. de S. (1998), *O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador*. Texto apresentado ao XXI Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 27 a 31 de outubro (xerocopiado).
- _____. (1997), "O jovem no mercado de trabalho". *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped, nº 5, mai/jun/jul/ago; nº 6, set/out/nov/dez, p. 76-95.
- MARTINS, José de Souza. (1997), *Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec.

- MARTINS, José de Souza. (1981), *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- MARX, Karl. & ENGELS, Friedrich. (1977), *A ideologia alemã (Feuerbach)* (trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira). São Paulo: Grijalbo.
- MARX, Karl. (1983), *O Capital: Crítica da Economia Política*. (trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe). Vol. I, Livro I Tomo I. São Paulo: Abril Cultural.
- _____. (1974), *Manuscritos econômico-filosóficos*. (trad. José C. Bruni). Rio de Janeiro: Paz e Terra, Col. Os Pensadores, vol. XXXV.
- MAUSS, Marcel. (1974), “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de ‘eu’ ”. In: *Sociologia e antropologia*. (trad. Lamberto Puccinelli). vol. 1. São Paulo: Edusp.
- MICHELAT, Guy. (1982), “Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia” In: Michel Thiollent. *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. 3. ed. São Paulo: Polis, p. 191-211.
- NAKANO, Marilena. (1995), *Jovens: vida associativa e subjetividade – um estudo dos jovens do Jardim Oratório*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- OLIVEIRA, Newton R. (1995), “A escola, esse mundo estranho” In: Bruno Pucci (org.) *Teoria Crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis:Vozes/São Carlos: UFSCar.
- OLIVEIRA, Régia C. (2001), *Jovens trabalhadores: representações sobre o trabalho na contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PAIS, José Machado. (2001), *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar.
- _____. (1993), *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PIERUCCI, Antônio F. & PRANDI, Reginaldo. (1996), *A realidade social das religiões no Brasil. Religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec.
- PUCCI, Bruno (org.). (1995), *Teoria Crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis:Vozes/São Carlos: UFSCar.
- REBOUL, Olivier. (1974) “A educação” In: *Filosofia da educação*. (Trad. Luiz Damasco Penna, J B Damasco Penna). São Paulo: Nacional, p. 7-25.

- Revista de Educação. (2001), *Progressão continuada ou aprovação automática?* São Paulo: Apeoesp, nº 13, abr.
- ROMANELLI, Geraldo. (1978), *O provisório definitivo: trabalho e aspirações de bancários em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ROSA, Maria I. (1996), *Do governo dos homens ou das “novas responsabilidades” do trabalhador* (xerocopiado).
- ROUSSELET, Jean. (1974) *Alergia ao trabalho*. (trad. M. José Marinho). Lisboa: Edições 70.
- SARTI, Cynthia A. (1994), *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SATO, Leny. (1998), *Replanejamento negociado do trabalho*. (xerocopiado).
- SAVIANI, Demerval. (1994), “O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias” In: Celso J. Ferretti et. alii (orgs.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 151-168.
- SCHWARTZ, Yves. (1996), “Trabalho e valor”. (trad. Maria das Graças de S. do Nascimento). *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, vol. 8 (2): 147-158, out.
- SPOSITO, Marília P. (1997), “Estudos sobre a juventude em educação”. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped, nº 5, mai/jun/jul/ago; nº 6, set/out/nov/dez, p. 37-52.
- STREECK, Wolfgang. (1996) “Lean production in the German automobile industry: a test case of convergence theory” In: Berger, S. & Dore, R. (eds). *National and global capitalism*. Ithaca: Cornell University Press, p. 138-170.
- THIOLLENT, Michel. (1982), *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. 3. ed. São Paulo: Polis.
- THOMPSON, E. (1981), *A miséria da teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*. (trad. Waltensir Dutra). Rio de Janeiro: Zahar.
- TITTONI, Jaqueline. (1994), *Trabalho e subjetividade: a experiência no trabalho e sua expressão na vida do trabalhador fora da fábrica*. Porto Alegre: Ortiz.
- TRAGTENBERG, Maurício. (1978), “Escola como organização complexa” In: Walter E. Garcia (org.). *Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento*. São Paulo: Mc Graw-Hill, p. 15-29.

- WEBER, Max. (1967), *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. (Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi). São Paulo: Pioneira.
- _____. (1964), "Tipos de comunidad religiosa (sociología de la religión)" In: _____. *Economía y sociedad – esbozo de sociología comprensiva I*. México: Fondo de Cultura Económica, p. 328-492.
- WOORTMANN, Klass. (1984), "Família trabalhadora: um jeito de sobreviver". *Rev. Ciência Hoje*. s/l., vol. 3, nº 13, jul/ago, p. 26-31.
- ZALUAR, Alba. (1985), "Trabalhadores e bandidos: identidade e discriminação" In: Zaluar, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, p. 132-169.

Bibliografia Consultada

- AGIER, Michel. "Mobilidades: algumas formas recentes de diferenciação". In: _____ et alii. *Imagens e identidades do trabalho*. São Paulo: Hucitec/Orston, 1995.
- ARRUDA, Marcos. "A articulação trabalho-educação visando uma democracia integral". In: Gomez, Carlos M. et. alii (orgs.). *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1995, p. 61-74.
- BOURDIEU, Pierre. "A 'juventude' é apenas uma palavra". In: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983, p. 112-121.
- _____. *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais* (trad. Silvia Mazza). São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CARNEVALE, Anthony P. & GOLDSTEIN, Harold. "Schooling and Training for Work in America: an overview". In: Carnevale, Anthony P. et alii. *New Developments in Worker Training: a legacy for the 1990s*. USA: Industrial Relations Research Association Series, 1990, p. 25-54.
- ESCÓSSIA, Fernanda da. (2000), "Sonho de 40% dos jovens é trabalhar". *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 6 fev, Caderno 3, p. 13.
- FERRETTI, Celso J. & MADEIRA, Felícia R. "Educação/Trabalho: reinventando o passado?". *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 80, fevereiro, 1992, p. 75-86.
- FLEURY, Maria T. L. "A cultura da qualidade ou a qualidade da mudança" In: Celso J. Ferretti et. alii (orgs.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 1994, 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 21-35.

- Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. *O jovem na Grande São Paulo – Demografia*. São Paulo: Seade, 1988 (Col. Realidade Paulista).
- GOMES, Candido A. *O jovem e o desafio do trabalho*. São Paulo: Edusp, 1990.
- GOMES, Jerusa V. “Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego”. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped, nº 5, mai/jun/jul/ago; nº 6, set/out/nov/dez, 1997, p. 53-62.
- GORZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. (trad. Estela dos S. Abreu). São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GUIMARÃES, Antônio S. A. "A ilusão do atalho: a experiência da pequena burguesia em descenso". In: _____ et alii. *Imagens e identidades do trabalho*. São Paulo: Hucitec/Orston, 1995.
- KHÔI, Lê Tành. *Jeunesse exploitée jeunesse perdue?* Paris: PUF, 1978.
- NASCIMENTO, Aurélio E. do & BARBOSA, José P. *Trabalho – História e tendências*. São Paulo: Ática, 1996.
- NOSELLA, Paolo. “Trabalho e Educação”. In: Gomez, Carlos M. et. alii (orgs.). *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1995, p. 27-41.
- OFFE, Claus. “Trabalho: a categoria chave da sociologia?” (trad. Lucia Hippolito). *RBCS*, 4(10): 5-10, jun., 1989.
- PAIS, José M. “Construção sociológica da juventude – alguns contributos”. *Análise Social*, vol. XXV, 1990.
- Revista Subjetividades Contemporâneas*. São Paulo: Sedes Sapientiae, ano 1, nº 1, 1997.
- SANTOS, Gerson T. et alii. *Orientações metodológicas para elaboração de trabalhos acadêmicos*. São Paulo: Gion Editora e Publicidade, 2000.
- SHWARTZ, Yves. “Pensar o trabalho e o valor” . (trad. Maria I. Rosa). *Idéias*. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp, 3(2): 109-121, jul/dez, 1996.
- SILVEIRA, Paulo & DORAY, Bernard (orgs.) *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice, 1989.
- TELLES, Vera da S. “A pobreza como condição de vida – família, trabalho e direitos entre as classes trabalhadoras urbanas”. *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, p. 37-45, abr/jun, 1990.
- VELLOSO, Jacques R. “Socialização e trabalho: escola e produção capitalista”. *Revista Educação e Sociedade*. São Paulo: s/e, nº 7, set., 1980.

Anexo

Perfil dos entrevistados

Nome	Idade	Gênero	Ocupação	Setor	E. Civil	Escolaridade	Município
Emílio	19	M	Torneiro Mecânico	Metalúrgico	Solt.	Ensino Médio	São Paulo
Amanda	20	F	Auxiliar de Montagem	Metalúrgico	Solt.	Ensino Médio	Jandira
Marcos	22	M	Ajudante de Produção	Químico	Solt.	Ensino Médio	Jandira
Edilene	24	F	Auxiliar de Montagem	Metalúrgico	Solt.	Ensino Médio (supletivo)	Jandira
Wando	21	M	Ajudante de Produção	Químico	Cas.	Ensino Médio Incompleto (2º ano)	Jandira
Kely	19	F	Auxiliar de Montagem	Metalúrgico	Solt.	Ensino Médio	Jandira
Fabiola	20	F	Auxiliar de Expedição	Vestuário	Solt.	Téc. Enfermagem (1º ano, em curso)	Jandira
Wellington	21	M	Auxiliar de Laboratório	Químico	Solt.	Ensino Médio (2º ano, em curso)	Jandira
Elvio	24	M	Operador de Máquina	Metalúrgico	Solt.	Ensino Médio	Mauá
Roberto	20	M	Mecânico de Manutenção	Metalúrgico	Solt.	Administração (2º ano, em curso)	Mauá
Wesley	19	M	Eletricista	Químico	Solt.	Ensino Médio	Mauá
Davi	23	M	Ajudante de Produção	Moveleiro	Solt.	Ensino Médio	Mauá
Denis	23	M	Mecânico de Refrigeração e Ar Condicionado	Const. Civil	Solt.	Ensino Médio	Mauá
Elton	18	M	Inspetor de Qualidade Tridimensional	Metalúrgico	Solt.	Ciência da Computação (1º ano, em curso)	São Paulo
Rogério	21	M	Inspetor de Qualidade Tridimensional	Metalúrgico	Solt.	Ensino Médio	São Paulo
Jorge	23	M	Operador de Máquina Especializada	Metalúrgico	Solt.	Direito (1º ano, em curso)	Cotia
Rone	24	M	Operador de Furadeira	Metalúrgico	Solt.	Mecatrônica (1º ano, em curso)	Osasco
Karina	19	F	Inspetora de Medida 1	Metalúrgico	Solt.	Adm. Com. Exterior (1º ano, em curso)	S. B. do Campo
Alex	19	M	Preparador de Carroceria	Metalúrgico	Solt.	Engenharia (1º ano, em curso)	Santo André
Erica	20	F	Ferramenteira	Metalúrgico	Solt.	Mecatrônica (1º ano, em curso)	Santo André